



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

THIAGO LEONARDO RIBEIRO

**A VARIAÇÃO LEXICAL NA *ROTA DO CAFÉ*:
ESTUDOS GEOSOCIOLINGUÍSTICOS NO NORTE DO
ESTADO DO PARANÁ**

Londrina
2017

THIAGO LEONARDO RIBEIRO

**A VARIAÇÃO LEXICAL NA *ROTA DO CAFÉ*:
ESTUDOS GEOSOCIOLINGUÍSTICOS NO NORTE DO
ESTADO DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino.

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Ribeiro, Thiago Leonardo .

A variação lexical na *Rota do Café* : estudos geossociolinguísticos no norte do Estado do Paraná / Thiago Leonardo Ribeiro. - Londrina, 2017.
205 f. : il.

Orientador: Fabiane Cristina Altino.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, , 2017.

Inclui bibliografia.

1. Português brasileiro - Tese. 2. Variação lexical - Tese. 3. Geossociolinguística - Tese.
I. Altino, Fabiane Cristina . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. . III. Título.

THIAGO LEONARDO RIBEIRO

A VARIAÇÃO LEXICAL NA *ROTA DO CAFÉ*:
ESTUDOS GEOSOCIOLINGUÍSTICOS NO NORTE DO ESTADO DO
PARANÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Abdelhak Razky
Universidade Federal do Pará - UFPA

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 14 de agosto de 2017.

Dedico este trabalho a minha amada mamãe, Maria Lúcia, que viveu esse mestrado comigo, assim como nos tempos do meu Tiro de Guerra, graduações etc.... a ela que acredita em mim, torce por mim, que dá sua vida por mim... uma mulher de muita fibra, a matriarca da família!

E aos cientistas da linguagem, linguistas, estudiosos da língua materna... com o intuito de mostrar que a língua portuguesa vai além do certo e errado... é muito mais que isso!

AGRADECIMENTOS

Como não somos autossuficientes...

Agradeço a meus pais, Mauro e Maria Lúcia, irmãs Thays e Twany, sobrinhos Theodora, Thomas e Tharcyzio, por todo amor, carinho e paciência. À minha família, meu amor incondicional e total gratidão.

À Profa. Fabiane Cristina Altino, minha orientadora nessa empreitada, por acreditar no meu potencial de pesquisador, por conduzir tudo com muita calma e tranquilidade. Sua postura é exemplar.

Agradeço à Profa. Vanderci de Andrade Aguilera e Prof. Aldelhak Razky por terem aceitado participar da minha banca examinadora. Sinto-me honrado em ter a contribuição de tão ilustres estudiosos da linguagem.

Ao casal Luciane Petrechi Martins e Luiz Carlos Martins, minha prima e seu marido, por todo apoio dispendido sem hesitação.

À minha amiga Geovana Lourenço de Carvalho, por ter sido o ponto de apoio, o esteio, enfim pela amizade construída... com você foi tudo mais legal!

Ao amigo José Francisco Quaresma, companheiro de estudos, ombro amigo, obrigado pelos almoços, cafés, caronas, incentivo, viagens, por ter me propiciado um crescimento interior e acadêmico, por me fazer acreditar em mim.

Ao amigo Luiz Rissardi, pela amizade, conversas, por ter me levado para Uraí e para o Distrito de Paiquerê entrevistar os informantes, por sempre ter me salvado quando precisei.

Ao meu cunhado Thiago Felipe de Oliveira, por me levar para Ribeirão Claro e me ajudar a conseguir os informantes por lá; por me salvar em Cambará quando a cidade não tinha ônibus para eu retornar a Jacarezinho.

Aos amigos Victor Freitas e Rafaella Cardoso pelos momentos de descontração, por terem ouvido minhas aventuras & desventuras.

Aos amigos mestrandos e doutorandos, mestres e doutores e professores que conheci ao longo do período nas disciplinas, estudos avançados e eventos: Lidiane Martins, Édina Almeida, Reinaldo Zanardi, Livia Oliveira, Bruna Barbosa, Dayse Lourenço, Taciane Marques, Vanessa Yida, Maranúbia Doiron, Greize Silva, Ed Galvão, Claudia Haully, Sandro Bochenek, Mariana Seccato, Eloisa Hamasaki, Profa. Joyce Baronas, Profa. Dircel Kailer, Prof. Otávio Goes, Profa. Fernanda Liberali, Prof. Marcelo da Silveira, Profa. Rosario Álvarez, dentre outros.

Aos que me ajudaram nessa empreitada Flávia Rossito, Amanda Chofard, Mariana Spagnolo, Vanessa Yida, Prof. Biluka (UENP/CB), D. Irene Toledo, Carolina S. Nogueira de Menezes, Profa. Tânia Scoparo (UENP/CJ), Rafael Sorpreso, Marlei Oliveira, Márcia Panfieti, Lisiane Freitas, Dayse Lourenço, Ana Cláudia Dévara, Taciane Marques.

Meus sinceros agradecimentos a Rodrigo Duarte Seabra, Valter Pereira Romano e Nathan Oliveira, os criadores do [JGVCLin] – *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*.

Aos 24 informantes que me permitiram adentrar suas casas, suas vidas, sua rotina, e saber um pouco de suas histórias e vivências.

À amiga Tati Giavina Leite, que sempre torceu por mim, imprimiu meus trabalhos acadêmicos, encadernou meus Lattes, etc.

Às amigas Roberta Said, Ana Carolina Castner Martins e Renata Diniz que mesmo distantes sempre acreditaram em mim.

Aos professores da minha vida... da Profa. Margarida da minha pré-escola até os amigos-professores da minha graduação e especialização em Letras da UENP/CJ que me deram a base letrada para seguir nos estudos da linguagem.

À Profa. Vera Maria Ramos Pinto, minha mentora intelectual, agradeço por toda oportunidade proporcionada, por acreditar em mim, pela amizade começada nos bancos escolares do Ensino Médio.

À Rosemeri, Ricardo e, principalmente Rosely, da secretaria de pós-graduação do CLCH/UEL, que, sempre atenciosos, sanavam minhas dúvidas.

Ao pessoal da Biblioteca Central e da Biblioteca Setorial de Ciências Humanas da UEL, que sempre muito solícitos me ajudavam a encontrar os livros que procurava.

Ao bibliotecário Marcos Moraes que me indicou a bibliotecária Marli Meisen Bleinroth, responsável pela Sala Londrina, na Biblioteca Pública Municipal de Londrina "Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza".

À CAPES que possibilitou a realização desses estudos geossociolinguísticos...

E a Deus que permitiu a finalização deste trabalho...

MUITO OBRIGADO !!!

Meu cafezal em flor!
Quanta flor, meu cafezal!
Meu cafezal em flor!
Quanta flor, meu cafezal!
Ai, menina, meu amor!
Minha flor do cafezal!
Ai, menina, meu amor!
Branca flor do cafezal!

Era a florada
Lindo véu de branca renda
Se estendeu sobre a fazenda
Qual um manto nupcial!
E de mãos dadas
Fomos juntos pela estrada
Toda branca e perfumada
Pela flor do cafezal.

Meu cafezal em flor...

Passa-se a noite
Vem o sol ardente e bruto
Morre a flor e nasce o fruto
No lugar de cada flor;
Passa-se o tempo
Em que a vida é todo encanto
Morre o amor e nasce o pranto
Fruto amargo de uma dor.

Meu cafezal em flor...

Flor do Cafezal
Cascatinha e Inhana
Compositor: Luiz Carlos Paraná

RIBEIRO, Thiago Leonardo. **A variação lexical na *Rota do Café***: estudos geossociolinguísticos no norte do Estado do Paraná. 2017. 205 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

Esta dissertação é resultado da pesquisa geossociolinguística empreendida com o escopo de registrar a herança lexical deixada pelos colonizadores de cidades que compõem a *Rota do Café*, registrando e analisando alguns itens lexicais, considerando a importância da cultura do café para o Brasil e, especialmente, para a região norte do Paraná. Apoiados nos princípios da Dialetologia, da Geografia Linguística, da Lexicologia e da Sociolinguística, o estudo se insere numa perspectiva pluridimensional, uma vez que tratamos da perspectiva diatópica, diasssexual e diageracional. Descrevemos e analisamos os dados recolhidos nos inquéritos *in loco*, resultantes das respostas dadas às questões presentes no instrumento de coleta de dados elaborado a partir dos questionários do *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB* (2001), *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR* (AGUILERA, 1994) e *Glossário da fala popular rural paranaense* de Rodrigues (2000). Para este estudo foram entrevistados quatro informantes em seis cidades, distribuídos em duas faixas etárias, 30 a 50 anos e 60 a 80 anos, de ambos os sexos, com pouca escolaridade, nascidos, preferencialmente, na localidade. Pretendemos, com a análise dos dados, inventariar parte da variação lexical estabelecida com a vinda dos colonizadores. Assim, a contribuição deste estudo é para a descrição da realidade linguística de nossa região, confirmando a heterogeneidade linguística no Paraná e no Brasil.

Palavras-chave: Variação lexical. Geossociolinguística. *Rota do Café*. Norte do Paraná.

RIBEIRO, Thiago Leonardo. **The lexical variation in the *Coffee Route***: geosociolinguistic studies in north of the State of Paraná. 2017. 205 p. Dissertation (Master's Degree in Language of Studies) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

This dissertation is the result of the geosociolinguistic research undertaken with the scope of registering the lexical inheritance left by the settlers from the cities that compose the *Coffee Route*, recording and analyzing some lexical items, considering the importance of the coffee culture for Brazil and especially for the northern region of Paraná. Based on Dialectology, Linguistic Geography, Lexicology and Sociolinguistics principles, the study is inserted in a multidimensional perspective, once we deal with the diatopic, diasexual and diagenational perspective. We described and analyzed the data collected in the surveys *in loco*, resulting from the answers given to the questions present in the data collection instrument elaborated from the questionnaires of the *Brazil Linguistic Atlas - ALiB* (2001), *Paraná Linguistic Atlas - ALPR* (AGUILERA, 1994) and *Glossary of popular rural talks Paranaense* of Rodrigues (2000). For this study, four informants were interviewed in six cities, distributed in two age groups, 30 to 50 years old and 60 to 80 years old, both sexes, with little schooling, born in the locality, preferably. We intend, with the analysis of the data, to inventory part of the lexical variation established with the arrival of the colonizers. Thus, the contribution of this study is to describe the linguistic reality of our region, confirming the linguistic heterogeneity in Paraná and Brazil.

Keywords: Lexical variation. Geosociolinguistics. *Coffee Route*. North of Paraná.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Localidades que compõem a <i>Rota do Café</i> no Norte do Paraná	15
Figura 2 –	Base cartográfica – rede de pontos linguísticos	41
Figura 3 –	Carta 46 do ALPR com a distribuição diatópica e diasssexual das variantes para banana dupla	61
Figura 4 –	Carta linguística para a questão 08 - banana dupla	63
Figura 5 –	Carta linguística para a questão 24 - libélula	71
Figura 6 –	Carta linguística para a questão 36 - pessoa sovina	80
Figura 7 –	Carta 79 do ALPR com a distribuição diatópica e diasssexual das variantes para peça íntima do vestuário masculino	86
Figura 8 –	Carta linguística para a questão 39 - cueca	88
Figura 9 –	Carta 80 do ALPR com a distribuição diatópica e diasssexual das variantes para alpargata	94
Figura 10 –	Carta linguística para a questão 41 - alpargatas	96
Figura 11 –	Carta linguística para a questão 42 - braguilha	102
Figura 12 –	Carta linguística para a questão 44 - piruá	109
Figura 13 –	Carta linguística para a questão 53 - pachola	117
Figura 14 –	Carta 88 do ALPR com a distribuição diatópica e diasssexual das variantes para virar cambota	122
Figura 15 –	Carta linguística para a questão 59 - cambalhota	124
Figura 16 –	Carta linguística para a questão 64 - semáforo	130
Figura 17 –	Carta linguística para a questão 70 - interruptor de luz	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Atlas estaduais.....	30
Quadro 2	– Procedência dos informantes.....	49
Quadro 3	– Estrutura do questionário	53
Quadro 4	– Itens para análise.....	58
Quadro 5	– Respostas dadas à questão 08 por localidade	59
Quadro 6	– Respostas dadas à questão 08 por sexo	64
Quadro 7	– Respostas dadas à questão 08 por faixa etária	65
Quadro 8	– Respostas dadas à questão 24 por localidade	67
Quadro 9	– Respostas dadas à questão 24 por sexo	72
Quadro 10	– Respostas dadas à questão 24 por faixa etária	73
Quadro 11	– Respostas dadas à questão 36 por localidade	74
Quadro 12	– Respostas dadas à questão 36 por sexo	81
Quadro 13	– Respostas dadas à questão 36 por faixa etária	82
Quadro 14	– Respostas dadas à questão 39 por localidade	84
Quadro 15	– Respostas dadas à questão 39 por sexo	89
Quadro 16	– Respostas dadas à questão 39 por faixa etária	90
Quadro 17	– Respostas dadas à questão 41 por localidade	91
Quadro 18	– Respostas dadas à questão 41 por sexo	97
Quadro 19	– Respostas dadas à questão 41 por faixa etária	98
Quadro 20	– Respostas dadas à questão 42 por localidade	99
Quadro 21	– Respostas dadas à questão 42 por sexo	103
Quadro 22	– Respostas dadas à questão 42 por faixa etária	104
Quadro 23	– Respostas dadas à questão 44 por localidade	105
Quadro 24	– Respostas dadas à questão 44 por sexo	110
Quadro 25	– Respostas dadas à questão 44 por faixa etária	111
Quadro 26	– Respostas dadas à questão 53 por localidade	112
Quadro 27	– Respostas dadas à questão 53 por sexo	118
Quadro 28	– Respostas dadas à questão 53 por faixa etária	119
Quadro 29	– Respostas dadas à questão 59 por localidade	120
Quadro 30	– Respostas dadas à questão 59 por sexo	125
Quadro 31	– Respostas dadas à questão 59 por faixa etária	126
Quadro 32	– Respostas dadas à questão 64 por localidade	127

Quadro 33	–	Respostas dadas à questão 64 por sexo	131
Quadro 34	–	Respostas dadas à questão 64 por faixa etária	132
Quadro 35	–	Respostas dadas à questão 70 por localidade	133
Quadro 36	–	Respostas dadas à questão 70 por sexo	137
Quadro 37	–	Respostas dadas à questão 70 por faixa etária	137

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CAFÉ NO BRASIL E NO PARANÁ	18
3	REVISÃO DE LITERATURA	24
3.1	CONCEITOS TEÓRICOS	24
3.2	O LÉXICO NA SUA DIMENSÃO DIALETAL	27
3.3	ENTRE O RURAL E O URBANO	37
4	METODOLOGIA	40
4.1	REDE DE PONTOS LINGUÍSTICOS	40
4.1.1	Histórico dos Municípios	41
4.1.1.1	Ribeirão Claro	41
4.1.1.2	Cambará	42
4.1.1.3	Santa Mariana	43
4.1.1.4	Uraí	44
4.1.1.5	Londrina	45
4.1.1.6	Rolândia	47
4.2	PERFIL DOS INFORMANTES	48
4.3	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	50
4.3.1	Da Composição de um Questionário para esta Dissertação	50
4.4	CARTOGRAFAÇÃO DOS DADOS	55
4.5	APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	57
4.6	GLOSSÁRIO DA VARIAÇÃO LEXICAL NA <i>ROTA DO CAFÉ</i>	57
5	ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	58
5.1	QUESTÃO 08 – BANANA DUPLA	59
5.2	QUESTÃO 24 – LIBÉLULA	66
5.3	QUESTÃO 36 – PESSOA SOVINA	74
5.4	QUESTÃO 39 – CUECA	84
5.5	QUESTÃO 41 – ALPARGATAS	91
5.6	QUESTÃO 42 – BRAGUILHA	99

5.7	QUESTÃO 44 – PIRUÁ	105
5.8	QUESTÃO 53 – PACHOLA.....	112
5.9	QUESTÃO 59 – CAMBALHOTA.....	120
5.10	QUESTÃO 64 – SEMÁFORO	127
5.11	QUESTÃO 70 – INTERRUPTOR DE LUZ.....	133
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
	REFERÊNCIAS.....	142
	APÊNDICES	150
	APÊNDICE A – Questionário para verificação do léxico na <i>Rota do Café</i>	151
	APÊNDICE B – Ficha do informante	177
	APÊNDICE C – Ficha dos dados sobre a localidade.....	179
	APÊNDICE D – Glossário da variação lexical na <i>Rota do Café</i>	181
	ANEXOS	191
	ANEXO A – Fotos do <i>Album do Paraná</i>	192
	ANEXO B – Fotos da revista <i>Living Vectra</i>	202

1 INTRODUÇÃO

O Paraná é um mosaico vivo de dezenas de povos e culturas diversificadas, [...] assimilando mutuamente, em maior ou menor escala, seus costumes e hábitos, inclusive e sobretudo os linguísticos (AGUILERA, 1998, p.99).

Do Bacharelado em Direito pela Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro - FUNDINOPI (atual Universidade Estadual do Norte do Paraná, *Campus Jacarezinho*) e Especialização em Direito e Processo do Trabalho pela UNIDERP, para o curso de Letras Português/Inglês, também da UENP/CJ, deparamo-nos com a Linguística, como um novo universo se descortinando no horizonte. Ao concluir a Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela mesma IES, passamos a frequentar os bancos acadêmicos da UEL, cursando disciplinas do PPGEL como aluno especial, em *Dialetologia e Geolinguística no Brasil e Variação Linguística e Ensino*, propiciando a elaboração do projeto de mestrado nessa seara.

Motivados pela variação linguística, objeto teórico da Dialetologia e da Sociolinguística, e albergados pelo princípio da diversidade linguística, propomos levantar o panorama geossociolinguístico em cidades que compõem a *Rota do Café*, no Norte Pioneiro e Norte Central do Estado do Paraná.

Esclarecemos o nome Norte Pioneiro pelo fato de a ocupação do Norte ter se iniciado por essa região, que também já foi conhecida por Norte Velho, região do Valuto e Panema. E que, segundo Steca e Flores (2002, p. 117), são “denominações dadas à região situada entre os rios Paranapanema, Itararé e Tibagi. Compreendendo as cidades de Curiúva e Wenceslau Braz”. Já o Norte Central, também chamado Norte Novo, por sua colonização ter acontecido de maneira diferente do Norte Pioneiro, por uma empresa de colonização como a *Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio*, “limita-se ao Norte com o Rio Paranapanema, ao Sul com a cidade de Manoel Ribas, a Leste com o Rio Tibagi e a Oeste com o Rio Ivaí, compreendendo as cidades-polo de Londrina, Maringá, Apucarana e Ivaiporã” (STECA; FLORES, 2002, p. 133).

O Projeto de Turismo *Rota do Café*, lançado em 2009 e ainda em desenvolvimento pelo SEBRAE/PR, foi criado com o objetivo de resgatar a história

dos tempos de glória do ouro verde (como era chamado o café) vivido pelos produtores. Proporciona aos visitantes uma oportunidade de retorno às origens, conhecendo a história e vivenciando os atrativos naturais e culturais do norte do Paraná, com roteiros elaborados de acordo com o perfil e necessidade de cada um, incluindo visitas às fazendas históricas, centros culturais, restaurantes rurais e lugares pitorescos. O trajeto em 2014 (quando da elaboração do projeto de pesquisa) tinha início no município de Ribeirão Claro e seguia por Cambará, Santa Mariana, Uraí, Iporã, Cambé, Rolândia, Londrina, São Jerônimo da Serra, terminando em Tamarana, como podemos visualizar na figura 1.

Figura 1 – Localidades que compõem a *Rota do Café* no Norte do Paraná



Fonte: site Rota do Café

Atualmente conta com atrações ligadas à temática do café, em aconchegantes pousadas, cafeterias, restaurantes e agroindústrias, e fazendas históricas e produtivas localizadas em nove municípios¹. Sobre a referida rota, Machado escreve em matéria publicada na revista *Living Vectra* (2016, p. 62):

A Rota do Café é um produto turístico genuinamente “pé vermelho”. O roteiro abrange cerca de nove cidades do norte do Paraná e conta com mais de 20 atrações, envolvendo museus, memoriais, fazendas de café produtivas e históricas, cafeterias e agroindústrias. Em 2011 foi premiada pelo Ministério do Turismo como caso de sucesso dos

¹ Informações constantes em <http://www.rotadocafe.tur.br/rota-do-cafe.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.

roteiros turísticos brasileiros, do Macro Programa de Regionalização do Turismo.

Apresentada a área geográfica investigada, consubstanciamos os objetivos desta dissertação, com fundamento nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação diatópica e atentos às implicações de natureza social:

Objetivo Geral:

- Inventariar parte da variação lexical estabelecida com a vinda dos colonizadores, realizando o registro dessa herança linguística e o estudo de alguns itens lexicais;

Objetivos específicos:

- Descrever e analisar as variantes lexicais coletadas;
- Oferecer subsídios para o conhecimento da realidade linguística da área estudada.

Assim, suscitamos a hipótese de que há resquícios da linguagem dos colonizadores dessa região como uma influência cultural deixada no léxico da população local, tendo em vista que nossa região foi ocupada por um grande fluxo migratório, recebendo pessoas vindas de outros países como os europeus e os asiáticos e os imigrantes nacionais como mineiros, paulistas e nordestinos.

Para a consecução desses intentos, elaboramos nosso instrumento de coleta de dados com base nos questionários do *ALIB* (2001), *ALPR* (1994) e *Glossário da fala popular rural paranaense* (2000).

Não pretendemos abordar o léxico da cultura cafeeira neste trabalho, mas obter unidades léxicas nos seis pontos investigados, quais sejam, Ribeirão Claro, Cambará, Santa Mariana, Uraí, Londrina e Rolândia, colonizados e fundados em decorrência da importância do café. Com as diversas maneiras de dizer a mesma coisa, diferentes formas de nomear referentes, com as variantes lexicais levantadas *in loco*, evidenciamos características do vocabulário da região, perfazendo um panorama linguístico.

Diante da riqueza cultural da conjuntura foco da presente pesquisa, o estudo do léxico da comunidade do entorno, se mostra importante, já que nos permite contemplar o valor atribuído pela comunidade ao contexto cultural e linguístico, manter a memória, bem como registrar e documentar a diversidade lexical (ALVES; BARROS, 2009, p. 15).

Para Tarallo (1999, p. 14), a língua pode representar “um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”.

Nessa esteira, depreendemos que cada região do país tem seu patrimônio linguístico, que deve ser exaltado, não podendo ser desconsiderada essa riqueza linguística oriunda do processo histórico e cultural em torno da cafeicultura norte paranaense, justificando, então, que se façam os devidos registros para posteriores estudos e para que se perpetue a nossa história regional no português brasileiro.

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. Depois da introdução, temos o capítulo 2 - Café no Brasil e no Paraná - com informações sobre o processo histórico e social do café, fator determinante da colonização das localidades que compõem nossa rede de pontos. O capítulo 3 - Revisão de literatura - abarca as teorias em que nos amparamos para a pesquisa geossociolinguística. No capítulo 4 - Metodologia - apresentamos as informações metodológicas que orientaram o trabalho: a rede de pontos, perfil dos informantes, instrumento de coleta de dados e o *corpus* da pesquisa. O capítulo 5 - Análise do *corpus* - contempla descrição e análise dos itens lexicais com as respectivas cartas linguísticas. Após esse último capítulo, seguem as considerações finais, bem como as referências, apêndices e anexos.

2 CAFÉ NO BRASIL E NO PARANÁ

Em seu auge a cafeicultura paranaense atraiu pessoas de dentro e de fora do país, fosse para investir em terras no Estado ou à procura de trabalho e melhores condições de vida. O café trouxe povoamento, modernização e dinamizou os transportes e as comunicações. Em função do 'ouro negro', como o café foi chamado na época, muitas cidades enriqueceram (PRIORI; et al., 2012, p. 102).

Segundo estudos de Castro (2001, p. 25-26), o café se destaca como fator responsável pela colonização das terras do Brasil, ensejando a miscigenação da população brasileira, dentre outros fatores socioeconômicos, já que atraiu muitos imigrantes para o país, bem como estimulou a migração interna.

O café começou a fazer história no Brasil em 1727, trazido por Francisco de Mello Palheta, que o ganhou de presente na Guiana Francesa onde foi mediar uma questão fronteiriça com a Guiana Holandesa. Após ter se difundido pelo Norte e Nordeste, chega ao Rio de Janeiro em 1760, expandindo-se com o enfraquecimento do ouro em Minas Gerais (POZZOBON, 2006, p. 22).

Devido às condições climáticas propícias, o cultivo de café se espalhou rapidamente, com produção voltada para o mercado doméstico. Em sua trajetória pelo Brasil, o café passou pelo Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Em curto espaço de tempo, o café passou de uma posição relativamente secundária para a de produto-base da economia brasileira. Desenvolveu-se com total independência, ou seja, apenas com recursos nacionais, sendo, afinal, a primeira realização exclusivamente brasileira no que tange à produção de riquezas.

O Paraná passou a figurar como produtor e exportador de café a partir do início do século XX, embora a planta já fosse cultivada desde meados do século XIX naquele território. Se considerarmos que o Paraná fez parte da província de São Paulo até 1853, sua história tem origem e ligação econômica com o Estado de São Paulo pelo estabelecimento de uma relação de complementaridade e dependência (POZZOBON, 2006, p. 22).

Em virtude das políticas de restrição da produção do café impostas pelo Estado de São Paulo aos produtores locais, que incluía a proibição de plantio pelo lapso temporal de cinco anos, a região Norte do Paraná foi o destino procurado pelos agricultores paulistas como alternativa às políticas de seu governo estadual supramencionadas, bem como para obtenção de terras férteis, já que as daquele estado estavam se tornando escassas e infrutíferas (PRIORI; *et al*, 2012, p. 93).

Para o Estado do Paraná tal migração demonstrou-se interessante, pois concretizou a ocupação do seu território, bem como o propulsionou ao status de estado altamente produtor, com uma receita vultosa.

O Governo do Estado quando percebeu que o futuro do Paraná estava no café, criou políticas de apoio – condenando as imposições dos outros Estados, principalmente de São Paulo – e começou a incentivar a colonização da região Norte, promovendo a venda de terras públicas e encorajando a participação de companhias privadas.

Nas primeiras terras ocupadas com cafeeiros, no chamado Norte Pioneiro, foram estabelecidas grandes fazendas com vastas plantações. Mas no Norte Novo, que teve uma ocupação promovida pelas companhias colonizadoras privadas, foi desenvolvido um método de distribuição das terras em pequenos lotes, já que seria mais factível encontrar compradores para lotes menores de terras (STECA; FLORES, 2002, p. 195).

A Companhia de Terras Norte do Paraná é um exemplo no empreendimento desse modo de ocupação, com forte exercício na área chamada Norte Novo – localizada à margem esquerda do rio Tibagi, onde, inicialmente, estimulou a produtividade de algodão como matéria prima destinada ao seu país de origem, a Inglaterra. Porém, diante do insucesso de tal empreitada, começou a vender terras em pequenos lotes. Essa e outras companhias, com tal técnica de comercialização de terras, foram responsáveis pelo “boom” imigracional no estado, o que elevou o Paraná a principal fronteira agrícola do país, tendo os imigrantes como elemento crucial para o desenvolvimento demográfico e econômico da região (PRIORI; *et al*, 2012, p. 95-96).

Porém, esse cenário promissor foi devastado por um evento da natureza: a grande geada de 18 de julho de 1975. Vejamos o relato do referido evento nas palavras de Pozzobon (2006), especialista em café e cafeicultura:

[...] À zero hora os termômetros registravam temperatura de 0° C, evoluindo rapidamente para até -5° C. A região amanheceu sob intensa formação de geada afetando café, pastagens, trigo, cana, rami e hortaliças. Os cafeeiros foram atingidos até o tronco comprometendo 100% da safra seguinte e parte das subseqüentes. O mercado físico de café paralisou e a Bolsa de Nova Iorque registrava alta de 900 pontos, limite permitido. O governo, através do IBC, expediu “resolução” suspendendo o registro de declarações de venda do café até o levantamento dos danos causados. Os prejuízos para o café foram estimados em US\$ 4 a 4,5 bilhões (POZZOBON, 2006, p. 147).

Entretanto, o referido evento não pode ser responsabilizado isoladamente pela queda do domínio cafeeiro no Paraná, atentemos para a seqüência de infortúnios: houve outra forte geada anteriormente, em 1969; o surgimento da doença chamada ferrugem do café; havia uma escalada inflacionária; os salários industriais traziam concorrência aos empregos rurais; a legislação trabalhista começou a ser instituída aos trabalhadores rurais; a soja é apresentada como cultura agrícola alternativa ao anterior domínio cafeeiro (POZZOBON, 2006, p. 150). Não foi o fim da cafeicultura paranaense, porém, após a mencionada geada de 1975, tal cultura entra em crescente processo decadencial, ampliando-se o espaço para desenvolvimento de culturas agrícolas alternativas, com fulcro na mecanização e modernização dos plantios, adequando-se aos avanços tecnológicos (POZZOBON, 2006, p. 161).

Destacamos que a região norte do Paraná, com terra roxa e muito fértil, era até algumas décadas uma extensa floresta inexplorada. O impacto econômico e social provocado pela cultura cafeeira pode ser comparado, sem exageros, aos impactos da cana-de-açúcar no Nordeste brasileiro no período colonial, ao do ouro na região das Minas Gerais no século XVIII. Nesta região, o café transformou vazios geográficos em regiões prósperas e urbanizadas².

Para vislumbrar esse momento da história do norte paranaense, disponibilizamos em anexo algumas imagens tendo por base o *Album do Paraná*, obra organizada com fotos e informações sobre fazendas de café e seus proprietários (ver ANEXO A), bem como fotos da Revista *Living Vectra* (ed. 18, 2016) em matéria sobre a bebida que impulsionou o desenvolvimento econômico e

² Isso se deve ao “pé-vermelho”, nome dado aos que ergueram o Norte do Paraná através do café. Segundo Pozzobon (2006, p. 24), tal apelido se estende à população norte paranaense que se caracteriza pelos pés e calçados avermelhados pela cor da terra.

social do Estado, com sabores e sentimentos vivenciados na *Rota do Café* (ver ANEXO B).

Importante destacar que, sinteticamente, a história da ocupação do Paraná pode ser contada a partir de três ondas povoadoras, em conjunturas diversas e com motivações distintas:

a do **Paraná tradicional**, que se esboçou no século XVII, com a procura do ouro, e estruturou-se no século XVIII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e no comércio do gado e, mais tarde, no século XIX, nas atividades extrativas e no comércio exportador da erva-mate e da madeira; e as do **Paraná moderno**, já no século XX, sendo a do **Norte**, com a agricultura tropical do café e que, pelas origens e interesses históricos, ficou, a princípio, mais diretamente ligada a São Paulo, e a do **Sudoeste e Oeste**, dos criadores de suínos e plantadores de cereais que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986, p. 09 - destaque dos autores).

No *Almanaque Abril* (2011, p. 663), consta que a população da Região Sul foi formada por imigrantes europeus que começaram a chegar ao final do século XIX, contribuindo para o desenvolvimento da economia, baseada na pequena propriedade rural de policultura. Os índios ocupavam a região na época do descobrimento; espanhóis e portugueses chegam com as missões jesuíticas; e os negros são trazidos como escravos. Italianos, eslavos e alemães se fixam no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, açorianos colonizam o litoral; alemães se estabelecem na Região Norte; e italianos, o planalto e a porção oeste. No Paraná, fixam-se italianos, alemães e japoneses. Entre 1920 e 1970 diminui a imigração, mas melhora a qualidade de vida, o que aumenta a migração interna, sobretudo de paulistas e mato-grossenses, para as lavouras do norte do Paraná. A partir dos anos 1970, com o êxodo rural, em virtude da sequência de infortúnios e cafeicultura coroada pela grande geada de 1975, as famílias começam a voltar para São Paulo.

Até a década de 70, o café gerou centenas de milhares de empregos no Paraná, colocou alimento nas mesas de milhares de famílias e gerou muita riqueza, a ponto de tornar, como já dito, o maior Estado produtor. A cultura cafeeira proporcionou oportunidades nas diversas etapas de sua produção: no plantio e na

capina das roças; na colheita, na comercialização e no transporte até as máquinas de beneficiamento³.

Vários empreendimentos contemporâneos consolidados na área geográfica em estudo fazem referência ao café, configurando o prestígio e destaque do produto, como a *Fescafé*, Expo Feira do Café, Indústria, Comércio e Pecuária, de Ribeirão Claro, com shows, rodeio, palestras técnicas, etc., que ocorre sempre no mês de julho⁴. Outro exemplo é a *FICAFÉ – Feira Internacional de Cafés Especiais do Norte Pioneiro do Paraná*, que ocorre em Jacarezinho, no mês de outubro, com notoriedade de maior evento da cafeicultura do Sul do Brasil, onde produtores e compradores de café se reúnem, tendo como atrativos a exposição de máquinas e equipamentos para a cafeicultura, degustação de cafés especiais, workshops, palestras e relacionamentos dos membros dessa importante cadeia produtiva⁵.

Já em Londrina, temos: o *Cine Teatro Ouro Verde*, inaugurado em 24 de dezembro de 1952, enquanto a cidade vivia o auge da exploração cafeeira, daí o nome *Ouro Verde*⁶; o *Bourbon Londrina Business Hotel*, primeiro hotel da *Rede Bourbon*⁷, inaugurado em outubro de 1963, fruto da visão empreendedora da família Vezozzo, que empregou em sua construção a expertise em construção civil com os recursos originados nas lavouras de café⁸; ainda, o *Catuaí Shopping Center de Londrina*, cujo nome está relacionado à região Norte do Paraná onde germinou o Eldorado do Café.⁹

Segundo informações de Piori *et al* (2012), o cenário cafeeiro hodierno do Brasil é o seguinte:

³ Disponível em: <http://www.rotadocafe.tur.br/index.php>. Acesso em: 17 ago. 2014.

⁴ Mais informações em <http://www.fescafe.com.br/site/>.

⁵ Mais informações em <http://www.ficafe.com.br/>.

⁶ Mais informações em <http://identidadelondrina.com.br/bens-patrimoniais/teatro-cine-ouro-verde/>.

⁷ Ressaltamos que *bourbon* é uma das variedades de café mais populares no mercado cafeeiro, muito consumida pelo mundo todo.

⁸ Mais informações em <http://www.bourbon.com.br/hotel/midscale-pt/business-hotel-pt/bourbon-londrina-business-hotel/>.

⁹ No idioma Tupi-Guarani, *catuaí* significa ótimo, muito bom e o termo também foi escolhido para nomear uma variedade de café predominante no pioneiro norte do Paraná. O shopping foi inaugurado em novembro de 1990 e é o maior do sul do país em ABL (Área Bruta Locável). Mais informações em <http://catuailondrina.com.br/ShoppingDetalhe>.

Atualmente o Brasil é o maior produtor mundial de café e responde por 30% do mercado internacional do produto. É também o segundo mercado consumidor, ficando somente atrás dos Estados Unidos. O café continua sendo uma riqueza para o Brasil, geradora de empregos e movimentadora de grande quantia de dinheiro. As áreas produtoras de café estão concentradas no Centro-sul do país, destacando-se os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Paraná (PRIORI; *et al*, 2012, p. 103).

Como podemos verificar, o café contribuiu de forma significativa para a efetiva formação e desenvolvimento socioeconômico e cultural do norte do Paraná. Através dele, surgiram muitos municípios compostos por migrantes internos e imigrantes de diversas regiões mundiais, que resultou na singular especificidade cultural da região. Ainda hoje, o referido grão possui seu papel de destaque na economia e culinária do país.

3 REVISÃO DE LITERATURA

[...] a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama de nossas vidas (SAPIR, 1980, p. 165).

Corroborando a epígrafe de Sapir (1980), impossível estudar uma língua/linguagem, se não levarmos em consideração toda a diversidade a ela inerente, devido a fatores linguísticos e extralinguísticos, uma vez que toda língua, no caso o português do Brasil, é constituída da miscigenação de várias etnias, de várias culturas.

3.1 CONCEITOS TEÓRICOS

Diante disso, iniciamos a revisão de literatura que forneceu o aparato teórico para a constituição de nossa pesquisa, com abordagem do conceito de língua, da constituição do português do Brasil, para depois, então, abordarmos o conceito de dialetologia, geolinguística e variação linguística, pilares do nosso trabalho.

Conforme ensinamentos de Faraco (2008), não há uma definição de língua por critérios puramente linguísticos, mas fundamentalmente por critérios políticos e culturais. Para o autor:

[...] uma língua é constituída por um conjunto de variedades. Em outras palavras, não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea (FARACO, 2008, p. 32).

Para o filólogo brasileiro Silva Neto, a língua é uma manifestação do homem ligada à cultura e à civilização:

[...] As línguas são o que delas fazem as sociedades que as empregam; a vontade dos que as falam intervém, contribuindo para o seu destino – escreveu Meillet em um dos seus mais apreciados livros. Assim a história de uma língua corre parrelhas com a história política e social dos homens que a falam (SILVA NETO, 1960, p. 19).

Correlacionando língua e cultura, Silva Neto esclarece:

A língua constitui, sem dúvida possível, o mais importante traço da cultura; nada ganha, porém, em isolar-se dos demais. Pelo contrário, o seu verdadeiro realce só se nota no confronto com os outros elementos que, reunidos, vem a ser a complexa teia da vida (SILVA NETO, 1960, p. 21).

Câmara Jr entende cultura como “[...] o conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste com o mundo físico e o mundo biológico” (1955, p. 51). E a seguir conclui: “Então o produto vocal adquire um valor humano e é linguagem. Trata-se pois, essencialmente, de um fato cultural; é um produto do homem na base das suas faculdades humanas, tanto como outros produtos materiais ou mentais” (1955, p. 52).

Ainda, nesse viés, Câmara Jr. defende que “[...] a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é – o resultado dessa cultura, ou sua sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la” (1955, p. 54).

Diante disso, observamos que a língua pode apresentar inúmeras variações, dentro mesmo de um sistema linguístico comum. Ela reflete, portanto, “uma determinada herança étnico-cultural, e é a representação de uma consciência nacional” (FERNANDES, 2010, s.p.).

A constituição do português brasileiro, por exemplo, é bastante diversificada pelo seu contexto de formação histórica. Para Oliveira (2007), o porquê da diversidade linguística do Brasil está associado à origem da Língua Portuguesa falada no Brasil, e afirma que

trajeto histórico [da L.P.] nos mostra uma fotografia dos dialetos, falares, sotaques, espécies de linguagem, empréstimos, influências indígenas e negras, e, ainda, da identificação das classes sociais e atividades profissionais, realçando as relações interpessoais por meio da língua geral, dos crioulos, tudo com reflexo nas diferentes manifestações lingüísticas utilizadas atualmente (OLIVEIRA, 2007, p. 07, complemento nosso).

Neste contexto, Mattos e Silva (2004, p 21) versa sobre o português imposto como língua de colônia pelo Marquês de Pombal (em 1757), alterando a possibilidade de o Brasil ser uma nação de língua majoritariamente indígena, uma vez que a história mostra que naquele Brasil rural uma língua geral de base indígena se estabelecia como língua popular.

A autora cita Antonio Houaiss (1985, p. 91) ao prelecionar que o “português brasileiro nasce com diversidade” e, complementa, afirmando que “vive e convive com ela, tanto regional como social”.

Com isso, Mattos e Silva nos ajuda a resgatar a origem do português brasileiro, com sua forma complexa fruto da interação entre:

- a *língua do colonizador* (e, portanto, do poder e do prestígio),
 - as numerosas *línguas indígenas brasileiras*,
 - as também numerosas *línguas africanas* chegadas pelo tráfico negreiro (oficial entre 1549 e 1830, não oficial antes e depois desses limites),
 - e finalmente as *línguas dos que emigraram* para o Brasil da Europa e da Ásia, sobretudo a partir de meados do século XIX.
- Dessa potencial Babel lingüística, foi se definindo, ao longo de quinhentos anos – pouco tempo para a história de uma língua – o formato brasileiro contemporâneo da língua portuguesa (MATTOS e SILVA, *online*).

Para Fioravanti (2015), essa peculiaridade de “Babel linguística” atribuída à língua portuguesa

reflete a mistura de povos formadores do país, explica em boa parte as variações regionais de vocabulário e de ritmos, sintetizadas em um mapa dos falares do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. É fácil encontrar variações em um mesmo estado: os moradores do norte de Minas falam como os baianos, os da região central mantêm o autêntico mineirês, no sul a influência paulista é intensa e a leste o modo de falar assemelha-se ao sotaque carioca (FIORAVANTI, 2015, p. 21-22).

Diante disso, é a partir do entendimento do pluralismo linguístico que se entende que existem muitas variedades no português do Brasil, que nossa língua não é homogênea, que o português falado no Brasil é diferente do português falado em Portugal.

3.2 O LÉXICO NA SUA DIMENSÃO DIALETAL

Assim, com o intuito de registrar as particularidades linguísticas de cada espaço geográfico, surge a dialetologia, “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

Constatamos que a dialetologia no Brasil e no mundo vem se alterando, não envolvendo apenas a relação língua-espaço, expressão balizada por Cardoso (2010). A exemplo, destacamos a dialetologia pluridimensional que, de acordo com Thun (2005, p. 67), tem como uma de suas finalidades principais “combinar a dialetologia areal com a sociolinguística (e a pragmática) para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística”.

Para Thun (2005, p. 63), a pluridimensionalidade está presente desde os inícios da dialetologia românica, quando Dante Alighieri, em *De Vulgari Eloquentia* (I, cap. X),

não pensava somente nos tantos “idiomas” das regiões da Itália, mas, com certeza, também nas diferenças entre a maneira de falar dos homens e das mulheres (cap. XIV), dos velhos e dos jovens (cap. IX), das distintas profissões (cap. VII) e, evidentemente, dos estilos (Liber II).

Como exemplo de dimensões e parâmetros, cabível trazer a distinção feita por Thun (2005, p. 71), no tocante ao *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU*: dialingual (espanhol x português), diatópico-topostático (A x N), diatópico-cinética (topostático x topodinâmico), diastrática (classe alta x classe baixa), diageracional (geração I x geração II), diassexual

(homens x mulheres), diafásica (respostas x leitura x conversa livre), diarreferencial (fala “objetiva” x fala meta-linguística).

Por sua vez, a Geolinguística, hoje uma área da Dialetoлогия, consiste em um modo de estudar a diversidade da linguagem por meio de atlas linguísticos, uma série de mapas do mesmo território, sendo um mapa para cada conceito ou fonema (série de fonema), cuja existência tenha sido comprovada pelo investigador numa rede de pontos (localidades) previamente estabelecida (COSERIU, 1987, p. 82).

Bassi e Margotti (2012, p. 50) corroboram o alegado, versando que

A Geolinguística ou a geografia linguística, conforme Elizaincin (1992), foi o método mais calculadamente elaborado dentro da dialetologia, já que se preocupava com a diatopia e com o resgate de antigos dialetos regionais. Desse modo, é bom não confundir dialetologia e geolinguística, pois esta é um método utilizado pela dialetologia.

Na visão de Barbosa-Doiron (2010, p. 115),

Cabe à dialetologia descrever, examinar e compreender de que forma elementos de ordem sócio-históricas operam nos falares regionais de uma língua. Já à geolinguística, atrelada aos estudos dialetológicos, compete reproduzir e classificar, dentro de um espaço delimitado, por meio de mapas e cartas específicas, as variações dialetais registradas em dado grupo social.

Da junção das metodologias de pesquisa da Geolinguística e da Sociolinguística resultam os estudos geossociolinguísticos, muito comuns na investigação de temas ligados à variação lexical, fonológica, morfofonológica e morfossintática (COELHO *et al*, 2015, p. 24).

Na busca por um retrato linguístico das diversidades regionais, conforme afirma Altino (2009, p. 34), temos a migração, o contato entre as culturas, o menor ou o maior grau de acesso à mídia e à escolaridade, entre outros fatores, contribuindo para que a língua seja cada vez mais dinâmica e sofra mudanças continuamente.

As pesquisadoras Cuba e Isquierdo (2009, p 146) complementam o raciocínio:

O homem, ao migrar de um local a outro, transporta consigo seus conhecimentos e sua linguagem. Interagindo com indivíduos de culturas diferentes, os integrantes de uma comunidade externam sua concepção de mundo e, concomitantemente, assumem as características pertencentes a outros grupos e a outras culturas.

Altino (2009) expõe que o Estado do Paraná é um dos pioneiros nos estudos dialetológicos, com a publicação do *Atlas Linguístico do Paraná* em 1994 – resultado da tese de doutoramento em Letras da Profa. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) pela UNESP/Assis (1990). Observa a autora que o estudo do português falado no Paraná pode ser dividido em duas fases: do fim do século XIX até a década de 40 do século XX e a outra que se inicia na década de 50 do século passado até agora.

Sobre o início do estudo do léxico paranaense, Altino (2009) destaca

Foi a partir do trabalho do General José Cândido da Silva Muricy, apresentado por Andrade Muricy durante o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada no Rio de Janeiro (1938), que o estudo do léxico paranaense passou a tomar corpo. Segundo Andrade Muricy, o General empenhou-se em descrever suas viagens pelo interior do Estado e, em sua obra, relacionou 236 vocábulos dispostos em ordem alfabética contendo explicações de uso ou significado do dialeto falado no Extremo Oeste paranaense (ALTINO, 2009, p. 38).

A seguir, de maneira exemplificativa¹⁰, elencamos trabalhos representativos da Dialetologia e Geolinguística no Paraná: *Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste* (MURICI, 1938); *Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 1981); *Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina – EALLO* (AGUILERA, 1987); *Áreas fonéticas do Paraná* (MERCER, 1992); *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994); *Aspectos Lingüísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico* (LINO, 2000); *Glossário da Fala Rural Paranaense* (RODRIGUES, 2000); *Pelos caminhos da Geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis* (ALTINO, 2001); *Do presente ao passado: um olhar sobre o vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 2002); *Medicina caseira paranaense: um estudo geolinguístico* (SOUZA, 2005); *Em busca de uma história para o léxico rural paranaense* (RODRIGUES, 2007); *Atlas*

¹⁰ Obras mencionadas nos trabalhos de Altino (2009) intitulado Estudos Dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história, e de Romano (2013), Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão.

Linguístico do Paraná – ALPR II (ALTINO, 2007); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná – ALERO* (BUSSE, 2007); *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente* (ROMANO, 2012); *Atlas Linguístico da Fronteira do Estado do Paraná com o Paraguai* (CARLOS, 2012). Todos contribuindo, assim, para a preservação, compreensão e disseminação dos fatos linguísticos.

Por sua vez, como um “Panorama da Geolinguística Brasileira”, levando em consideração o estudo de Romano (2013) e atualizando as informações, contamos com os seguintes atlas estaduais:

Quadro 1 – Atlas estaduais

Nome do atlas	Ano / Status
Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB	1963
Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG	1977
Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB	1984
Atlas Linguístico de Sergipe – ALS	1987
Atlas Linguístico do Paraná – ALPR	1994
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS	2002/2011
Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA	2004
Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM	2004
Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS II	2005
Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II	2007
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS	2007
Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro - MicroAFERJ	2008
Atlas Linguístico do Ceará – ALCE	2010
Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás	2012
Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE	2013
Atlas Linguístico do Brasil – ALiB	2014
Atlas Linguístico do Amapá – ALAP	2017
<i>Atlas Linguístico-Etnográfico de Alagoas - ALEAL</i>	defendido
Atlas Linguístico do Estado de São Paulo – ALESP	interrompido
Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC	interrompido
Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALiPA	em andamento
Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO	em andamento
Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA	em andamento
Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte – ALiRN	em andamento
Atlas Linguístico do Mato Grosso – ALiMAT	em andamento
Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES	em andamento
Atlas Linguístico-sonoro do Estado do Rio de Janeiro - ALiSon-Rio	em andamento
Atlas Linguístico do Estado do Piauí – ALiPI	em andamento
Atlas Linguístico do Acre – ALiAC	em andamento

Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins – ALITTETO	em andamento
---------------------------------------------------------------------------------	--------------

Fonte: adaptado de Romano (2013)

Silva Neto, lembrando Jules Gilliéron, com o seu *Atlas Linguistique de France* (1902-1910), comenta:

Os Atlas, mostrando-nos formas modernas e formas muito conservadoras, usadas nos falares periféricos, apresentam-nos uma visão lingüística ao mesmo tempo *sincrônica* e *diacrônica*: *pã-crônica* em suma. Uma carta é, a êsse respeito, como vários relógios a bater, ao mesmo tempo, horas diferentes (SILVA NETO, 1960, p. 28).

Isquerdo (2012, p. 124) destaca a importância do registro do léxico regional com obras lexicográficas e atlas “como forma de perenização de determinadas formas que foram representativas de um momento da história da língua e da cultura de um povo e que são substituídas por outras no decurso dessa história”.

Romano e Aguilera (2009, p. 157) destacam, dentre outras considerações relevantes para os estudos de natureza geolinguística e lexicológica, a importância dos estudos geolinguísticos como fonte segura para os lexicógrafos.

Assim, elaboramos nosso instrumento de coleta de dados tendo por base os questionários do *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR* (AGUILERA, 1994) questionários do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* (2001) e o *Glossário da fala popular rural paranaense*, dissertação de mestrado de Rodrigues (2000).

O *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR* foi o quinto atlas regional do Brasil a ser publicado. Resultado da tese de doutorado da Profa. Vanderci de Andrade Aguilera, defendida em 1990, foi publicado em 1994, e teve como objetivo cartografar as variantes lexicais, as variantes fonéticas, a delimitação de isoglossas e a organização de um glossário, o qual não foi apresentado no momento da publicação do ALPR, para ampliação e revisão dos itens lexicais pela autora (ALTINO, 2005).

Para a realização dessa pesquisa, Aguilera definiu 65 pontos linguísticos, localidades do Estado, a partir da sugestão de Antenor Nascentes (1958, p.21), e fez adaptações “levando-se em conta fatores ento-geo-históricos de cada um, aí incluindo a data de fundação” (AGUILERA, 1998, p. 108). As localidades

foram numeradas de 1 a 65, dispostas no sentido oeste-leste e do norte para o sul. Foram entrevistados 130 informantes, dois em cada um dos pontos estudados.

Conforme Aguilera (1996), a elaboração do instrumento de coleta de dados foi norteada pelo questionário do *Atlas Linguístico do Estado do São Paulo-ALESP*, de autoria de Caruso (1994), analisado e adaptado pela pesquisadora quanto ao elenco dos conceitos e ao modo de formulação das questões para o ALPR.

A metodologia utilizada pelos pesquisadores foi a da entrevista estruturada com perguntas, em sua maioria, indiretas – método onomasiológico, que abordava questões linguísticas e as implicações sócio-históricas concorrentes. Importa registrar que, a exemplo de outros atlas, quando não se obteve a resposta, a pesquisa previa o teste de identificação direta ao final da entrevista (ALTINO, 2005).

Desse modo, foram confeccionadas 162 cartas lexicais, 19 cartas isolexicais e 10 cartas isofônicas (no verso das quais são acrescentadas notas explicativas), além de 6 cartas anexas com a indicação do progresso do povoamento do Paraná nos séculos XVII, XVIII e XIX, XVII a XIX, entre 1900 e 1920, entre 1900 e 1940 e entre 1900 e 1960. No total, são 203 cartas coloridas (6 + 191 + 6), no formato de 31 cm por 42 cm.

Quanto às notas explicativas registradas no verso de cada carta linguística, têm por objetivos: apresentar o vocábulo-tema e suas variantes dentro do contexto fônico e frasal no registro dos informantes; documentar as crendices, superstições, simpatias e outros costumes populares; esclarecer dúvidas referentes aos dados; enfim, trazem dados que possam interessar a outros estudos (1996, p.166).

Com a publicação do *ALPR*, Aguilera inventaria as formas linguísticas de maneira a fornecer uma visão panorâmica da linguagem no Estado do Paraná.

A respeito do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*¹¹, cabe-nos dizer que surgiu do compromisso de elaborar um atlas nacional, retomando a ideia dos linguistas brasileiros do início da segunda metade do século XX, durante o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, ocorrido em

¹¹ Mais informações no site *Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*, disponível em: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>. Acesso em: 10 mai. 2014.

Salvador-BA, em novembro de 1996, assessorados pelo pesquisador francês Michel Contini (Universidade de Grenoble). Salientamos a existência do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que incumbia a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa da elaboração do atlas linguístico do Brasil. Este atlas possuiria uma metodologia única e revelaria a realidade linguística brasileira (ROMANO, 2013, p. 218).

O Projeto é dirigido por um Comitê Nacional e por coordenadores regionais e tem por objetivo descrever a língua portuguesa no Brasil, documentando as variações diatópicas, diastráticas, diageracionais e diassexuais, sendo, portanto, um atlas pluridimensional. Conta com questionário estruturado para a constituição do *corpus*, que aborda aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais, morfossintáticos, pragmáticos, temas para registro de discurso semi-dirigido, perguntas metalinguísticas e uma parábola (texto) para leitura. O questionário semântico-lexical (QSL) é formado por 202 perguntas dos tipos *namming* (denominação, onomasiológica), *completing* (complementação) e *inversing* (inversão), pretendendo documentar os registros coloquiais do falante, as variantes mais usadas na localidade. Para tanto, está estruturado em 14 áreas semânticas, como fauna, alimentação e cozinha, vida urbana, dentre outras (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001).

Este instrumento foi aplicado em 250 pontos (selecionados por critérios demográficos, históricos e culturais), em entrevistas com informantes de duas faixas etárias (de 18 a 30 e de 50 a 65 anos de idade), de ambos os sexos, por todo o país (interior e capital). Em cada localidade do interior, quatro informantes de nível fundamental, e, nas capitais, além desses, mais quatro de nível superior.

Mister se faz destacar o importante papel do ALiB na formação de uma nova mentalidade dialetológica (nova geração) e no estabelecimento e discussão das diretrizes norteadoras do trabalho do geolinguista no Brasil. Seus pressupostos metodológicos, um marco nos estudos dialetológicos, influenciaram sobremaneira a elaboração de atlas linguísticos de pequeno domínio, e demais trabalhos científicos, como monografias, artigos, dissertações e teses.

Sobre o *Glossário da fala popular rural paranaense* de Rosa E. de S. B. Rodrigues (2000), sabemos que é fruto de sua dissertação de mestrado, que corresponde ao campo semântico do homem e compreende lexias que se referem às partes do corpo (funções, doenças, etc), vestuário e calçados, agricultura e

instrumentos agrícolas, brinquedos e jogos infantis, lendas e superstições, em conjunto com itens referentes à terra, unidades léxicas relacionadas à natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, flora e fauna.

A maior parte das lexias é proveniente dos trabalhos de Aguilera, *Aspectos linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina* (1987) e *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR* (1990), seguidos do *Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 1981) e *Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste* (MURICY, 1938).

Após a seleção dos quatro estudos de um universo de nove obras, cujos glossários foram reunidos e inter-comparados, as lexias foram organizadas com base nos pressupostos teóricos que embasam a prática da Lexicografia. Sua reunião gerou uma listagem inicial de aproximadamente 2.500 itens, cujas dificuldades de manejo ensejaram novos recortes até ser alcançado o número de 511, com os quais foi organizado o glossário.

Rodrigues (2000), em sua dissertação, apresentou os dados recolhidos de estudos dialetológicos sob uma perspectiva lexicográfica. Esses estudos refletem a fala de vários pontos do Estado e terminam por complementar-se, revelando o conhecimento, de certa forma ancestral, do homem do campo.

A perspectiva lexicográfica empregada permitiu a apresentação da cultura rural, das crenças e costumes dos informantes por meio de suas próprias palavras, as entrevistas transcritas para o *ALPR* (AGUILERA, 1990), importância maior desse trabalho.

Ainda, sobre o levantamento de dados semântico-lexicais, Aguilera e Altino (2012) defendem que

permite organizar a apresentação do universo vocabular para as respostas obtidas às questões, segundo alguns critérios, como: arcaísmos, brasileirismos, criações neológicas, variações no âmbito da diatopia, dialetismos, formação dos vocábulos, africanismos, vestígios das línguas indígenas; coletados nas entrevistas e que poderão ser apresentados nas cartas semântico-lexicais (AGUILERA; ALTINO, 2012, p. 879).

Em Biderman (1987, p. 81), verificamos que o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo e, ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da

realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Além disso, compreende a autora que o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história.

Ainda, sobre a grandiosidade do léxico, na perspectiva de Marcuschi (2004, p. 270), é o terceiro grande pilar da língua, junto à sintaxe e fonologia. O autor concebe que o léxico é o nível da realização linguística mais instável, irregular e até certo ponto incontrollável.

Conforme Biderman (2001, p. 13), a criação do léxico se dá por “atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”.

Um referente pode ser nomeado de variadas formas segundo os usos e costumes do grupo linguístico em que está sendo usado. Confirmando, assim, que o léxico acaba por revelar a cultura de determinado grupo linguístico, área ou região, como se pretende provar com esta pesquisa.

Embora todos falemos a mesma língua, algumas características distinguem a fala de determinado grupo social da fala de outro e é a Sociolinguística, “uma área da Linguística, que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos”.

Nesse sentido, com o objetivo de elucidar os fenômenos linguísticos ligados ao uso do português no Brasil, a Sociolinguística e a Dialetoлогия vêm explorando os estudos variacionais com expoentes como

[...] Paranhos da Silva (1879), Amaral (1922), Marroquim (1934) dentre outros, para os mais recentes Rossi (1963), Braga (1986), Tarallo (1983), Mollica (1989), apenas para citar alguns, pode-se dizer que a diversidade linguística do português está, de certo modo, bem descrita. Ressalte-se, porém, que a pesquisa linguística é como a verdade, deve-se buscá-la sempre (OLIVEIRA, 2007, p. 09).

Como em nossa pesquisa trabalhamos diretamente com o léxico, com variantes lexicais, reportamo-nos à definição de variação linguística e seus níveis de variação, com foco na variação lexical, e aos conceitos de variável e variante que costumam ser confundidos e muitas vezes considerados sinônimos.

Destacamos a definição de variação linguística em Coelho *et al* (2015, p.16) como “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo

contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”.

Afirmamos em trabalho publicado em coautoria com Pinto (2016), a respeito da variação linguística, que

A língua, por ser heterogênea, manifesta-se de modo variável dentro de uma mesma comunidade de fala, pois pessoas, com características diferentes, expressam-se de maneiras diferentes. Essas variações podem ocorrer em todos os níveis da fala (fonético-fonológico, sintático, morfológico, lexical) e são decorrentes de vários fatores sociais como a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais do falante (PINTO; RIBEIRO, 2016, p. 1572).

Tarallo (1999, p. 08) acerca do termo *variantes linguísticas* esclarece que são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística”.

A respeito da capacidade da fala representar de diferentes formas a realidade, mesmo em comunidades homogêneas, Busse (2008, p. 02) expõe que

é possível perceber essa realidade, que se coloca como uma réstia por onde se vislumbram sombras do passado que se unem como elos da história. A fala resguarda nos seus traços mais diversos e específicos o presente e o passado, reconstruindo o trajeto dos grupos no espaço e no tempo.

A língua falada referida é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social; é o vernáculo, momento em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação, que se constitui no material básico para a análise sociolinguística (TARALLO, 1999, p. 19).

Busse (2008, p. 02), sobre o fenômeno da variação, expõe que “a descrição da fala nos espaços geográficos constitui verdadeiro documento do registro dos elementos que se unem à história, à cultura, aos percursos, aos trajetos no espaço e aos contatos entre as diferentes culturas”. E continua, salientando que um atlas registra por onde estão distribuídas as variantes linguísticas, além de conduzir a estudos das condições de aparecimento ou não de dado fenômeno.

Neste contexto, vem a lume geralmente a variação regional ou diatópica, com diferentes formas de falar um mesmo item lexical dependendo da

área geográfica. Como exemplo de variação lexical, observamos no campo da alimentação: abóbora, jerimum; bergamota (ou vergamota), tangerina, laranja-cravo, mimosa; mandioca, aipim, macaxeira; pão frances, pão de trigo, cacetinho; polenta, angu. Em outros campos: banheiro, toalete, w.c.; coisa, trem; estojo, penal; mulher, dona, senhora; negócio, venda; pandorga, pipa, papagaio; vaso, bacio, privada, casinha (COELHO, 2010, p. 52).

3.3 ENTRE O RURAL E O URBANO

Pesquisas no campo da variação lexical se configuram importantes para retratar as identidades linguísticas locais e as características socioculturais. Como vivemos em um ambiente *rurbano* com traços rurais¹², uma vez que a colonização de nossa região se deu pela atração do café, como já explorado anteriormente, por ser a atividade rurícola eminentemente a mais preponderante em nosso Estado, bem como em nossa região Norte, não podemos nos furtar de nossa base linguística rural em oposição à fala culta urbana, o que explica as palavras utilizadas em nosso vocabulário local.

Pela perspectiva de Bortoni-Ricardo, encontramos em sua linha do contínuo de urbanização a definição para área *rurbana*:

No espaço entre eles [dois polos do contínuo: variedades rurais isoladas e variedades urbanas padronizadas] fica uma zona *rurbana*. Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53, complemento nosso).

¹² Seguimos entendimento de Aldo Solari (1979) a respeito do rural: “Mas, o que seria o rural? Segundo Aldo Solari (1979), à primeira vista a definição parece dada, ou seja, quando falamos sobre rural achamos que estamos falando sobre algo bem definido. Entretanto, a definição de um conceito de rural suscitaria problemas complexos. As definições clássicas do conceito de rural partem de uma enumeração de vários aspectos da realidade que seriam indicadores da situação do local estudado. Solari enumera os traços que caracterizariam a sociedade rural, os componentes do conceito, segundo a obra clássica de Sorokin e Zimmermann. A base do conceito é a dimensão econômica, o rural se caracteriza por um determinado tipo de atividade: a produção de alimentos através da criação de plantas e de animais. A esta atividade econômica estão vinculados todos os outros traços que caracterizariam o rural, como a diferença ambiental, já que no rural o contato com a natureza é direto e constante, e a própria atividade econômica que lhe é peculiar é realizada ao ar livre. O meio rural seria também mais arreado à técnica, nas atividades rurais lida-se com organismos vivos e com as forças da natureza, que não podem ser inteiramente controlados.” (SIQUEIRA; OSÓRIO, 2001, p. 73).

Destaca ainda a mesma autora que “não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos ou urbanos. As fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53).

Assim, verificamos que o dialeto caipira encontra-se em plena vitalidade, ao contrário do que previa Amadeu Amaral em 1920, que entendia estar “condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve”, diante de causas como a abolição do trabalho escravo, que altera a diferença dialetal, a chegada de imigrantes, o incremento de mais instruções e novas formas de comunicação, intensificando o contato entre interior e capital (AMARAL, 1981, p. 42).

Acerca do assunto, Isquierdo e Carvalho (2012) posicionam-se

Sendo assim, contemporaneamente, a norma linguística em uso, em especial em cidades de pequeno e médio porte, conserva diferentes graus de marcas rurais, dependendo do convívio da população com esse modo de vida e, conseqüentemente, do contato com referentes próprios do meio rural, que se refletem nas escolhas lexicais dos falantes legitimadas pelo uso (ISQUERDO; CARVALHO, 2012, p. 253).

Bortoni-Ricardo, ao reconhecer que o conceito de ruralidade merece uma análise mais rigorosa, problematiza a questão do rural/urbano

O último censo do IBGE em 2000 mostrou que a população rural do Brasil em 35 anos caiu de 50% para 19% do total de 175 milhões de brasileiros. O professor da USP, José Eli da Veiga, no livro “Cidades Imaginárias” de 2002, contesta esses dados, que decorrem, segundo ele, de critérios equivocados empregados pelo próprio IBGE. O equívoco na metodologia censitária tem origem em um decreto do Estado Novo de 1938, que considera área urbana toda sede de município ou distrito, independentemente do tamanho e das características das atividades produtivas de sua população. Eli da Veiga argumenta que os parâmetros da OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico) são mais adequados que a metodologia oficial do IBGE. Segundo a OCDE, para um município ser considerado urbano, teria de apresentar uma densidade demográfica de 150 habitantes/km² e uma população nunca menor que 50 mil habitantes. Se aplicados esses parâmetros, os 5.507 municípios brasileiros considerados urbanos passariam a 411 (BORTONI-RICARDO, *online*).

Assim, explanado sobre nosso aporte teórico, vislumbramos que estudos como o nosso podem ser enquadrados como produtos pluridimensionais, ou multidimensionais. Conforme Thun (1998), os atlas linguísticos podem ser

classificados em monodimensionais (dimensão espacial), bidimensionais (dimensão espacial e diageracional, por exemplo) e pluridimensionais (dimensão espacial, diageracional e diassexual, por exemplo).

Portanto, apoiados nos princípios da Dialetologia, da Geografia Linguística, da Lexicologia e da Sociolinguística, principalmente em Coseriu (1987), Tarallo (1999) e Thun (2005), pesquisadores da linguagem, o estudo se insere numa perspectiva pluridimensional, uma vez que trataremos da perspectiva diatópica, diassexual e diageracional. Seguimos com a exposição da metodologia empregada em nossa pesquisa.

4 METODOLOGIA

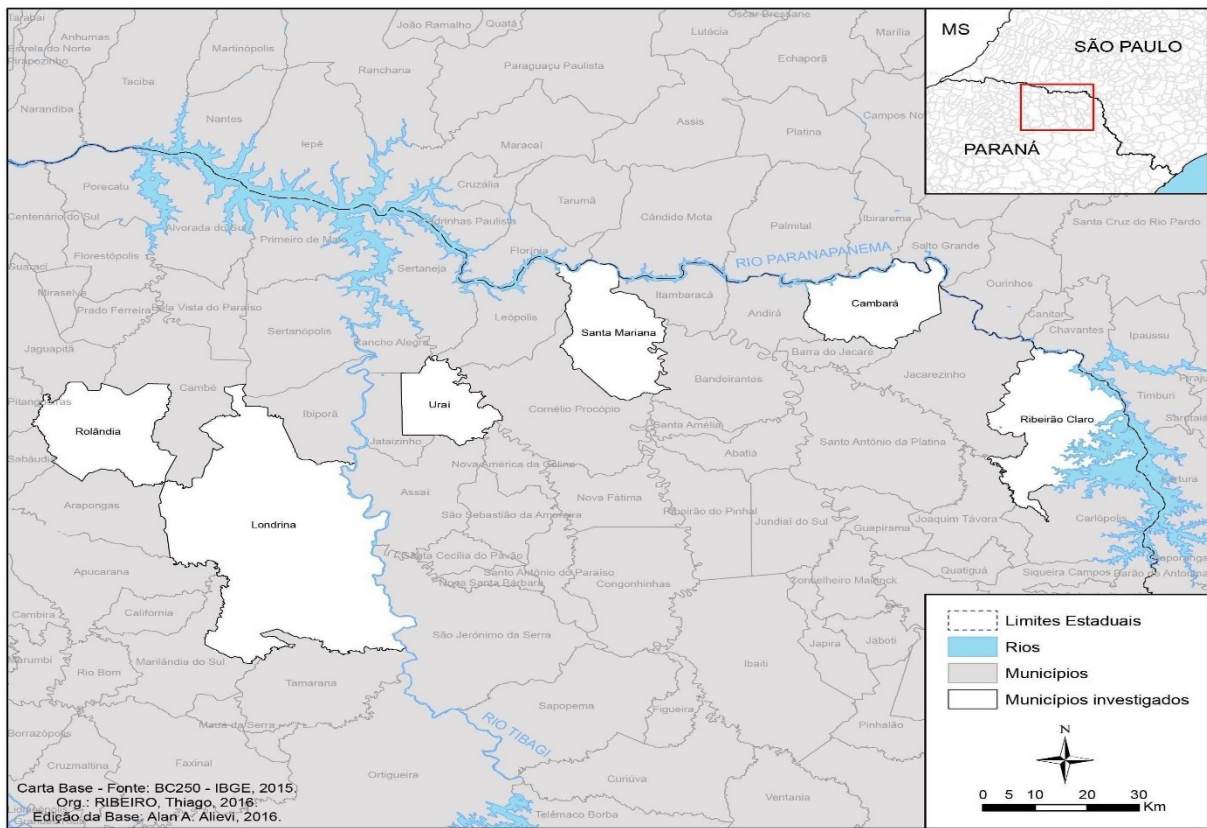
Assim como usamos nossos olhos, ouvidos, narizes, pulmões, pernas e outras partes do corpo com agilidade e destreza sem termos consciência de como elas funcionam, assim também utilizamos nossa língua com total competência e habilidade. E assim como a medicina se empenha em estudar, descrever e explicar de maneira formal e sistemática o funcionamento do corpo, assim também a linguística se dedica a estudar, descrever e explicar de maneira formal e sistemática o funcionamento da linguagem (BAGNO, Marcos. Blog da Parábola Editorial, online).

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que norteiam a pesquisa, como a rede de pontos, perfil dos informantes, instrumento de coleta de dados e tratamento dos dados.

4.1 REDE DE PONTOS LINGUÍSTICOS

Por ser proveniente do Norte Pioneiro do Estado, por saber da importância do café para a região e buscar uma rede de pontos para pesquisar, ao tomar conhecimento da famosa *Rota do Café*, resolvemos estabelecer esse trajeto como nosso alvo de investigação. Nesta empreitada, investigamos os falares de seis cidades da rota, Ribeirão Claro, Cambará, Santa Mariana, Uraí, Londrina e Rolândia, por configurarem uma linha reta de leste para oeste, não explorando Cambé, Ibiporã, Tamarana e São Jerônimo da Serra por serem limítrofes com Londrina. Na figura 2, exibimos a rede de pontos em base cartográfica feita por geógrafo para utilização no software de cartografia.

Figura 2 – Base cartográfica – rede de pontos linguísticos



4.1.1 Histórico dos Municípios

Passamos a apresentar as cidades de Ribeirão Claro, Cambará, Santa Mariana, Uraí, Londrina e Rolândia, nossa rede de pontos:

4.1.1.1 Ribeirão Claro

Os ribeirão-clarenses, com população estimada em 10.945 habitantes, ocupam uma área territorial de 630,325 km². Como municípios limítrofes verificamos Jacarezinho-PR, Joaquim Távora-PR, Carlópolis-PR, Fartura-SP, Timburi-SP e Chavantes-SP.

Em sua produção agrícola encontramos abacaxi, alho, amendoim, arroz, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, milho, soja, trigo, café e goiaba. Como produção de origem animal, desenvolvem trabalho com casulos do bicho-da-seda, lã, leite, mel de abelha e ovos de galinha.

Segundo Ferreira (2006, p. 262), *ribeirão* vem do termo *ribeiro*, que se origina do latim *ribeira*, referindo-se a pequeno rio, pouco maior que um riacho; *claro* origina-se do latim *clarus*, e significa alvo.

Os primeiros habitantes da região foram agricultores e colonizadores procedentes dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que se estabeleceram à margem esquerda do rio Itararé, formando ali, uma povoação que recebeu a denominação de Maria Ferreira, em território então pertencente ao município de São José da Boa Vista.

A Lei Estadual n. 1.021, de 28 de março de 1911, elevou o município de Ribeirão Claro à categoria de cidade, e em 28 de março de 1931, foi criada a comarca de Ribeirão Claro.

No site do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES, verificamos que o município se originou do desmembramento de São José da Boa Vista, tem como data de instalação 27 de setembro de 1900 e data de comemoração do município 13 de maio.

4.1.1.2 Cambará

Os cambaraenses, com população estimada em 25.287 habitantes, ocupam uma área territorial de 365,091 km². Como municípios limítrofes localizamos Andirá-PR, Jacarezinho-PR, Barra do Jacaré-PR, Ourinhos-SP e Salto Grande-SP.

Em sua produção agrícola encontramos arroz, cana-de-açúcar, centeio, feijão, mandioca, milho, soja, tomate, trigo, café, limão e palmito. Como produção de origem animal desenvolvem trabalho com leite, mel de abelha e ovos de galinha.

Quanto à origem do nome da cidade, Ferreira (2006, p. 64) informa:

Etimologia. Cambará De origem tupi “**Cambará**”, com referência a uma árvore cientificamente denominada *maquinia polymorpha*, vegetal com a qual os povos indígenas faziam canoas (OB – Orlando Bordoni). Segundo o dicionarista Silveira Bueno, o termo designa um arbusto forrageiro, sendo uma variação do termo “**camará**”, de “**caa**”... folha, planta + “**mbara**”... pintalgado (destaque do autor).

A história de Cambará se mescla com as de Jacarezinho e Tomazina. Juntos, esses três municípios foram muito importantes para o grande

impulso colonizador das terras norte-paranaenses, a partir da terceira década do século XX.

Em 1904, Alexandre Domingos Caetano (também conhecido por Alexandre Dutra) e Francisco Moreira, estabeleceram-se às margens do Rio Alambari, dando início aos trabalhos preparatórios para a instalação de um povoado, o Alambari, que seria mais tarde a cidade de Cambará. A notícia da fecundidade das terras próprias para as lavouras de café, algodão, cana-de-açúcar, arroz, etc., atraiu para o local novos moradores.

Por meio da Lei Estadual n. 2.208, de 28 de março de 1923, foi criado o município de Cambará, com território desmembrado de Jacarezinho e instalado a 21 de setembro de 1924. A data de comemoração do município é 21 de setembro.

4.1.1.3 Santa Mariana

Os santa-marianenses, com população estimada em 12.369 habitantes, ocupam uma área territorial de 424,746 km². Como municípios limítrofes localizamos Cornélio Procópio-PR, Bandeirantes-PR, Itambaracá-PR, Leopólis-PR e Florínea-SP.

A produção agrícola consta de arroz, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, milho, soja, tomate, trigo, abacate, banana, café, figo, goiaba, laranja, tangerina e uva. Como produção de origem animal desenvolvem trabalho com leite e ovos de galinha.

Embalado pela esteira povoadora que tomou conta do Paraná em tempos de Estado Novo, Francisco Junqueira separou parte de suas terras e as loteou visando à fundação de um patrimônio. Formou-se, então, em 1934, um pequeno povoado que aos poucos foi se desenvolvendo com a afluência constante de forasteiros de diversas procedências atraídos pela fertilidade do solo. Vieram paulistas e mineiros (descendentes de camponeses europeus, principalmente italianos). Mais tarde, cariocas, baianos, cearenses, japoneses e sírio-libaneses.

Quanto ao significado do nome, *Santa*, feminino de *santo*, termo que se origina do latim *santus*, mulher canonizada, virtuosa, digna de veneração, a que vive conforme os preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã; *Mariana* nome pessoal feminino. Hipóteses sobre sua origem: 1) feminino de *Mariano*, 2)

derivado de *Maria* com o sufixo *Ana*, 3) composto de *Maria* e *Ana*. Ou deriva do nome de uma família romana *Marianus*, Santa Mariana foi irmã de São Filipe e morreu martirizada no séc. I (FERREIRA, 2006, p. 282).

Em 10 de outubro de 1947, pela Lei Estadual n. 02, foi criado o município. Em 19 de dezembro de 1962, foi criada a Comarca, pela Lei Estadual n. 467, e os Distritos Judiciários de Quinzópolis e Panema.

O nome da cidade é homenagem à Mariana Junqueira, esposa do Dr. Francisco Junqueira, fundador da cidade (FERREIRA, 2006, p. 282).

No site do IPARDES, verificamos que o município teve origem pelo desmembramento de Bandeirantes, tem como data de instalação 01 de novembro de 1947 e data de comemoração do município 11 de outubro.

4.1.1.4 Uraí

Os uraienses, com população estimada em 11.678 habitantes, ocupam uma área territorial de 234,893 km². Como municípios limítrofes estão as cidades Rancho Alegre, Leopólis, Cornélio Procópio, Nova América da Colina, Assaí, Jataizinho e Sertaneja, todos paranaenses.

Em sua produção agrícola encontramos alho, cana-de-açúcar, cebola, feijão, mandioca, milho, soja, tomate, trigo, abacate, banana, café, caqui, laranja, limão, maçã, manga, maracujá, noz, pera, tangerina e uva. Como produção de origem animal desenvolvem trabalho com leite, mel de abelha e ovos de galinha.

O nome da cidade provém do “vocábulo tupi *‘uirá-Y’*... o rio dos pássaros ou ainda *‘ura-Y’*... o rio dos bernes, das varejeiras. Ou ainda *‘urai’*... veneno do qual se extrai o **curare**, de alto poder e ação direta no sangue” (FERREIRA, 2006, p. 331, destaques do autor). Conforme Steca e Flores (2002, p. 132, nota de rodapé), “para muitos o nome Uraí, deriva de *Ura-hi*: sol poente em japonês”.

As historiadoras Steca e Flores (2002), sobre a colonização de Uraí, informam:

A Cia. Nambei Tochi Kabushiki Kaisha (1936) iniciou a colonização da *Gleba Perianito*. Em 1937, instalou-se a *Empresa de Fiação Tecelagem Tokio de Rami S/A.*, na *Seção Perianito* (era para ser Periquito mais a máquina de datilografar do cartório não tinha as letras ‘Q’ e ‘U’). Este incentivo possibilitou o surgimento do município de Uraí (STECA; FLORES, 2002, p. 132).

Em 05 de maio de 1936, um grupo de colonos japoneses liderados por Manjiro Watanabe, então gerente da referida Companhia, chegou à região e deu início, ali, à formação de um povoado que recebeu a denominação de Colônia Pirianito e que, graças à fertilidade de suas terras e ao trabalho dinâmico de seus colonizadores, teve rápido desenvolvimento. Logo se transformou em distrito administrativo, com território pertencente ao município de Assaí, porém com denominação alterada para Uraí.

Uraí foi considerada, no período de 1960 a 1980, a “Capital Mundial do Rami”, pois o produto era de ótima qualidade e exportado para o Japão, Itália, França, Suíça e Estados Unidos, entre outros países. Sobre o rami, convém explicar:

A fibra pode ser utilizada em diversos segmentos: fabricação de tecidos, cordas e barbantes, como também podem gerar a celulose para a produção de papel moeda, devido à sua resistência. Além disso, pode ser empregada na fabricação de mangueiras, pneus, fios de pára-quedas, etc.

Os tecidos de rami podem ser considerados como um produto substituto muito próximo do linho, com a vantagem serem mais baratos (ALEGRO; GUSMÃO; OLIVEIRA, 2009, p. 3).

Segundo Ferreira (2006, p. 331), o município de Uraí foi criado pela Lei Estadual n. 02, de 10 de outubro de 1947, com território desmembrado de Assaí. A instalação oficial ocorreu em 04 de novembro de 1947, sendo primeiro prefeito municipal o Sr. João Ribeiro Junior, que era médico estabelecido em Uraí desde os tempos de Pirianito.

Pelo site do IPARDES, verificamos que o município teve origem pelo desmembramento de Assaí, tem como data de instalação 04 de novembro de 1947 e data de comemoração do município 05 de maio.

4.1.1.5 Londrina

Os londrinenses, com população estimada em 553.393 habitantes, ocupam uma área territorial de 1.656,606 km². Como municípios limítrofes Cambé, Rolândia, Arapongas, Apucarana, Marilândia do Sul, Tamarana, São Jerônimo da Serra, Assaí, Ibiporã e Sertanópolis, todos paranaenses.

De produção agrícola consta arroz, cana-de-açúcar, cebola, feijão, fumo, mandioca, milho, soja, tomate, trigo, abacate, café, caqui, figo, goiaba, laranja,

limão, mamão, manga, maracujá, palmito, pera, pêssego e tangerina. Como produção de origem animal desenvolvem trabalho com lã, leite, mel de abelha, ovos de codorna e ovos de galinha.

Sobre o nome da cidade, Ferreira informa:

Etimologia. Londrina Do adjetivo “*londrina*”. Vem do termo “*Londres*” que é de origem céltica, no latim “*Londinium*”. Da velha forma anglo-saxônica “*Londino*”, acentuada na primeira vogal, saiu a forma francesa “*Londres*”, da qual se derivou o português e o espanhol, no italiano ficou “*Londra*” e no inglês “*London*”, Franco de Sá, A Língua Portuguesa, 318. Entre os étimos célticos apontados está “*ilyn dinas*”, que com uma síncope daria “*ilynd’nas*”. O grupo *ndn* se tornaria *wdr* como o latim “*lendine*” se tornou em espanhol “*liendre*” (AN – Antenor Nascentes) (FERREIRA, 2006, p. 175, destaques do autor).

Para Steca e Flores (2002), o nome Londrina (pequena Londres) para a primeira cidade fundada pela Companhia de Terras Norte do Paraná é uma homenagem à Londres, sede da empresa que a companhia representava. Comentam, ainda, que “existem autores que afirmam o nome ter relação também com o clima, a neblina que costuma cobrir parte da cidade em dias frios e chuvosos, porque lembraria a capital inglesa” (STECA; FLORES, 2002, p. 141).

A história tem início com um convite do governo brasileiro que sabia do interesse dos ingleses em abrir áreas para o cultivo de algodão no exterior. Chega a Missão Montagu, chefiada por Lord Lovat, técnico em agricultura e reflorestamento, que ficou impressionado com a exuberância do solo norte-paranaense e acabou adquirindo duas glebas para instalar fazendas e máquinas de beneficiamento de algodão, com o apoio da *Brazil Plantations Syndicate*, de Londres.

O empreendimento fracassou, devido aos preços baixos e à falta de sementes sadias no mercado, obrigando a uma mudança nos planos. Foi criada, assim, em Londres, a *Paraná Plantations* e sua subsidiária brasileira, a *Companhia de Terras Norte do Paraná*, que transformaria as propriedades do empreendimento frustrado em projetos imobiliários.

O núcleo primitivo que deu origem ao atual município de Londrina denominava-se Patrimônio Três Bocas, sede do escritório da CTNP desde a chegada da Companhia, em 1929. Em 1930 foi construída uma estrada de rodagem,

ligando o município de Jataí ao patrimônio, que nesta época já tinha o nome alterado para Londrina (FERREIRA, 2016).

No dia 27 de março de 1930, a companhia povoadora vendeu o primeiro lote agrícola de terras, ao pioneiro Mitsugi Ohara. A primeira casa erguida no patrimônio foi do Sr. Alberto Kock, e a segunda de David Dequech.

Tal empreendimento, associado à expansão da rede ferroviária, deu início a um dos maiores movimentos migratórios de que se tem notícia no Brasil, atraindo pioneiros paulistas, mineiros, nordestinos, sul paranaenses, além de japoneses, alemães, poloneses, italianos, sírios, libaneses, espanhóis e portugueses (AGUILERA, 1996, p. 26).

Pelo site do IPARDES, verificamos que o município teve origem pelo desmembramento de Jataizinho, tem como data de instalação 10 de dezembro de 1934 e data de comemoração do município 10 de dezembro.

4.1.1.6 Rolândia

Os rolandenses, com população estimada em 64.028 habitantes, ocupam uma área territorial de 456, 228 km². O município faz divisa com Cambé, Jaguapitã, Pitangueiras, Sabáudia, Arapongas e Londrina, todos no Paraná.

A cidade possui produtores agrícolas de batata-inglesa, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, milho, soja, trigo, abacate, café, caqui, laranja, maçã, uva. E de origem animal, produtores de casulos do bicho-da-seda, lã, leite, mel de abelha e ovos de glainha.

A explicação para o nome da cidade, segundo Ferreira, é a seguinte:

Etimologia. Rolândia Palavra híbrida, formada pelo termo “**Roland**” e pelo sufixo “**ia**”. O termo “**Roland**” é nome pessoal masculino, de origem germânica “**Hruodland**”, de “**hruot**”... glória, e “**land**”... terra: A glória de seus pais, de sua terra. O sufixo nominativo “**ia**” é derivado do grego “**ia**”, e se liga a termos de composição. (AN, AGC – Antônio Geraldo da Cunha) (FERREIRA, 2006, p. 269, destaques do autor).

A cidade de Rolândia foi fundada pela *Companhia de Terras Norte do Paraná*, subsidiária da *Paraná Plantation Ltda.*, cujos donos eram ingleses.

O nome da cidade é homenagem ao grande guerreiro medieval Roland, um dos Doze Pares da França e sobrinho do Imperador Carlos Magno. (FERREIRA, 2006, p. 269).

Segundo Ferreira (2006), o povoamento de Rolândia iniciou-se com colonos alemães, em 1932. O primeiro marco colonizador de Rolândia data de 14 de junho de 1932, quando foi erguido o primeiro rancho, construído com palmito e tábuas.

O ano de 1933 foi representativo para o povo rolandense, no dia 26 de abril nasceu o primeiro bebê, batizado Roland Kischkel e em 06 de junho foi concluída a construção da estrada até o perímetro destinado à cidade de Rolândia. O período que se sucedeu foi de fortalecimento econômico e social na Colônia Roland.

No dia 29 de junho de 1934, iniciou-se a construção da primeira casa no perímetro urbano, o Hotel Rolândia. Daí em diante as construções se sucederam e uma próspera vila emergiu no local da mata.

A fama da fertilidade da "terra roxa" se espalhou e o Norte do Paraná ficou conhecido como a Canaã Brasileira. Logo, mineiros, paulistas, nordestinos e filhos de imigrantes alemães radicados em Santa Catarina e Rio Grande do Sul estavam povoando e construindo Rolândia. Dos imigrantes estrangeiros que colaboraram para o desenvolvimento de Rolândia, destacam-se japoneses, alemães, italianos, portugueses, espanhóis, sírio-libaneses, húngaros, suíços, poloneses, tchecos, austríacos, entre outros.

Pelo IPARDES, verificamos que o município teve origem pelo desmembramento de Londrina, tem como data de instalação 01 de janeiro de 1944 e data de comemoração do município 27 de novembro.

4.2 PERFIL DOS INFORMANTES

Para este estudo, inquirimos 24 informantes, quatro entrevistados em cada um dos seis pontos estabelecidos, um homem e uma mulher de 30 a 50 anos, e um homem e uma mulher de 60 a 80 anos, com pouco estudo e que tenham tido contato com o mundo rural, sendo provenientes de áreas rurais ou trabalhado nelas, para obtermos a fala livre e espontânea da localidade.

Quanto à origem familiar dos informantes inquiridos elaboramos quadro com as informações:

Quadro 2 - Procedência dos informantes

Informante	Faixa Etária	Localidade	Naturalidade da mãe	Naturalidade do pai
Homem (H)	I	Ribeirão Claro (1)	Joaquim Távora-PR	
Mulher (M)	I	Ribeirão Claro (1)	Santo Antônio da Platina-PR	São Paulo
Homem (H)	II	Ribeirão Claro (1)	Ribeirão Claro-PR	Itália
Mulher (M)	II	Ribeirão Claro (1)	Descalvado-SP	Ribeirão Claro-PR
Homem (H)	I	Cambará (2)	Salinas-MG	
Mulher (M)	I	Cambará (2)	Minas Gerais	Ribeirão Preto-SP
Homem (H)	II	Cambará (2)	Jacarezinho-PR	Bocaina-SP
Mulher (M)	II	Cambará (2)	Dois Córregos-SP	Montefiascone-Itália
Homem (H)	I	Santa Mariana (3)	Ipaussu-SP	Santa Adélia-SP
Mulher (M)	I	Santa Mariana (3)	Três Pontas-MG	
Homem (H)	II	Santa Mariana (3)	Miraí-MG	
Mulher (M)	II	Santa Mariana (3)	pais nascidos em um navio vindo da Itália e criados em Lençóis Paulista-SP	
Homem (H)	I	Uraí (4)	Guaranésia-MG	
Mulher (M)	I	Uraí (4)	Cornélio Procópio-PR	Guaxupé-MG
Homem (H)	II	Uraí (4)	Ibaraki-Japão	Mito-Japão
Mulher (M)	II	Uraí (4)	Três Pontas-MG	
Homem (H)	I	Londrina (5)	Jacaré dos Homens-AL	Guaranhuns-PE
Mulher (M)	I	Londrina (5)	Assaí-PR (pais nordestinos)	-
Homem (H)	II	Londrina (5)	Itaporanga-PB	Baturité-CE
Mulher (M)	II	Londrina (5)	Guaranhuns-PE	
Homem (H)	I	Rolândia (6)	São Sebastião do Paraíso-MG	Itália
Mulher (M)	I	Rolândia (6)	Distrito de Alto Alegre, Colorado-PR (pais portugueses)	Batatais-SP (pais italianos)
Homem (H)	II	Rolândia (6)	Poçoão – PE	Paraíba
Mulher (M)	II	Rolândia (6)	São Paulo	Minas Gerais

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Conforme Labov (2008, p. 244), a observação do vernáculo oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística. Devemos descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas, mas só podemos obter esses dados por meio da observação sistemática.

O autor ainda aduz que, para superar o *paradoxo do observador*, é preciso acabar com os constrangimentos da situação de entrevista, desviando a atenção dos falantes, permitindo que o vernáculo venha à tona. Uma técnica é fazer vários intervalos e pausas, para que a pessoa presuma que não está sendo entrevistada. Outra é envolver a pessoa com relato de experiência, com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes experimentadas no passado, como por exemplo, pergunta que lida com o risco de morte. Geralmente a pergunta implica uma resposta sim ou não, e uma vez que o informante reconheceu o fato, passa a fazer o relato para não parecer que fez afirmação falsa (2008, p. 245).

Para tal intento, uma vez selecionados os informantes, procedemos à elaboração do questionário alicerçados na tríade *o quê, como e quanto* perguntar. Assim, elaboramos nosso instrumento de coleta de dados escolhendo as lexias mais cabíveis de serem obtidas em nossa rede de pontos, tendo por base os questionários do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* (2001), questionário do *Atlas Linguístico do Paraná - ALPR* (AGUILERA, 1994) e o *Glossário da fala popular rural paranaense*, dissertação de mestrado de Rodrigues (2000).

4.3.1 Da Composição de um Questionário para esta Dissertação

Quanto à importância de compor um questionário como instrumento de coleta de dados, Tarallo (1999, p. 22) afirma que “esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal”.

Os estudos de cunho lexical, assim como nossa pesquisa, são os que mais exigem a utilização de questionários estruturados pela necessidade de homogeneizar os resultados que só se obtém mediante a elaboração e aplicação de

questionário com formulações claras, bem definidas, que não deixem margem à dupla interpretação quanto ao(s) nome(s) dos referentes investigados.

Para Aguilera e Figueiredo, a composição de um questionário linguístico pressupõe três principais etapas

A primeira refere-se à investigação dos aspectos sócio-econômicos e culturais da comunidade alvo do estudo. A segunda trata da composição de campos semânticos dos quais serão originadas as questões. Por último, está a composição do questionário propriamente dita, que envolve a elaboração das questões, a testagem e a reelaboração das perguntas como forma de readequação aos propósitos da pesquisa (AGUILERA; FIGUEIREDO, 2002, p. 14).

Sendo testado e aprimorado, o questionário vai se ajustando à situação local, podendo questões serem incluídas ou suprimidas, uma constante lapidação. Sobre o alegado, as autoras citam Silva Neto (1957, p. 30) que postula: “O questionário tem de ser organizado com antecedência, mas na verdade só a pesquisa no campo mostra o que se pode e o que se deve perguntar.” (AGUILERA; FIGUEIREDO, 2002, p. 17).

Apontam as autoras que as perguntas devem ser o mais objetivas e curtas possível e, ao inquirir o informante, após sua resposta, devemos perguntar se existe outro nome, outra resposta para a questão. A importância dessas questões reside no fato de que se configura uma oportunidade de registrar uma fala menos cuidada e mais próxima do falar da região, reunindo, além de material para futuras pesquisas, a possibilidade de ocorrência de outras variantes (2002, p. 29).

Conforme trabalho de Aguilera e Kami (2002), “o mais importante não é o número de questões a ser proposto, mas a qualidade dessas questões e a possibilidade de um aproveitamento mais significativo de todas ou, pelo menos, da maioria delas no momento da cartografiação”.

Para as autoras, o sucesso do questionário está centrado

fundamentalmente na figura do entrevistador, certificando-se antecipadamente da disponibilidade do informante não só de tempo mas de vontade de participar; entra em jogo a sua capacidade de envolver o informante, transformando as três ou quatro horas de entrevista em espaço para uma conversa amena, informal e prazerosa para ambos, como tem sido na maioria das entrevistas até então realizadas (AGUILERA; KAMI, 2002).

Entre a aplicação de questionário e o registro de conversa livre, Aguilera (2000) traz o comentário de Ferreira e Cardoso (1994, p. 30), que recomendam as duas alternativas, pois

A primeira hipótese não exclui a segunda, ao contrário, a boa técnica recomenda que, aplicado o questionário formal, se registrem alguns minutos de conversa livre sobre tema que poderá ser relacionado a uma das atividades do informante ou predominante na região, ou então, totalmente livre, incluindo-se relatos pessoais e narrativas de diferentes gêneros (AGUILERA, 2000, p. 179).

Segundo ensinamentos de Rector (1983, p. 13), apontados em Aguilera (2000, p. 183-184), seguindo o método empregado por Orton e Dieth, na elaboração do Atlas da Inglaterra, temos questões de cinco tipos, quais sejam: *naming question* (denominação); *completing question* (complementação); *talking question* (conversa); *converting question* (conversão); e *reverse question* (reversão).

Recorremos ao *Questionário Semântico-Lexical - QSL*, bem como ao *Questionário Fonético-Fonológico - QFF* do ALiB, para obter a unidade léxica pretendida. Entretanto, quando não havia o questionamento para a lexia escolhida, procedemos à estruturação da pergunta, buscando o significado em dicionários e sites e aplicando a boa técnica apreendida das leituras de trabalhos acadêmicos publicados. Por fim, acrescentamos imagens às nossas questões contribuindo para a obtenção dos referentes (ver APÊNDICE A).

Justicamos a escolha dos itens e questões abaixo relacionadas porque no momento em que estudávamos os questionários e o glossário, precisávamos limitar o número de questões para que não ficasse muito extenso e, então, estabelecemos como critério usar vocábulos que fossem mais comuns aos ambientes em que vivemos. Tanto na fazenda em que passávamos as férias escolares, nos passeios no sítio da família, quanto em algumas situações na cidade mesmo, termos como *pinguela*, *viuvinha*, *quirera*, *pachola*, *bilboquê*, *bituca*, sempre estavam presentes no vocabulário familiar.

Apresentamos a estrutura do questionário utilizado nesta pesquisa, com o número da questão seguido do item lexical a que refere, campo semântico em que está agrupado e as questões equivalentes no ALiB e ALPR. Quando não há

equivalência é porque as questões foram elaboradas pelo pesquisador. Assim, as 74 questões estão dispostas em 11 áreas temáticas.

Quadro 3 – Estrutura do questionário

Questão	Item lexical	Campo semântico	Equivalência
01	riacho	I Terra / natureza	01 QSL ALiB/ 3 ALPR
02	pinguela	natureza	2 QSL ALiB/ 7 ALPR
03	estrela cadente	natureza	31 QSL ALiB/ 29 ALPR
04	redemoinho	natureza	7 QSL ALiB/ 41 ALPR
05	eclipse	natureza	33 ALPR
06	variedades de banana	flora	77 ALPR
07	penca	flora	42 QSL ALiB/ 79 ALPR
08	banana dupla	flora	43 QSL ALiB/ 81 ALPR
09	coração da bananeira	flora	44 QSL ALiB/ 80 ALPR
10	variedades de café	flora	289 ALPR
11	entre os pés de café	flora	-
12	variedades de arroz	flora	277 ALPR
13	espécies de milho	flora	282 ALPR
14	variedades de feijão	flora	293 ALPR
15	erva-doce	plantas medicinais	88 ALPR
16	erva-cidreira	plantas medicinais	89 ALPR
17	hortelã	plantas medicinais	92 ALPR
18	arruda	plantas medicinais	98 ALPR
19	urubu	fauna	64 QSL ALiB/ 104 ALPR
20	beija-flor	fauna	65 QSL ALiB/ 107 ALPR
21	espécies de galinha	fauna	112 ALPR
22	besouro	fauna	136 ALPR
23	gafanhoto	fauna	142 ALPR
24	libélula	fauna	85 QSL ALiB
25	dentes do siso	II Homem / partes do corpo etc.	98 QSL ALiB/ 171 ALPR
26	pomo de Adão	partes do corpo etc.	105 QSL ALiB/ 182 ALPR
27	pálpebras	partes do corpo etc.	89 QSL ALiB/ 185 ALPR
28	remela	partes do corpo etc.	190 ALPR
29	terçol	partes do corpo etc.	94 QSL ALiB/ 191 ALPR
30	furúnculo	partes do corpo etc.	255 ALPR
31	olho de peixe	partes do corpo etc.	-
32	meleca	partes do corpo etc.	102 QSL ALiB
33	catarro	partes do corpo etc.	-
34	cego de um olho	partes do corpo etc.	91 QSL ALiB/ 195 ALPR
35	menino	partes do corpo etc.	132 QSL ALiB
36	pessoa sovina	partes do corpo etc.	138 QSL ALiB
37	bêbado	partes do corpo etc.	144 QSL ALiB
38	doido	partes do corpo etc.	138 QFF ALiB

39	cueca	vestuário e calçados	189 QSL ALiB/ 265 ALPR
40	sutiã	vestuário e calçados	188 QSL ALiB/ 219 ALPR
41	alpargatas	vestuário e calçados	276 ALPR
42	braguilha	vestuário e calçados	142 QFF ALiB
43	polenta	agricultura etc.	-
44	piruá	agricultura etc.	-
45	quirera	agricultura etc.	-
46	boneca	agricultura etc.	-
47	pamonha	agricultura etc.	287 ALPR
48	palha do milho (uso)	agricultura etc.	-
49	curau	agricultura etc.	180 QSL ALiB/ 288 ALPR
50	canjica	agricultura etc.	181 QSL ALiB
51	aguardente	agricultura etc.	182 QSL ALiB
52	caldo de cana	agricultura etc.	84 ALPR
53	pachola	agricultura etc.	-
54	paiol	agricultura etc.	-
55	terreiro / rastelo	agricultura etc.	-
56	estilingue	brinquedos e jogos infantis	157 QSL ALiB/ 306 ALPR
57	bilboquê	brinquedos e jogos infantis	-
58	pipa	brinquedos e jogos infantis	158 QSL ALiB/ 309 ALPR
59	cambalhota	brinquedos e jogos infantis	155 QSL ALiB/ 310 ALPR
60	cabra-cega	brinquedos e jogos infantis	161 QSL ALiB/ 311 ALPR
61	esconde-esconde	brinquedos e jogos infantis	160 QSL ALiB/ 312 ALPR
62	amarelinha	brinquedos e jogos infantis	167 QSL ALiB/ 313 ALPR
63	lendas ou entes sobrenaturais	crenças, lendas e superstições	-
64	semáforo	vida urbana	194 QSL ALiB
65	quebra-molas	vida urbana	195 QSL ALiB
66	terreno	vida urbana	199 QSL ALiB
67	isqueiro	utilidades domésticas e outros	173 QSL ALiB
68	moringa	utilidades domésticas e outros	-
69	lamparina	utilidades domésticas e outros	-
70	Interruptor de luz	utilidades domésticas e outros	175 QSL ALiB
71	toco de cigarro	utilidades	146 QSL ALiB

		domésticas e outros	
72	luz	utilidades domésticas e outros	09 QFF ALiB
73	companheiro	utilidades domésticas e outros	100 QFF ALiB
74	questão	utilidades domésticas e outros	102 QFF ALiB

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Nossa intenção não é esgotar as unidades lexicais possíveis com um glossário ou vocabulário, mas levantar uma amostra lexical destes vários campos semânticos para analisar a herança linguística deixada pelos colonizadores das localidades investigadas.

As entrevistas foram realizadas diretamente pelo pesquisador, nas localidades determinadas, ocasião em que foram preenchidas ficha do informante e ficha com dados sobre a localidade (ver APÊNDICE B e C, respectivamente), solicitada uma narrativa de experiência pessoal (história relacionada à origem familiar e ao trabalho no meio rural) e aplicado o questionário.

Concluído o trabalho de campo, seguimos com a transcrição dos dados, busca pela dicionarização das variantes levantadas, análise diatópica, diassexual e diageracional, verificação das possíveis influências para a produção de tais variantes, relacionando os itens lexicais sustentados com a origem familiar do seu falante e cartografia das lexias mais destacadas pela representatividade do falar regional, frequência e riqueza da variação lexical.

4.4 CARTOGRAFAÇÃO DOS DADOS

As cartas foram elaboradas com o auxílio do [JGVCLin] – *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*, de Seabra, Romano e Oliveira (2014)¹³. Este programa de computador, segundo consta da tese de Romano (2015, p. 144), foi desenvolvido pelo Prof. Dr. Rodrigo Duarte Seabra no Instituto de Matemática e Computação da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), e contou com a atuação direta de um bolsista de iniciação científica do CNPq, Nathan Oliveira, graduando em Ciência da Computação.

¹³ Mais informações sobre o funcionamento do software podem ser encontradas em: <http://sgvclin.altervista.org/>.

Sobre o software [[GVCLin], o autor esclarece

A motivação principal que direcionou o desenvolvimento do *software* foi a criação de um ambiente no qual o linguista possa ter independência no manuseio da ferramenta. Entretanto, pelo fato de a Geolinguística estar inserida na interface da Linguística e da Geografia, cabe ao estudioso, antes de iniciar o uso do software, contatar um geógrafo para que este prepare sua base cartográfica ou carta base, que esteja devidamente georreferenciada, contendo os elementos indispensáveis, tais como a escala gráfica, os limites políticos do território e a localização dos pontos linguísticos. Uma vez elaborado o mapa em formato de imagem (extensões 'png', 'jpg' ou 'bmp'), o linguista poderá carregá-lo na ferramenta e, assim, representar inúmeros fatos linguísticos (fonéticos, lexicais, morfossintáticos) (ROMANO, 2015, p. 145).

Esse programa criado para implementar a importante etapa do trabalho geolinguístico, a cartografia, constitui-se numa ferramenta sem custo e de fácil manejo, dado seu caráter indutivo.

Depois de armazenadas as informações necessárias, agiliza-se o processo de geração de cartografia linguística. Assim, o usuário, ao adentrar o ambiente do software, conecta-o a um banco de dados para que o uso dos itens nos menus possa acontecer. Seguindo os passos de uso, deve-se clicar no menu *criar*, nomear as subcategorias de questões, inserir as questões e variantes, carregar a base cartográfica feita por geógrafo (ver p. 41 - Figura 2 - Base cartográfica – rede de pontos linguísticos), marcar a rede de pontos no mapa, criar ficha de informante, estabelecer as faixas etárias. Na sequência pode *cadastrar* fichas de informantes e respostas. No menu *consultar* encontramos o item *exportar* com respostas e dados dos informantes para XLS; em *relatórios* temos as opções *geral*, *geral por ponto*, *por estado*; e *cartas*, remetendo a *cartas salvas*, *diatópica*, *diatópica com seleção de variante*, *arealidade*, *arealidade gradual*. No item *ajuda* está o manual do software (*Conteúdo F1*), e no *sobre*, informações e contato dos desenvolvedores.

Desta forma, os resultados obtidos a partir da ferramenta poderão ser consultados por meio de relatórios diversos, bem como pela geração de cartas linguísticas de produtividade e de cartas de arealidade.

4.5 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Nosso *corpus* se constitui das respostas dos 24 informantes, quatro em cada uma das seis localidades investigadas, Ribeirão Claro, Cambará, Santa Mariana, Uraí, Londrina e Rolândia, para 11 das 74 questões do nosso instrumento de coleta de dados. As entrevistas, que ocorreram entre 28 de maio e 20 de setembro do ano de 2016, resultaram em aproximadamente 22 horas de gravação, posteriormente ouvidas e transcritas as respostas para uma planilha de levantamento da variação lexical na *Rota do Café*.

4.6 GLOSSÁRIO DA VARIAÇÃO LEXICAL NA *ROTA DO CAFÉ*

Com os dados obtidos, elaboramos glossário para conhecimento da realidade linguística da nossa rede de pontos. Está dividido em duas áreas: a primeira, denominada TERRA, com lexias referentes à natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, flora, plantas medicinais e fauna; a segunda, HOMEM, possui itens relacionados às partes do corpo (funções, doenças, etc), comportamento social, vestuário e calçados, agricultura e instrumentos agrícolas, alimentação, brinquedos e jogos infantis, lendas e superstições, vida urbana, utilidades domésticas e outros.

Os verbetes estão estruturados por entradas seguidas pelas definições ou remissão a outro verbete sinônimo, dispostos em ordem alfabética separados por campos semânticos (ver APÊNDICE D).

5 ANÁLISE DO CORPUS

[...] porque com a sua própria língua o homem se espacializa – é um gaúcho ou um nordestino, passando geleia ou chimier no seu pão; ele se situa socialmente, exibindo o estrato em que se insere, ao carregar, no colo, o filho ou o fio; ele se exhibe num tempo real sem perder a sua vinculação temporal – compra blush no shopping center, mas, em casa, continua passando rouge na sua face (CARDOSO, 2015, p.18-19).

Seguindo com a análise e tratamento dos dados obtidos *in loco*, apresentamos as respostas e cartografamos as variantes dos itens lexicais representativos dos campos semânticos abrangidos no questionário, conforme quadro:

Quadro 4 – Itens para análise

Questão	Item lexical	Campo semântico	Equivalência
08	banana dupla	flora	43 QSL ALiB/ 81 ALPR
24	libélula	fauna	85 QSL ALiB
36	pessoa sovina	partes do corpo etc.	138 QSL ALiB
39	cueca	vestuário e calçados	189 QSL ALiB/ 265 ALPR
41	alpargatas	vestuário e calçados	276 ALPR
42	braguilha	vestuário e calçados	142 QFF ALiB
44	piruá	agricultuta etc.	-
53	pachola	agricultuta etc.	-
59	cambalhota	brinquedos e jogos infantis	155 QSL ALiB/ 310 ALPR
64	semáforo	vida urbana	194 QSL ALiB
70	interruptor de luz	utilidades domésticas e outros	175 QSL ALiB

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

As respostas levantadas com as entrevistas revelam o seguinte panorama linguístico de diversidade lexical, explorado de forma diatópica, diassexual e diageracional:

5.1 QUESTÃO 08 – BANANA DUPLA

Analizamos as respostas dos informantes para a questão n.º 8 do questionário, correspondentes às questões 43 do QSL do ALiB e 81 do ALPR. A questão está inserida no campo semântico “TERRA / Flora: árvores, frutos, etc.”, e possui o seguinte enunciado: “Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?” (BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS).

Como podemos observar, foram registradas três variantes lexicais em resposta à questão: *felipe*, *gêmeas* e *inconha*, que distribuímos no quadro abaixo, pelas localidades de inquérito, para melhor visualização e análise.

Quadro 5 – Respostas dadas à questão 08 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
FELIPE	02	02	03	03	02	04	16
GÊMEAS	01	02	01	01	02	01	08
INCONHA	01	-	-	-	-	-	01
	04	04	04	04	04	05	25

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

O Quadro 5 mostra que a variante mais produtiva é *felipe*, como resposta dada por 16 informantes da rede de pontos. A segunda forma que mais aparece é *gêmeas*, que ocorre na fala de 8 informantes ao longo das localidades investigadas. E obtivemos *inconha*, *hapax legomena*, de um informante em Ribeirão Claro.

Quanto à dicionarização das lexias, *felipe* consta em Houaiss (2009, p. 896) como “filipe ETIM segundo Nascentes, alt. de *filipina*, a partir da acp. etimológica ‘fruto inconho ou duplo’”. Em Ferreira (2009, p. 898),

“filipe [Der. regres. de *filipina*] s.m. 1. Bras. Cada uma das sementes do algodão que, em consequência do ataque da lagarta-rosada, se apresentam grudadas umas às outras. 2. Bras. SP Obsol. Dois grãos de café fundidos, dentro de uma casca única, levemente fendida no sentido longitudinal dos grãos”.

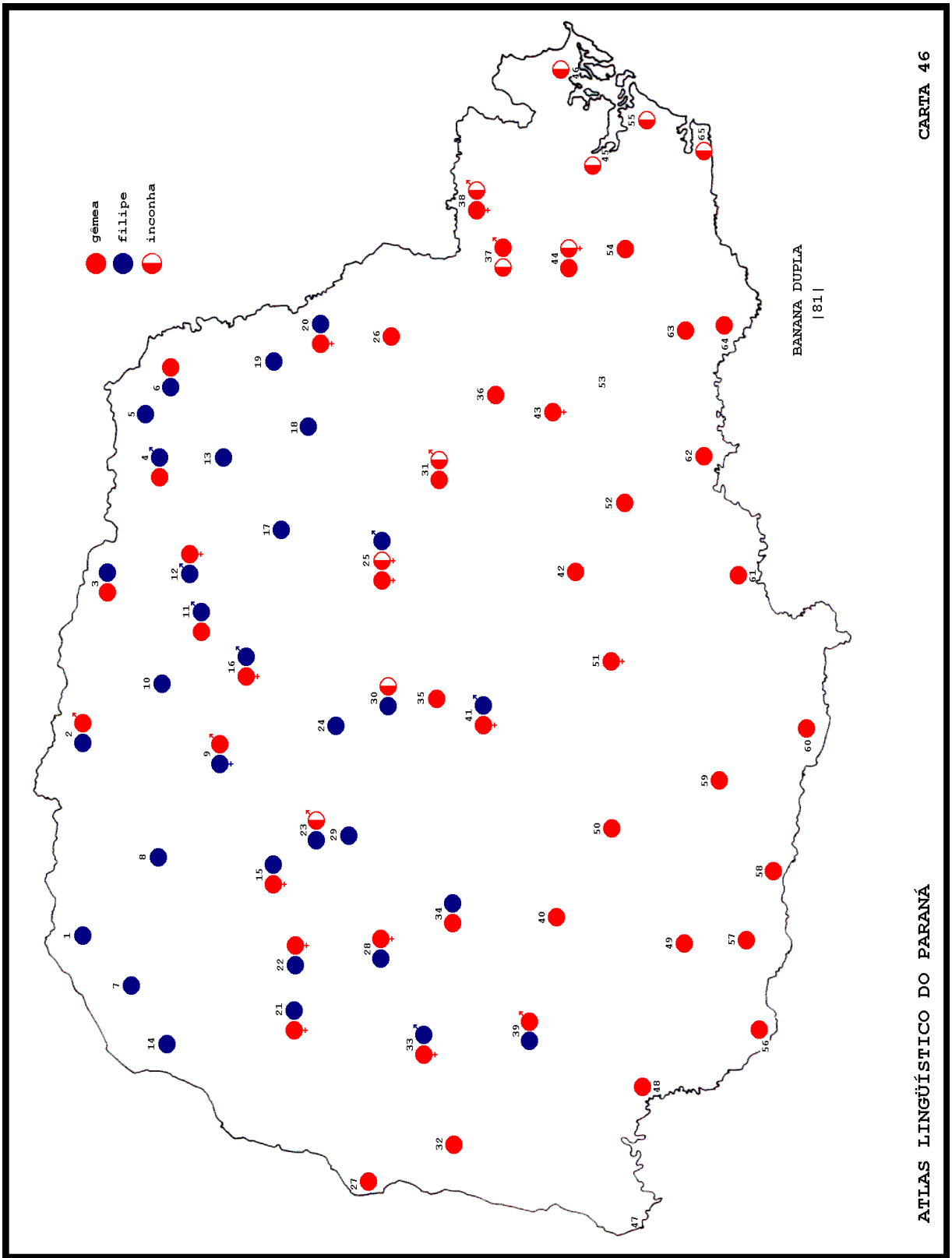
Para a forma registrada *gêmeas*, “gêmeo *adj.* diz-se de cada um dos frutos do mesmo ramo ETIM lat. *geminus*, a, um ‘duplo, dobrado, duplicado’” (HOUAISS, 2009, p. 962). Em Ferreira (2009, 974), verificamos “idêntico, igual; diz-se de coisas que, sendo iguais, ou simétricas, formam um conjunto”.

A variante *inconha* está definida em Houaiss (2009, p. 1067) como “*inconho adj.* (1858) 1 que nasce acoplado a outros (diz-se de fruto) 2 *fig.* Que está muito ligado a outro ser ou coisa <*eram duas almas i., inseparáveis*> ETIM segundo Nascentes, do tupi *i kõe* ‘aquele que é gêmeo’ SIN/VAR *incõe*”. Em Ferreira (2009, p. 1090), *inconho* está dicionarizado como “[Do tupi] *adj.* diz-se do fruto que nasce pegado a outro”.

Confirmando a existência das variantes levantadas em nossos inquéritos, trazemos a Carta 46 do ALPR com a distribuição diatópica e diassexual das variantes *gêmea*, *felipe* e *inconha* pelas 65 localidades do Paraná¹⁴:

¹⁴ Localidades ALPR: 1- Diamante do Norte; 2- Santo Inácio; 3- Primeiro de Maio; 4- Bandeirantes; 5- Cambará; 6- Jacarezinho; 7- Loanda; 8- Paranaíba; 9- Maringá; 10- Jaguapitã; 11- Londrina; 12- Jataizinho; 13- Ribeirão do Pinhal; 14- Querência do Norte; 15- Cianorte; 16- Apucarana; 17- São Jerônimo da Serra; 18- Ibaiti; 19- Siqueira Campos; 20- São José da Boa Vista; 21- Umuarama; 22- Cruzeiro do Oeste; 23- Peabiru; 24- São Pedro do Ivaí; 25- Ortigueira; 26- Jaguariaíva; 27- Guairá; 28- Goio-erê; 29- Campo Mourão; 30- Ivaiporã; 31- Tibagi; 32- Marechal Cândido Rondon; 33- Assis Chateaubriand; 34- Campina da Lagoa; 35- Manoel Ribas; 36- Castro; 37- Cerro Azul; 38- Adrianópolis; 39- Cascavel; 40- Guaraniaçu; 41- Pitanga; 42- Prudentópolis; 43- Ponta Grossa; 44- Rio Branco do Sul; 45- Antonina; 46- Guaraqueçaba; 47- Foz do Iguaçu; 48- Capanema; 49- Dois Vizinhos; 50- Laranjeiras do Sul; 51- Guarapuava; 52- Irati; 53- Palmeira; 54- Curitiba; 55- Paranaguá; 56- Barracão; 57- Francisco Beltrão; 58- Pato Branco; 59- Mangueirinha; 60- Palmas; 61- União da Vitória; 62- São Mateus do Sul; 63- Lapa; 64- Rio Negro; 65- Guaratuba.

Figura 3 - Carta 46 do ALPR com a distribuição diatópica e diassexual das variantes para banana dupla



Fonte: Atlas Lingüístico do Paraná (1994)

Em nota explicativa à Carta 46, Aguilera (1994, p. 114), ressalta que

A ocorrência de frutos grudados, geralmente o café, a banana, e mais raramente de ovo com gema dupla, suscitou duas tradições populares: a primeira refere-se à proibição de as mulheres comerem tais frutos, principalmente quando grávidas, para não propiciarem a vinda de gêmeos ou xifópagos; a segunda traduz-se na brincadeira infantil de se instar um terceiro a pagar o 'felipe', uma prenda. Esta última é mais conhecida no norte do estado.

Ainda, no ALPR II (2007, p. 182), localizamos nas matrizes dos dados utilizados na análise dialetométrica a informação de que foram registradas as variantes *filipe*, *gêmeas*, *inconha*, *aleijada* e *emendada* ao longo das 65 localidades.

Em consulta ao banco de dados do ALiB, levantamos para a lexia em questão, nas 16 localidades do interior investigadas no Paraná¹⁵ pela equipe de inquiridores do projeto, a ocorrência das seguintes variantes: *felipe*, *gêmeas*, *aleijada*, *emendada*, *defeituosa*, *dupla*, *inqüem*, *qüem*, *qüenhem*, *incuí*, e suas variantes fonéticas.

Notamos que, ao carrear os registros dos citados atlas, datados da década de 90 do século XX (ALPR) e da primeira década do século XXI (ALiB), as variantes coletadas em 2016 refletem a conservação dos itens lexicais.

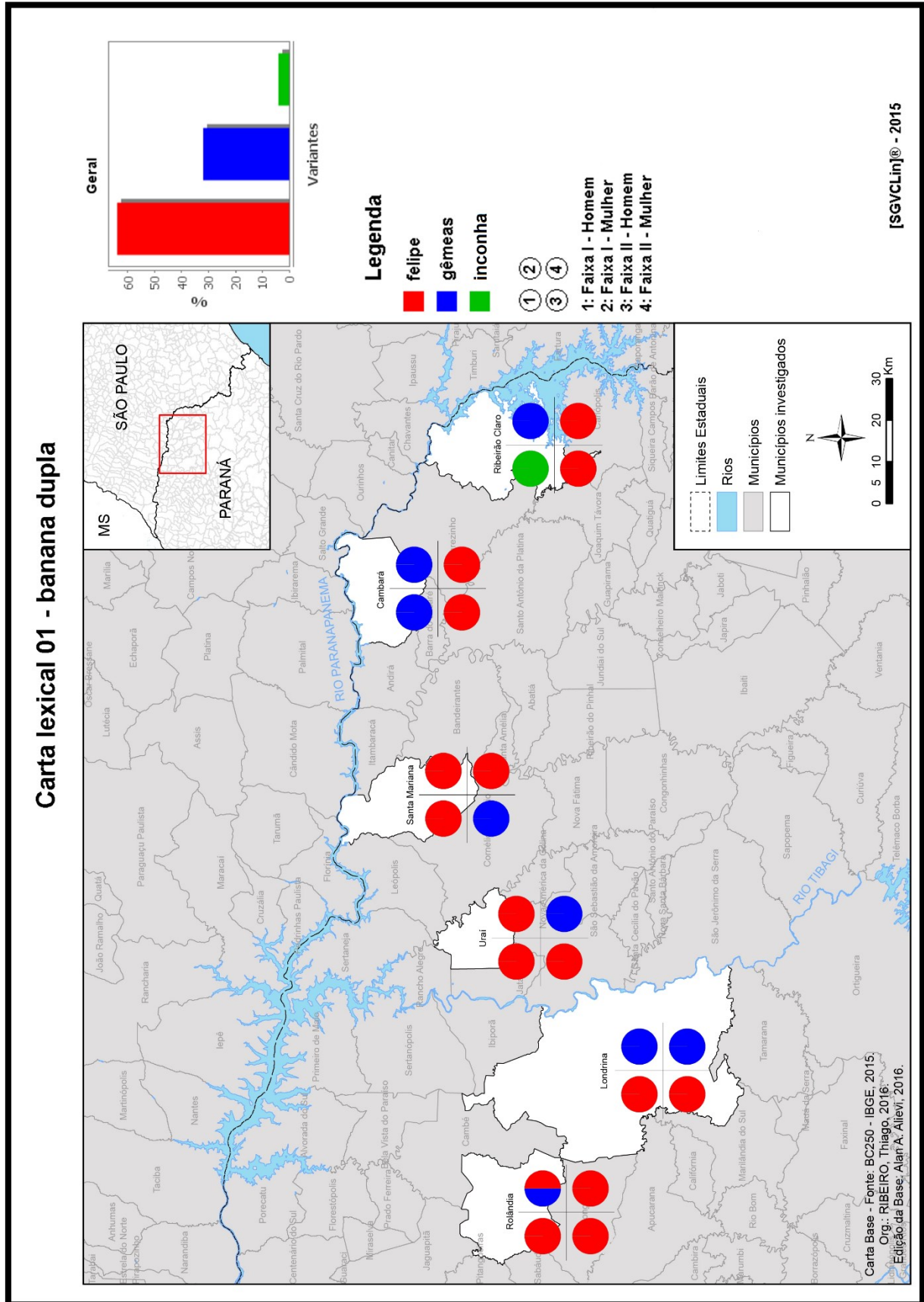
Desta forma, usando como exemplo a lexia *inconha*, com apenas uma ocorrência, justifica a importância do registro do léxico regional como forma de perenização de unidades léxicas que foram representativas em dado momento da história da língua e da cultura popular.

Considerando que dos 24 informantes apenas um deu mais de uma resposta, obtivemos 25 ocorrências lexicais nos seis pontos investigados.

Para ilustrar a distribuição diatópica, diassexual e diageracional das variantes dadas como resposta, preparamos carta linguística no software [[GVCLin].

¹⁵ Nova Londrina (207), Londrina (208), Terra Boa (209), Umuarama (210), Tomazina (211), Campo Mourão (212), Cândido de Abreu (213), Piraí do Sul (214), Toledo (215), Adrianópolis (216), São Miguel do Iguçu (217), Imbituva (218), Guarapuava (219), Morretes (221), Lapa (222), Barracão (223).

Figura 4 - Carta linguística para a questão 08 – banana dupla



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Analisando a produtividade dos itens lexicais pelas localidades da rede de pontos, verificamos que a forma *felipe* foi a variante mais frequente nas localidades, registrada na fala de pelo menos dois informantes por ponto investigado; *gêmeas* vem em seguida, proferida também em toda a rede de pontos, porém com menos frequência, obtida ao menos na fala de um informante por ponto; já *inconha* foi produzida apenas por um informante em Ribeirão Claro.

Quadro 6 – Respostas dadas à questão 08 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
FELIPE	01	01	01	01	01	02	02	01	02	-	02	02	16
GÊMEAS	-	01	01	01	01	-	-	01	-	02	-	01	08
INCONHA	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	03	25
	04		04		04		04		04		05		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 25 ocorrências, 12 correspondem à fala dos homens e 13 à das mulheres. Com os homens obtivemos três variantes: *felipe*, *gêmeas* e *inconha*. Na fala das mulheres registramos *felipe* e *gêmeas*.

Conferindo a produtividade das variantes para a questão por sexo, verificamos que a variante *felipe* foi mais produzida pelos homens, enquanto a forma *gêmeas* foi mais frequente na fala das mulheres. O item lexical *inconha* foi usado apenas por um informante homem.

Quanto às participações masculinas e femininas em pesquisas sociolinguísticas destacamos a observação de Lucchesi e Araújo:

No caso da variável sexo, por exemplo, os resultados das análises sociolinguísticas realizadas sobre comunidades rurais e da periferia das grandes cidades exibem resultados totalmente distintos daqueles observados nas sociedades urbanas industrializadas. No caso das comunidades rurais brasileiras, os homens tendem a liderar os processos de mudança em direção às formas de prestígio. Isso porque são eles que têm mais contato com o mundo exterior dos grandes centros urbanos por estarem mais integrados no mercado de trabalho. Já as mulheres, na maioria das vezes circunscritas ao universo doméstico e de trabalho na roça, tendem a conservar mais as formas da fala rural, bem distantes do padrão urbano culto (LUCCHESI & ARAÚJO, *online*).

Acerca da diferenciação sexual na fala, Freitag compartilha:

Em 2001, já assumindo o rótulo “gênero” (gender paradox), Labov revisa os princípios propostos em 1990¹⁶ e introduz os princípios 3 e 4.

(3) Em mudanças com consciência social (from above), mulheres adotam formas de prestígio com maior frequência do que os homens.

(4) Em mudanças sem consciência social (from below), mulheres usam com maior frequência formas inovadoras do que os homens.

A distinção entre mudança com consciência social e mudança sem consciência social se refere a diferentes pontos de partida para a difusão de inovações linguísticas dentro da hierarquia social. Mudança com consciência social emerge em estilos mais formais e nos extremos mais altos da hierarquia social. Mudança sem consciência social emerge nos extremos mais baixos da hierarquia social (FREITAG, 2015, p. 32).

Com relação aos dados levantados, contemplamos sensivelmente maior produtividade das mulheres com mais respostas, enquanto os homens foram mais inovadores realizando uma variante a mais.

Quadro 7 – Respostas dadas à questão 08 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
FELIPE	-	02	-	02	02	01	02	01	01	01	02	02	16
GÊMEAS	01	-	02	-	-	01	-	01	01	01	01	-	08
INCONHA	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	03	02
	04		04		04		04		04		05		25

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 25 ocorrências, 13 foram proferidas por pessoas da faixa etária I (de 30 a 50 anos de idade), enquanto que registramos 12 respostas das pessoas da faixa etária II (de 60 a 80 anos). Com o grupo da faixa etária I obtivemos as variantes *felipe*, *gêmeas* e *inconha*, essa última produzida somente por um informante da primeira faixa. Na fala do grupo da faixa etária II registramos *felipe* e *gêmeas*.

¹⁶ “(1) Em fenômenos sociolinguísticos estáveis, homens usam com maior frequência variantes não padrão do que as mulheres. (2) Na maioria dos fenômenos de mudança linguística, mulheres usam com maior frequência formas inovadoras do que os homens” (FREITAG, 2015, p. 31).

Cotejando a produtividade das designações fornecidas para a questão por faixa etária, ressaltamos *felipe* como a forma mais produtiva na fala das pessoas da faixa II, porém a forma *gêmeas* foi a mais proferida pelo grupo da faixa I. O registro *inconha* foi fornecido apenas pela primeira faixa etária.

Corroborando o alegado, Coan e Freitag (2010, p. 178-179) afirmam que, na perspectiva laboviana, “crianças e pessoas mais velhas demonstram uma média menor de escolhas, pois têm participação social reduzida se comparadas a jovens e pessoas que estão no mercado de trabalho cujas redes sociais são amplas”. Assim, contemplamos os informantes da primeira faixa etária como os mais produtivos.

Partindo da premissa de que o grupo familiar desempenha grande importância no desenvolvimento e enriquecimento vocabular do falante, na escolha do léxico utilizado, havemos por bem, cruzar os dados e verificar as possíveis influências para a produção das variantes coletadas.

Com os dados levantados, na totalidade das respostas para a questão em comento, podemos especificar a ocorrência das variantes estudadas conforme perfil dos informantes apresentado nas páginas 48-49, que permite constatar o uso da variante *felipe* na fala dos informantes HII1, MII1, HII2, MII2, HI3, MI3, MII3, HI4, MI4, HII4, HI5, HII5, HI6, MI6, HII6, MII6, refletindo maior influência paulista e mineira; a variante *gêmeas* produzida pelos informantes MI1, HI2, MI2, HII3, MII4, MI5, MII5, MI6, teve seu uso influenciado por mineiros em sua maior parte; a variante *inconha* foi realizada somente pelo informante HI1 de origem paranaense.

5.2 QUESTÃO 24 – LIBÉLULA

A questão número nº 24 do questionário equivale à 85 do QSL do ALiB e está situada no campo semântico “TERRA / Fauna: aves, pássaros, animais, etc.” com o enunciado: “Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?” (LIBÉLULA).

Podemos observar o registro das lexias *lava-bunda*, *helicóptero*, *libélula*, *bate-bunda*, *pito*, *besourinho d’água*, *maria-comprida*, *maria-fina* e *tesourinha* em resposta à questão, distribuídas no quadro:

Quadro 8 – Respostas dadas à questão 24 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
NÃO LEMBRA	01	02	01	01	02	01	08
LAVA-BUNDA	-	01	02	01	-	01	05
HELICÓPTERO	01	-	01	01	01	-	04
LIBÉLULA	-	-	02	01	01	-	04
NÃO SABE	01	01	-	-	-	01	03
BATE-BUNDA	-	-	-	-	01	01	02
PITO	-	01	-	-	01	-	02
BESOURINHO-D'ÁGUA	01	-	-	-	-	-	01
MARIA-COMPRIDA	-	01	-	-	-	-	01
MARIA-FINA	-	01	-	-	-	-	01
TESOURINHA	-	-	01	-	-	-	01
	04	07	07	04	06	04	32

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Verificando as lexias nos dicionários Aurélio (2010) e Houaiss (2009), obtivemos *lava-bunda*, em ambos, como sinônimo de *libélula*.

Quanto ao item *helicóptero*, somente o encontramos com o mesmo sentido de *libélula* em Houaiss (2009).

Ferreira (2010) informa que *libélula* é proveniente do francês *libellule* < latim científico *libellula* < latim clássico *libella*, ‘nível’, por alusão ao voo planado deste inseto; e a define como “gênero de insetos odonatos, de corpo estreito, dotados de dois pares de asas membranosas, transparentes, em geral brilhantemente coloridas, cujas larvas, carnívoras e voracíssimas, se desenvolvem nas águas correntes, nas estagnadas, ou mesmo no interior de bromeliáceas”. E, ainda, apresenta outras formas como podem ser nomeadas: *cambito*, *canzil*, *cavalinho-de-judeu*, *cavalinho-do-diabo*, *cavalo-de-judeu*, *cavalo-judeu*, *donzelinha*, *jacina*, *jacinta*, *lava-bunda*, *lavadeira*, *lavandeira*, *libelinha*, *odonata*, *macaquinho-de-bambá*, *pito*, *zigue-zigue*. Por sua vez, Houaiss (2009) acrescenta que as *libélulas* possuem asas alongadas e providas de rica nervação, e que são carnívoras em todas as fases vitais, alimentando-se de insetos e outros organismos. Apresenta alguns sinônimos já elencados no Aurélio e outros como: *aviãozinho*, *cabra-cega*,

calunga, catarina, chupeta, fura-olho, fura-terra, helicóptero, jaçanã, lava-cu, odonato, olho-de-peixe, papa-fumo, papa-vento, tangerina, zabumba, zigue-zague.

Conforme Silva (2002), em *A vida íntima das palavras*:

LIBÉLULA: do latim *libelula*, diminutivo de *libella*, nível. Designou-se assim a borboleta porque paira no ar, mas outros pesquisadores afirmam que outra palavra latina serviu-lhe de origem. Teria sido *libellulu*, diminutivo de *libru*, livro, dado que as asas do inseto dão a imagem das folhas de um livro. Metáfora por metáfora, mais belas são as de Cecília Meireles em sua *Obra poética*: “libélulas valsavam com seus vestidos de gaze e seus adereços de ametista” (SILVA, 2002, p. 286-287).

Já a forma *pito*, no sentido de *libélula*, figura nos dois dicionários compulsados. Houaiss (2009) dentre outras acepções faz menção a cigarro (‘rolo de tabaco’), podendo vir daí a utilização de *pito* para nomear o inseto que é estreito como um cigarro.

Tesourinha, outro item lexical dado como resposta, consta no Aurélio (2010) e no Houaiss (2009) como pequena tesoura para unhas, espécie de ave e, ainda, remetido a *lacrainha*, não fazendo menção ao inseto em discussão.

Encontramos *bate-bunda* no dicionário Houaiss de 2002, e não mais na versão de 2009, entretanto não na acepção de *libélula*.

As formas *besourinho-d’água, maria-comprida e maria-fina* não foram encontradas nas obras lexicográficas citadas.

Em trabalho publicado por Aguilera (2010), motivado pela pluralidade de denominações populares para a *libélula*, com base nas respostas coletadas pelo Projeto ALiB, junto a 200 informantes naturais de 25 capitais brasileiras, verificamos existir no Brasil “[...] cerca de 1.200 espécies de um total 5.000 existentes no mundo. Predadora de insectos, inclusive o *Aedes aegypti*, até pequenos peixes. Em um único dia pode consumir outros insectos voadores até 14% do seu próprio peso. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Libelinha>)” (AGUILERA, 2010, p. 295).

A autora nos apresenta os nomes que o inseto recebe em alguns países como

A libélula é *libelinha* no português de Portugal, *demoiselle* (senhorita) em francês, *caballo* ou *caballito del diablo*, no Novo México e Colorado, e *dragonfly*, em inglês, isto é, as duas primeiras formas conotam carinho e delicadeza, dados pelo diminutivo, as terceiras traduzem uma forma tabuizada com carga semântica disfórica, amenizada em *caballito*, pelo sufixo diminutivo, e a quarta, *dragonfly*, mais agressiva e ameaçadora pela conjunção de um elemento mítico (o dragão) com o ato de voar (AGUILERA, 2010, p. 301).

A pesquisadora em seu estudo das variantes populares para a *libélula* chegou às seguintes conclusões:

- (i) é bastante produtiva a criação lexical em torno do nome atribuído a este inseto;
- (ii) a criação lexical baseia-se preferencialmente em nomes compostos que possam diferenciar o referente, ora denominado, dos dois outros nomes que o inspiraram;
- (iii) a maioria dos nomes ainda não está dicionarizada embora seja frequente na fala regional ou local. Das trinta denominações, apenas seis constam de Ferreira e de Caldas Aulete. Ao contrário do que consta de Ferreira, como sinônimos para *libélula*, não foram registradas na fala dos informantes das vinte e cinco capitais: *cambito*, *canzil*, *cavalinho-de-judeu*, *cavalinho-do-diabo*, *cavalo-de-judeu*, *cavalo-judeu*, *donzelinha*, *jacina*, *lavadeira*, *libelinha*, *odonata* e *pito*;
- (iv) na ausência ou no desconhecimento de um nome científico ou padrão para este inseto, o falante atribui nomes criados sob as mais diversas motivações: aspecto físico, função, associações mentais/analogias com outros semelhantes, o que leva a signos transparentes (AGUILERA, 2010, p. 306-307).

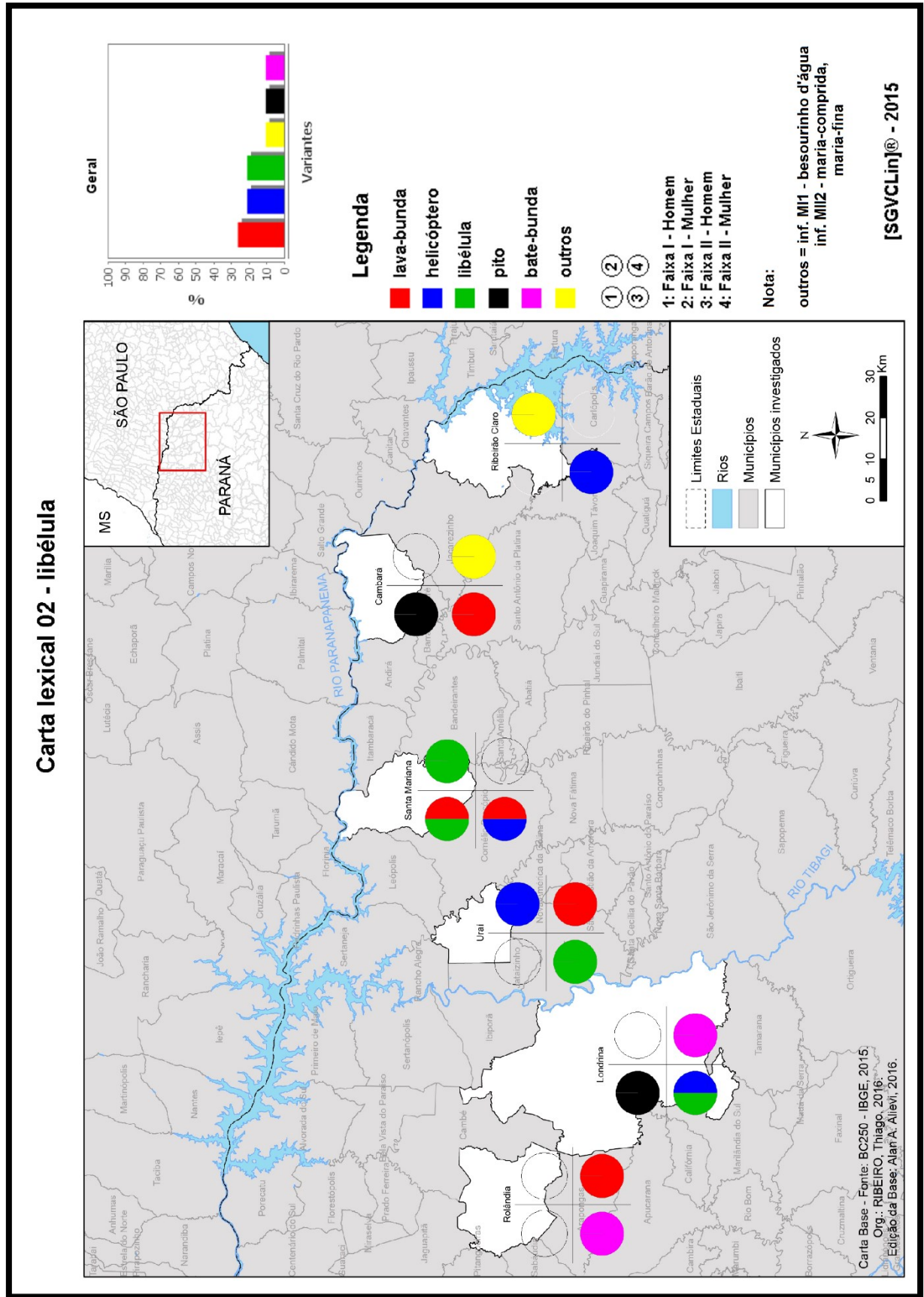
Em consulta ao banco de dados do ALiB, verificamos as seguintes variantes para *libélula*: *lava-bunda*, *pica-fumo*, *lava-cu*, *cigarra*, *aviãozinho*, *mutuca*, *ciganinha*, *palito*, *lava-lava*, *helicóptero*, *cu d'água*, *tesourinha*, *lavadera*, e suas variantes fonéticas.

Considerando que dos 24 informantes apenas um deu mais de uma resposta, obtivemos 25 ocorrências lexicais nos seis pontos investigados.

Inserindo os dados obtidos com a pesquisa *in loco* no [JGVCLin] – *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*, de Seabra, Romano e Oliveira, elaboramos uma carta linguística com a distribuição dos nomes para o referente em questão por sexo e faixa etária em cada localidade. Para tanto, desconsideramos as primeiras respostas fornecidas pelos informantes HII2, MII2 e MII5 (*não lembra*), e as duas respostas da MII3 (*não lembra* e *tesourinha*); tratamos como *outros* as designações *besourinho d'água*, *maria-comprida* e *maria-fina* por

ocorrerem uma vez; e registramos as abstenções de HI1, MII1, MI2, MII3, HI4, MI5, HI6, MI6, resultando em oito não-respostas.

Figura 5 - Carta linguística para a questão 24 – libélula



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Com os nomes informados nas respostas à questão, depreendemos que *helicóptero* e *lava-bunda* são contemplados em quatro pontos linguísticos; *libélula* ocorre em três localidades; *pito* e *bate-bunda* figuram em dois lugares; e as formas registradas uma vez – *hapax legomena* – *besourinho d'água* (registrada no item *outros*) ocorreu em Ribeirão Claro; *maria-comprida* e *maria-fina* (*outros*) em Cambará.

Quadro 9 – Respostas dadas à questão 24 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
NÃO LEMBRA	01	-	01	01	-	01	01	-	-	02	-	01	08
LAVA-BUNDA	-	-	01	-	02	-	-	01	-	-	-	01	05
HELICÓPTERO	01	-	-	-	01	-	-	01	01	-	-	-	04
LIBÉLULA	-	-	-	-	01	01	01	-	01	-	-	-	04
NÃO SABE	-	01	-	01	-	-	-	-	-	-	01	-	03
BATE-BUNDA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01	-	02
PITO	-	-	01	-	-	-	-	-	01	-	-	-	02
BESOURINHO-D'ÁGUA	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
MARIA-COMPRIDA	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
MARIA-FINA	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
TESOURINHA	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
	02	02	03	04	04	03	02	02	03	03	02	02	32
	04		07		07		04		06		04		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 32 ocorrências lexicais, 16 correspondem à fala dos homens e 16 à das mulheres. Tanto na fala dos homens como na fala das mulheres obtivemos as designações *helicóptero*, *libélula*, *lava-bunda* e *bate-bunda*, entretanto, *pito* só consta da fala masculina e *besourinho d'água*, *maria-fina* e *maria comprida* (*outros*) emitidas apenas pelas mulheres.

Conferindo a produtividade das variantes por sexo, destacamos que as designações *helicóptero*, *libélula* e *lava-bunda* foram mais frequentes na fala dos homens; *bate-bunda* figura de igual maneira na fala de ambos os sexos; *pito* foi produzido apenas na fala masculina; e *outros* (*besourinho d'água*, *maria-fina* e *maria comprida*) somente no grupo feminino.

Quadro 10 – Respostas dadas à questão 24 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
NÃO LEMBRA	01	-	-	02	-	01	01	-	01	01	01	-	08
LAVA-BUNDA	-	-	-	01	01	01	-	01	-	-	-	01	05
HELICÓPTERO	-	01	-	-	-	01	01	-	-	01	-	-	04
LIBÉLULA	-	-	-	-	02	-	-	01	-	01	-	-	04
NÃO SABE	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	01	-	03
BATE-BUNDA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01	02
PITO	-	-	01	-	-	-	-	-	01	-	-	-	02
BESOURINHO-D'ÁGUA	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
MARIA-COMPRIDA	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
MARIA-FINA	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
TESOURINHA	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
	02	02	02	05	03	04	02	02	02	04	02	02	
	04		07		07		04		06		04		32

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 32 ocorrências, 13 correspondem à fala do grupo etário I (de 30 a 50 anos de idade) e 19 para o grupo etário II (de 60 a 80 anos).

Nos dois grupos etários registramos *helicóptero*, *libélula* e *lava-bunda*, porém, as formas *pito* e a *hapax legomena besourinho d'água* ocorreram apenas entre informantes do primeiro grupo; as designações *bate-bunda*, *maria-fina* e *maria comprida* (*outros*) foram emitidas apenas pelo segundo grupo.

Cotejando a produtividade das designações por faixa etária, verificamos que os itens *lava-bunda* e *helicóptero* se destacam na faixa II; *pito* e *besourinho d'água* (*outros*) foram registradas apenas pela primeira faixa etária; *libélula* figura de igual forma em ambas as faixas etárias; *bate-bunda*, *maria-fina* e *maria comprida* foram efetuadas somente pelo segundo grupo.

Os dados foram observados com base no perfil dos informantes (p. 48-49), o que demonstra a utilização da forma *lava-bunda* pelos informantes HII2, HII3, HII3, MII4, MII6 como influência mineira em sua maior parte; os informantes HII3, MII3, HII4, HII5 colaboraram com *libélula*, sendo descendentes de paulistas, mineiros, japoneses e nordestinos; o item *helicóptero* foi informado por HII1, HII3, MII4, HII5 prevalecendo influência mineira; *bate-bunda* foi executada pelos

informantes MII5 e HII6 de origem nordestina; *pito* foi registrado na fala de HI2 e HI5 retratando influência mineira e nordestina; *besourinho d'água* foi respondido pela MI1 de mãe paranaense e pai paulista; as formas *maria-comprida* e *maria-fina* foram efetuadas pela MII2 de mãe paulista e pai italiano.

5.3 QUESTÃO 36 – PESSOA SOVINA

A questão n.º 36 do questionário, equivalente à 138 do QSL do ALiB, está alocada no campo semântico “HOMEM / Partes do corpo, funções, doenças, comportamento social, ciclos da vida, etc.”, e possui o seguinte enunciado: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?” (PESSOA SOVINA).

Justificamos a escolha da questão por apresentar um grande número de variantes como retorno, posto que, quando se trata de um adjetivo, as pessoas possuem uma vasta lista de sinônimos. Registramos: *pão-duro*, *munheca*, *mão-de-vaca*, *seguro*, *miserável*, *mão-dura*, *mão-fechada*, *muxiba*, *avarento*, *econômico*, *economista*, *mesquinho*, *muquirana*, *morrinha*, *ridico*, *ruim*, *sovina* e *unha-de-fome*, que distribuimos no quadro:

Quadro 11 – Respostas dadas à questão 36 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
PÃO-DURO	02	-	02	03	02	01	10
MUNHECA	02	03	-	-	02	02	09
MÃO-DE-VACA	-	02	-	01	02	01	06
SEGURO	01	01	01	01	-	-	04
MISERÁVEL	-	-	-	01	-	03	04
MÃO-DURA	01	-	-	-	-	02	03
MÃO-FECHADA	-	-	01	-	-	02	03
MUXIBA	-	-	01	01	-	-	02
AVARENTO	-	-	01	-	-	-	01
ECONÔMICO	-	01	-	-	-	-	01
ECONOMISTA	-	01	-	-	-	-	01
MESQUINHO	-	-	-	-	01	-	01

MUQUIRANA	-	-	-	-	01	-	01
MORRINHA	-	01	-	-	-	-	01
RIDICO	-	-	01	-	-	-	01
RUIM	-	01	-	-	-	-	01
SOVINA	-	-	-	-	01	-	01
UNHA-DE-FOME	-	-	-	-	-	01	01
	06	10	07	07	09	12	51

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

O quadro mostra que a variante mais frequente na área estudada é *pão-duro* e a segunda é *munheca*. Na sequência, temos *mão-de-vaca*, *seguro*, *miserável*, *mão-dura*, *mão-fechada*, *muxiba*. Dentre as expressões com o menor número de ocorrências verificamos *avarento*, *econômico*, *economista*, *mesquinho*, *muquirana*, *murrinha*, *ridico*, *ruim*, *sovina* e *unha-de-fome*, configurando-se como *hapax legomena*.

Das lexias levantadas nas entrevistas, verificamos que *pão-duro*, segundo o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2009, p. 1481), tem sua origem na alcunha de um avarento que se alimentava com o pão duro que lhe dava uma padaria. E ainda, que o item está relacionado a *avaro*, aquele que tem avareza, que é sórdido e excessivamente apegado ao dinheiro (2009, p. 236). O dicionarista apresenta sinônimos usados pelas regiões brasileiras, tais como: *acanhado*, *agarrado*, *amarrado*, *arrepanhado*, *avarento*, *cainho*, *cajueiro*, *canguinho*, *canhengue*, *canguinhas*, *casca*, *casquinha*, *catanga*, *cauila*, *cauira*, *chifre de cabra*, *escasso*, *esganado*, *foca*, *fomenica*, *fominha*, *fona*, *forra-gaitas*, *forreta*, *fuinha*, *futre*, *gaveteiro*, *ginja*, *harpagão*, *manicurto*, *mão de finado*, *mão de leitão*, *mão de vaca*, *mãos-atadas*, *mesquinho*, *migalheiro*, *mingolas*, *mirra*, *miserável*, *mitra*, *miúdo*, *morrinha*, *morto a fome*, *munheca de samambaia*, *muquira*, *muquirana*, *olhinho*, *pão-duro*, *pelintra*, *pica-fumo*, *pirão na unha*, *piroca*, *resmelengo*, *rezina*, *ridico*, *ridículo*, *seguro*, *socancra*, *somítico*, *sórdido*, *sorrelfa*, *sovina*, *tacanho*, *tamanduá*, *tenaz*, *tranca*, *unhaca*, *unha de fome*, *unhas de fome*, *unhas*, *usurário*, *usureiro*, *vilão*, *vinagre*, *zura*, *zuraco*.

No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009, p. 1424), *pão-duro* consta como o mesmo que *avarento*. Por sua vez, Viotti, em seu *Novo Dicionário da Gíria Brasileira* (1956, p. 309) relaciona o item a *avarento*, *unhas de fome*, *sovina*.

Quanto à *munheca*, palavra de origem espanhola, não a encontramos no Aurélio com a acepção pretendida, somente em Houaiss (2009, p. 1331), como indivíduo pouco ou nada generoso, pessoa *avara*, *sovina*. No *Dicionário da Gíria Brasileira* de Silva (1973, p. 140), o adjetivo faz alusão à *sovina*, assim como também o faz Viotti (1956, p. 287).

Mão-de-vaca, no Aurélio (2009, p. 1272), consta como indivíduo *mesquinho*, *avaro*, enquanto que Houaiss registra a forma com outra acepção.

O item lexical *seguro*, proveniente do latim *securu*, no Aurélio (2009, p. 1821), refere-se a *avaro*; no Houaiss (2009, p. 1722), está relacionado à *sovina* e *avarento*. Para Viotti (1956, p. 380), está associado a *avarento*, “*vinagre*”, *pão-duro*.

Para miserável, do latim *miserabile*, no Aurélio (2009, p. 1338) está elencada a acepção de *avaro*, e *avarento* e *sovina* no Houaiss (2009, p. 1298).

Com relação à forma *mão-dura*, verificamos que não se encontra catalogada nas obras lexicográficas consultadas.

O adjetivo *mão-fechada* não consta do Aurélio, mas está descrito no Houaiss (2009, p. 1239) como aquele que é *sovina*, *avarento* e *pão-duro*.

Muxiba, que significa carne magra e pelanca nos dois dicionários, é arrolada em Houaiss (2009, p. 1336) como aquele que é apegado ao dinheiro, *avarento*, *usurário* e *unha de fome*. Viotti (1956, p. 288), por sua vez, vincula o item lexical a *usurário* e *unhas-de-fome*.

Para a forma *avarento*, Aurélio (2009, p. 236) aponta *avaro*, cuja acepção já foi explanada conforme consta na obra do dicionarista. Houaiss (2009, p. 228) identifica *avarento* como aquele que é obcecado por adquirir e acumular dinheiro, *sovina*, que ou quem não é generoso. E enumera sinônimos que não constam do Aurélio, como *ávido*, *cobiçoso*, *cúpido*, *mão-fechada*, *mofino*, *sovelão*, *tacanho*. Quanto a *avaro*, Houaiss (2009, p. 228) registra como procedente do latim *avārus,a,um*, relaciona-se a *avarento*, que revela zelo ou ciúme, que tem grande desejo de, que é ávido de dinheiro, cobiçoso.

Já *econômico*, que vem do grego *oikonomikó* e do latim *oeconomicu*, o Aurélio (2009, p. 712) traz como o que controla as despesas, parcimonioso nos gastos; e no Houaiss (2009, p. 720), caracterizado pelo uso cauteloso, eficiente e ponderado dos recursos materiais, que controla gastos, que evita desperdícios, acepções que não têm a mesma relação com *avaro*.

Quanto a *economista*, verificamos nos dicionários que é o bacharel em ciências econômicas (FERREIRA, 2009, p. 712) e quem está habilitado a prestar, em assunto econômico, assistência profissional a outrem (HOUAISS, 2009, p. 720), não se relacionando à figura do *pão-duro*.

O item *mesquinho*, proveniente do árabe *miskīn*, associa-se a pobre, desgraçado, coitado, infeliz. Aurélio (2009, p. 1318) registra como não generoso, que não gosta de dar, relacionado a *avaro*. No Houaiss (2009, p. 1280), destaca-se como demasiadamente agarrado a bens materiais; *avaro*, *sovina*.

A forma *muquirana*, do tupi *moki'rana* que significa piolho do corpo humano, no Aurélio (2009, p. 1375) é relativa a *avaro*, no Houaiss (2009, p. 1332) significa aquele que se mostra *sovina*, *avarento*, *mesquinho*. Em Viotti (1956, p. 287), encontramos *muquirã*, associado a *mesquinho*, *sovina*, incapaz de ação generosa, *muquirana*.

Morrinha, relacionada a *avaro* no Aurélio (2009, p. 1362), consta em Houaiss (p. 1319) como aquele que revela grande apego ao dinheiro, excessivamente econômico, *sovina*.

No que tange a *ridíco*, forma sincopada de ridículo, consta no Aurélio (2009, p. 1760) como de uso mineiro, relacionando-a a *avaro*. Tal forma não encontramos em Houaiss, mas destacamos em *ridículo* (2009, p. 1667), do latim *ridicūlus, a, um*, risível, jocoso, a acepção de que tem muito apego ao dinheiro, *sovina*, *avarento*.

O adjetivo *ruim* não está catalogado no sentido pesquisado, pessoa apegada ao dinheiro, não consistindo em uma variante do termo. Entretanto, ressaltamos que a ruindade é uma característica inerente ao *pão-duro*.

Ferreira (2009, p. 1880) associa *sovina* a *avaro*, enquanto Houaiss (2009, p. 1775) alega que *sovina* é quem não gosta de gastar dinheiro, *avarento*, *forreta*.

A última forma levantada, *unha de fome*, refere-se a *avaro* no Aurélio (2009, p. 2019). Em Houaiss (2009, p. 1905) significa *avarento*.

Como podemos verificar, algumas variantes não se encontram dicionarizadas com o sentido buscado nesta pesquisa, certas pessoas ou grupos sociais acabam atribuindo um significado diferente do comumente utilizado para o item lexical, como no caso de *economista* e *ruim*, por isso, encontram-se dicionarizadas, porém, não com a mesma acepção, assim ocorre com *econômico*

que consta das duas obras consultadas, mas no sentido de quem controla as despesas, evita desperdícios. Já a expressão *mão-duro* não está dicionarizada.

Destacamos no *Dicionário Aurélio* a origem da expressão *pão-duro* como “alrunha de um avarento que se alimentava com o pão duro que lhe dava uma padaria”. Encontramos também a forma sincopada *ridico*, proveniente de *ridículo* e a expressão *mão-de-vaca*, usadas para se referir ao item lexical em estudo. Ainda, em consulta ao dicionário de Ferreira, no verbete *avaro*, estão registrados mais de sessenta sinônimos.

Por sua vez, localizamos no Houaiss a acepção de *munheca*, *mão-fechada* e *muxiba* relacionada à pessoa avarenta, sovina, não elencada por Ferreira. Em Houaiss não consta *ridico*, mas sim *ridículo* com referência à sovina, avarento.

As variantes *pão-duro*, *seguro*, *avarento* e *morrinha* estão dicionarizadas nas duas obras com o sentido trazido na questão, de pessoa apegada ao dinheiro.

Razky *et al* (2012, p. 46), em estudo que trata da variação de pessoa sovina nos dados do *Atlas Geossociolinguístico do Pará*, comentam que

Das variantes encontradas, seis apresentam em sua composição a forma *mão*, como em *mão-de-vaca*, *mão-fechada*, *mão-trancada*, *mão-apertada*, *mão de sapo*, *mão de mucura assada*. Algumas delas podem facilmente ser compreendidas quando analisada a pergunta do questionário respondida e a relação que ela guarda com o dinheiro. É o caso de *mão apertada*, *mão fechada*, *mão trancada ou mesmo econômico*, *somítico*, por exemplo. Outras, entretanto, só podem ser compreendidas quando se conhecem alguns aspectos da cultura, costumes da comunidade cujo falar foi pesquisado. É o caso de *mão de mucura assada*. Aqui, há necessidade, para compreensão desse uso, de se conhecer hábitos alimentares dessas comunidades ou de outras comunidades que os praticam (RAZKY *et al*, 2012, p. 46 - destaques dos autores).

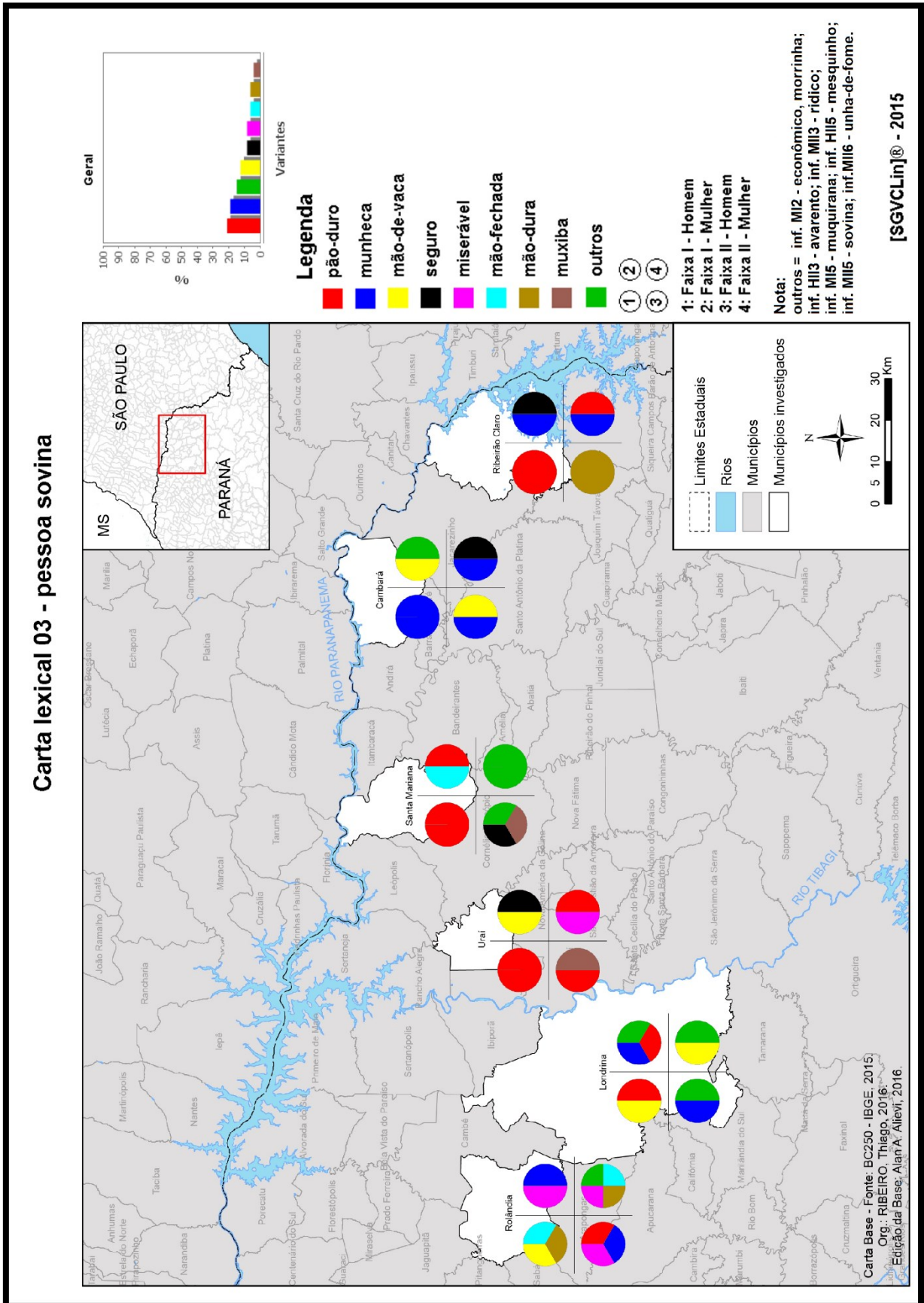
Confirmando os nomes levantados nos inquéritos, consultamos o banco de dados do ALiB e encontramos para a lexia em questão, nas 16 localidades do interior investigadas no Paraná, a ocorrência das seguintes variantes: *pão-duro*, *mão-de-vaca*, *cofre-forte*, *econômico*, *mão-fechada*, *canguinha*, *munheca*, *seguro*, *unha-de-fome*, *murrinha*, *miserável*, *curu*, *come-unha*, *Tio Patinhas*, *avarento*, *apertado*, *mesquinho*, *muquirana*, e suas variantes fonéticas. Com isso, podemos afirmar que as variantes coletadas em 2016 refletem a conservação de referentes

como *pão-duro*, *mão-de-vaca*, *econômico*, *mão-fechada*, *munheca*, *seguro*, *unha-de-fome*, *morrinha*, *miserável*, *avarento*, *mesquinho* e *muquirana*.

Assim, lembramos que dos 24 informantes 19 deram mais de uma resposta, resultando em 51 ocorrências lexicais nos seis pontos investigados.

Com esses dados elaboramos uma carta linguística, ilustrando a distribuição diatópica, diasssexual e diageracional ocorrida com as designações colhidas. Para tanto, desconsideramos a segunda resposta fornecida pelo informante HI2 (*economista*), e a quarta resposta da MI2 (*ruim*); e tratamos como *outros* as designações *econômico*, *morrinha*, *avarento*, *ridico*, *muquirana*, *mesquinho*, *sovina* e *unha-de-fome* por terem sido registradas somente uma vez.

Figura 6 - Carta linguística para a questão 36 – pessoa sovina



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Verificando a produtividade das variantes por localidade, observamos que o item lexical *pão-duro* ocorre na fala de informantes de cinco pontos de nossa rede, mais frequente em Uraí; *munheca* proferida em quatro pontos de inquérito, mais produtiva em Cambará; *mão-de-vaca* aparece também em quatro pontos, respondida mais em Cambará e Londrina; *seguro* acontece na fala de um informante em quatro pontos; *miserável* em dois pontos, com destaque para Rolândia; *mão-dura*, em dois pontos, mais usada em Rolândia; *mão-fechada*, ocorre em dois pontos e também mais aparece em Rolândia; *muxiba*, em dois pontos com uma ocorrência em cada; *avarento* e *ridico* só em Santa Mariana; *econômico* e *morrinha*, apenas em Cambará; *mesquinho*, *muquirana* e *sovina*, somente em Londrina; e *unha-de-fome*, em Rolândia.

Quadro 12 – Respostas dadas à questão 36 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
PÃO-DURO	01	01	-	-	01	01	02	01	01	01	01	-	10
MUNHECA	-	02	02	01	-	-	-	-	01	01	01	01	09
MÃO-DE-VACA	-	-	01	01	-	-	-	01	01	01	01	-	06
SEGURO	-	01	-	01	01	-	-	01	-	-	-	-	04
MISERÁVEL	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01	02	04
MÃO-DURA	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01	03
MÃO-FECHADA	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01	01	03
MUXIBA	-	-	-	-	01	-	01	-	-	-	-	-	02
AVARENTO	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
ECONÔMICO	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
ECONOMISTA	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
MESQUINHO	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01
MUQUIRANA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
MORRINHA	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
RIDICO	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
RUIM	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
SOVINA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
UNHA-DE-FOME	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
	02	04	04	06	04	03	03	04	04	05	06	06	
	06		10		07		07		09		12		51

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

RUIM	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
SOVINA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
UNHA-DE-FOME	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
	03	03	06	04	03	04	03	04	05	04	05	07	51
	06		10		07		07		09		12		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 51 ocorrências, 25 correspondem à fala do grupo etário I (de 30 a 50 anos de idade) e 26 à do grupo etário II (de 60 a 80 anos).

Figuram nos dois grupos as variantes *pão-duro*, *munheca*, *mão-de-vaca*, *seguro*, *miserável*, *mão-dura*, *mão-fechada*. Exclusivamente na fala do primeiro grupo registramos *econômico*, *morrinha* e *muquirana*. E somente na fala do segundo encontramos *muxiba*, *avarento*, *ridico*, *mesquinho*, *sovina* e *unha-de-fome*.

Cotejando a produtividade das designações fornecidas para a questão por faixa etária, observamos que *pão-duro* foi a forma mais produtiva na fala das pessoas da faixa I; *munheca* foi mais proferida pelo grupo da faixa II; *mão-de-vaca* foi mais respondida na faixa I; *seguro* foi empregado de igual forma em ambas as faixas; *miserável* teve mais ocorrências na segunda faixa, assim como a forma *mão-dura*; *mão-fechada* na faixa I; os registros *econômico*, *morrinha* e *muquirana* foram fornecidos apenas pela primeira faixa etária; as formas *muxiba*, *avarento*, *ridico*, *mesquinho*, *sovina* e *unha-de-fome* foram informadas somente pela segunda.

Correlacionando a ocorrência das variantes coletadas com a localidade, sexo, faixa etária e perfil dos informantes apresentado nas páginas 48-49, visualizamos que o uso da variante *pão-duro* provém dos informantes HI1, MII1, HI3, MI3, HI4, HII4, MII4, HI5, MI5, HII6, em sua maioria, de ascendência mineira; *munheca* teve maior ocorrência em respostas proferidas por informantes com pais paranaenses e paulistas, quais sejam MI1, MII1, HI2, HII2, MII2, MI5, HII5, MI6, HII6; *mão-de-vaca* entre os descendentes mineiros e nordestinos, informado por MI2, HII2, MI4, HI5, MII5, HI6; maior influência mineira no uso da variante *seguro* pelos informantes MI1, MII2, HII3, MI4; verificamos, também, maior utilização da variante *miserável* por parte de informantes com pais mineiros MII4, MI6, HII6, MII6; maior influência mineira no uso da variante *mão-dura* fornecida pelos informantes HII1, HI6, MII6; grande influência mineira no uso da variante *mão-fechada* por parte da MI3, HI6, MII6; o item lexical *muxiba* foi produzido por HII3, de pais mineiros, e HII4, de pais japoneses; observamos que a variante *avarento* foi proferida por HII3 com

pais mineiros; *econômico* e *murrinha* foram usadas por MI2, filha de mãe mineira e pai paulista; *mesquinho* ocorreu na fala de HII5, com pais nordestinos; o nome *muquirana* foi informado por MI5, com mãe paranaense; a informante MII3, cujos pais tiveram criação paulista, proferiu *ridico*; a forma *sovina* foi proferida por MII5, cujos pais são nordestinos; a variante *unha-de-fome* foi usada pela informante MII6, com mãe paulista e pai mineiro.

5.4 QUESTÃO 39 – CUECA

A questão n.º 39 equivale à n.º 189 do QSL do ALiB e à n.º 265 do ALPR, pertencente ao campo semântico “HOMEM / Vestuário e calçados” com o enunciado: “Como se chama a peça que os homens usam por baixo das calças?” (CUECA).

Como podemos observar, foram registradas em resposta à questão as formas *cueca*, *zorba*, *ceroula*, *calção* e *sunga*, que expomos no quadro.

Quadro 14 – Respostas dadas à questão 39 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
CUECA	04	04	04	04	04	04	24
ZORBA	01	01	01	01	03	03	10
CEROULA	01	01	01	-	01	01	05
CALÇÃO	-	-	01	-	-	-	01
SUNGA	-	01	-	-	-	-	01
	06	07	07	05	08	08	41

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Quanto à verificação das formas levantadas nos dicionários, constatamos *cueca* como peça íntima do vestuário masculino, usada sob a calça, calção etc. (FERREIRA, 2010). Em Houaiss (2009) o item *cueca* remete a *cuecas* que consiste em um calção de tecido leve usado sob as calças.

O termo *zorba* não foi catalogado pelos lexicógrafos investigados. Porém, segundo a gramática, esse termo muito usado é exemplo de *metonímia*, figura de linguagem que consiste em “um processo estrutural de mudança de

sentido, desencadeado pela proximidade sintática de itens” (CASTILHO, 1997, p. 304). Como no caso, o emprego de uma palavra no lugar de outra, a marca pelo produto: *zorba* por *cueca*.

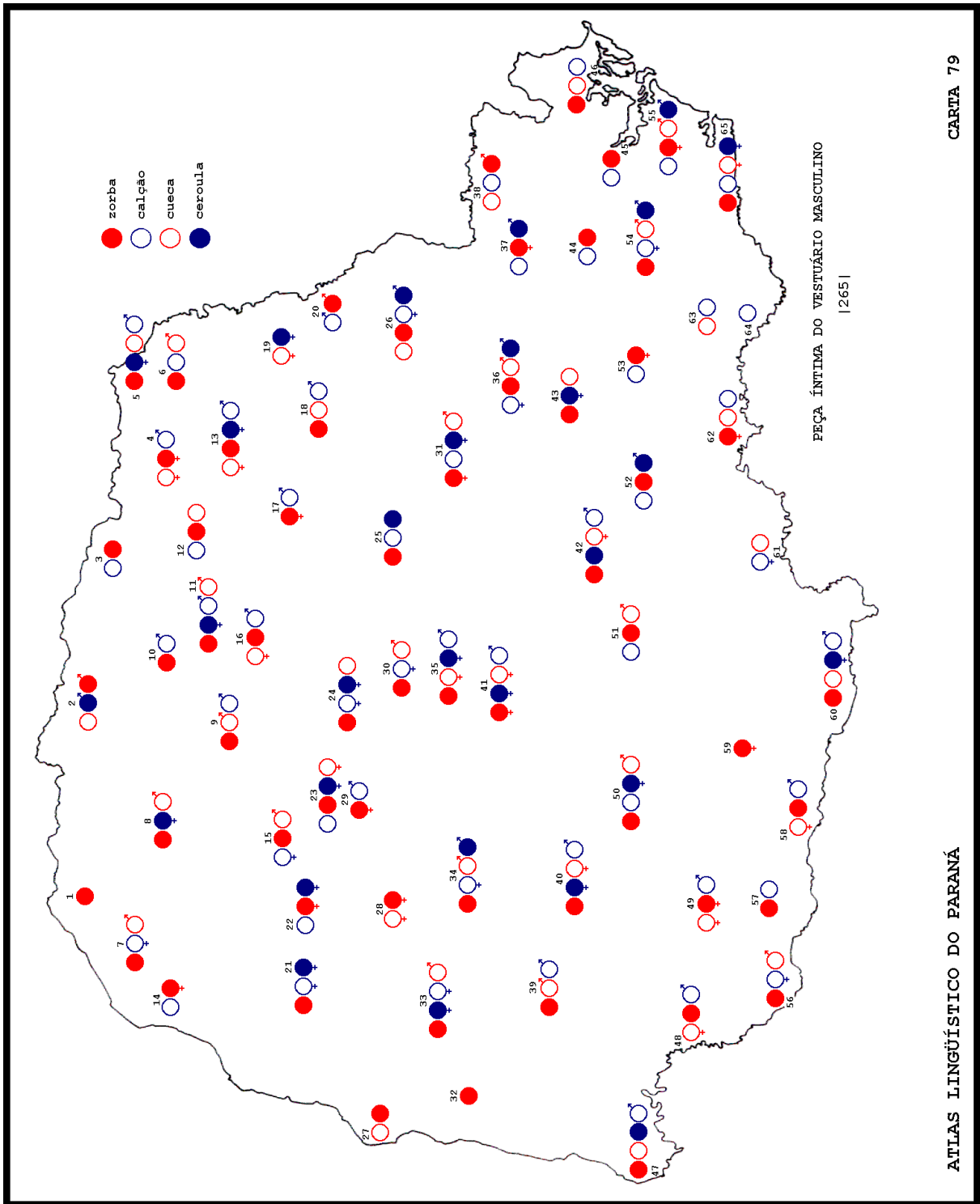
Ferreira (2010) salienta no item *ceroula* sua origem no árabe *sirwāl*, calça ou cueca, e no aramaico *sirwal*. O item no Houaiss (2009) faz menção a *ceroulas* retratadas como roupa masculina com duas pernas, usada sob as calças, que cobre da cintura até o tornozelo, *ceroula*, *cerouilas*, *ceroula*, equiparadas a *cuecas*. Em Houaiss (2002) verificamos a evolução histórica da forma: em 1508 *seroulas*, 1522 *cyroulas*, 1540 *ceroules*, 1540 *ciroulas*, 1562 *ciroulas*.

Para *calção*, o mesmo que *shorts* no inglês, tanto em Aurélio (2010) quanto em Houaiss (2009) consta calça curta e entufada que ia da cintura às virilhas, depois até o meio da coxa e, por fim, até o joelho. Conforme Houaiss (2002), a forma no plural era grafada em 1559 como *calçõis*.

Sunga, forma regressiva de *sungar*, o último nome dado como resposta, vem elencado no Aurélio (2010) como calção cavado, próprio para banho de mar, cueca semelhante a sunga, do tipo slip. Houaiss (2009) é mais minucioso ao tratar o item como traje de banho masculino, de tecido elástico e justo no corpo, bem curto, cavado e baixo na cintura, calção de banho, cueca estreita com a forma desse calção.

Confirmando a existência das variantes levantadas, trazemos a Carta 79 do ALPR com a distribuição diatópica e diassexual das variantes *zorba*, *calção*, *cueca* e *ceroula*:

Figura 7 - Carta 79 do ALPR com a distribuição diatópica e diasssexual das variantes para peça íntima do vestuário masculino



Fonte: Atlas Lingüístico do Paraná (1994)

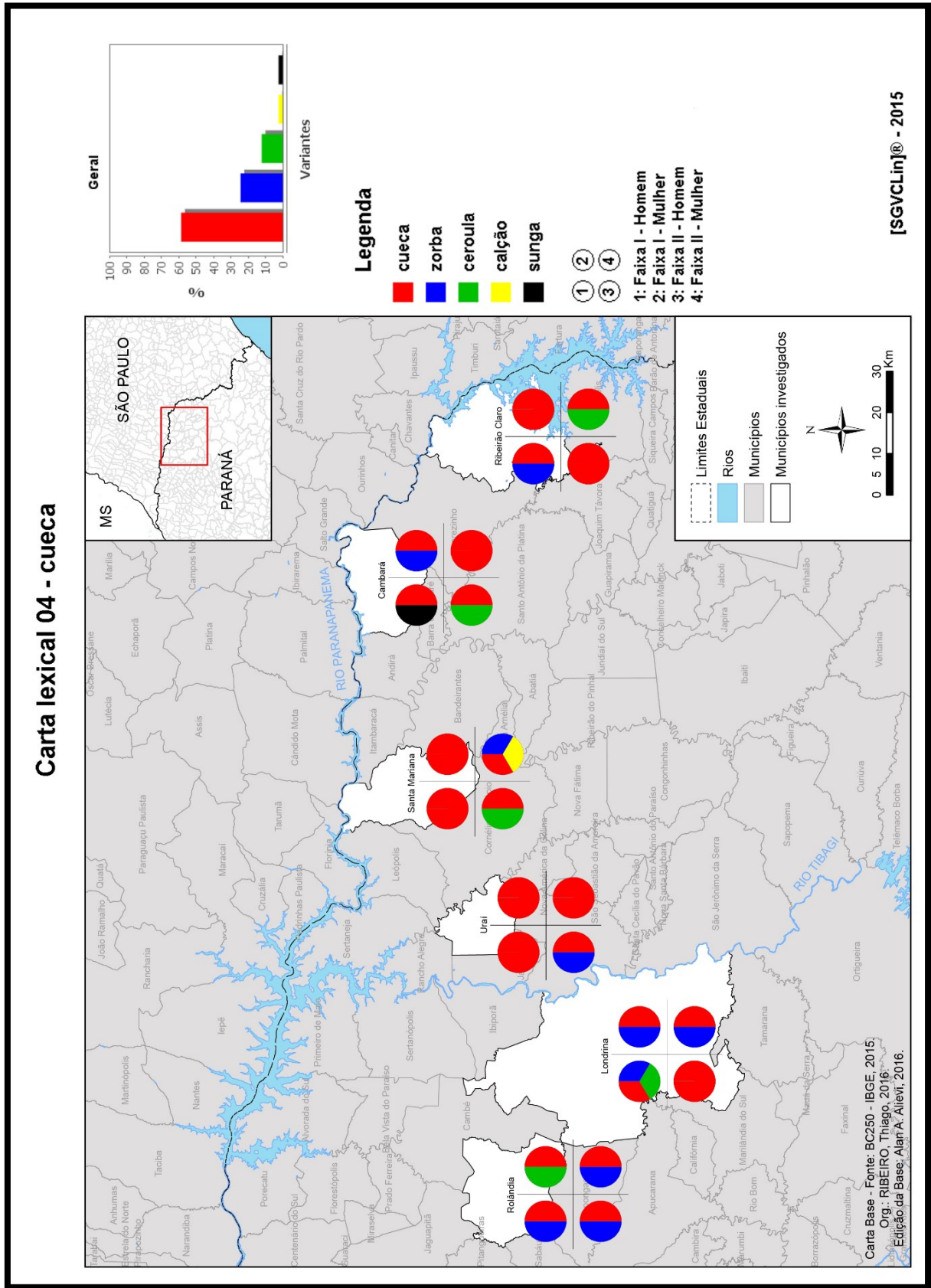
No ALPR II (2007, p. 204), nas matrizes dos dados utilizados na análise dialetométrica daquele atlas verificamos o registro de *zorba*, *cueca*, *ceroula*, *calção* e *shorts*.

No banco de dados do ALiB levantamos para a lexia em questão registros como *cueca*, *zorba*, *ceroula*, *calção*, *samba-canção*, *sunga*, e suas variantes fonéticas.

Considerando que dos 24 informantes 15 deram mais de uma resposta, obtivemos 41 ocorrências lexicais nos seis pontos investigados.

Com essas informações produzimos a carta linguística nº 04 destacando, em cada localidade, as variantes dadas como resposta por sexo e faixa etária.

Figura 8 - Carta linguística para a questão 39 – cueca



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Verificando a produtividade das variantes respondidas para a questão por localidade, apuramos que o item lexical *cueca* ocorre em toda a rede de pontos, na fala de todos os informantes; a forma *zorba* também foi produzida em todas as localidades, mais frequente em Londrina e Rolândia; o nome *ceroula* foi empregado em cinco pontos linguísticos; *calção* figurou apenas em Santa Mariana e *sunga* foi emtida somente em Cambará.

Quadro 15 – Respostas dadas à questão 39 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
CUECA	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	24
ZORBA	01	-	-	01	-	01	01	-	01	02	02	01	10
CEROULA	-	01	01	-	01	-	-	-	01	-	-	01	05
CALÇÃO	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
SUNGA	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
	03	03	04	03	03	04	03	02	04	04	04	04	41
	06		07		07		05		08		08		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 41 ocorrências, 21 correspondem à fala dos homens e 20 à das mulheres. Portanto, o número de registros representa quase a mesma produtividade em ambos os grupos.

Tanto na fala dos homens como na fala das mulheres obtivemos as variantes *cueca*, *zorba* e *ceroula*; somente na fala das mulheres consta a forma *calção*; e exclusivamente na fala masculina a designação *sunga*.

Conferindo a produtividade das variantes respondidas para a questão por sexo, destacamos que os itens lexicais *cueca* e *zorba* são empregados em igualdade por ambos os sexos; a forma *ceroula* tem destaque na fala dos homens; apenas as mulheres nomeiam o referente como *calção*; somente um informante homem usou a forma *sunga*.

Quadro 16 – Respostas dadas à questão 39 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
CUECA	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	24
ZORBA	01	-	01	-	-	01	-	01	02	01	01	02	10
CEROULA	-	01	-	01	-	01	-	-	01	-	01	-	05
CALÇÃO	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
SUNGA	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
	03	03	04	03	02	05	02	03	05	03	04	04	41
	06		07		07		05		08		08		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 41 ocorrências, 20 correspondem à fala do grupo etário I (de 30 a 50 anos de idade) e 21 para o grupo etário II (de 60 a 80 anos).

Com o grupo da faixa etária I obtivemos as variantes *cueca*, *zorba* e *ceroula*, e exclusivamente a designação *sunga*. Na fala do grupo da faixa etária II registramos *cueca*, *zorba*, *ceroula* e o nome *calção*, emitido apenas por este grupo.

Cotejando a produtividade das designações fornecidas para a questão por faixa etária, consideramos que as designações *cueca* e *zorba* são empregadas igualmente pelos dois grupos etários; a forma *ceroula* ocorre mais na fala da faixa II; apenas a segunda faixa etária empregou *calção* para a peça íntima em questão; e só a primeira faixa emitiu o nome *sunga* para o referente.

Correlacionando a ocorrência das variantes coletadas com a localidade, sexo, faixa etária e origem familiar do informante (p. 49), verificamos que o item lexical *cueca* foi respondido por todos os informantes nos seis pontos investigados, prevalecendo influência mineira; *zorba* figurou na resposta dos informantes HI1, MI2, MII3, HII4, HI5, MI5, MII5, HI6, HII6, MII6, de ascendência nordestina; *ceroula* foi efetuada pelos informantes MII1, HII2, HII3, HI5, MI6, de origem paulista e paranaense; o nome *calção* foi emitido pela informante MII3 com origem paulista; e a designação *sunga* foi pronunciada pelo informante HI2 de pais mineiros.

5.5 QUESTÃO 41 – ALPARGATAS

A questão n.º 41, equivalente à n.º 276 do ALPR, está alocada no campo semântico “HOMEM / Vestuário e calçados”, e possui o seguinte enunciado: “Como se chama aquele calçado feito em brim ou lona, com solado de corda ou borracha?” (ALPARGATAS)

Nas entrevistas registramos em resposta à questão: *alpargatas*, *come-quieto*, *sapatilha*, *conga*, *come-calado*, *rasteirinha*, que distribuimos no quadro.

Quadro 17 – Respostas dadas à questão 41 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
ALPARGATAS	01	04	02	03	04	03	17
COME-QUIETO	01	-	01	02	-	-	04
SAPATILHA	02	-	-	-	-	01	03
CONGA	-	01	01	-	-	-	02
NÃO SABE	01	-	-	01	-	-	02
COME-CALADO	-	-	-	-	01	-	01
RASTEIRINHA	-	-	01	-	-	-	01
	05	05	05	06	05	04	30

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Os dicionários Aurélio (2010) e Houaiss (2009) no verbete *alpargata*, de origem árabe *al-balga(t)* ou *al-bulga(t)*, chinela, babucha, fazem menção à *alpercata*. O primeiro traz o item como sandália sem salto que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano, loré. O segundo correlaciona o mesmo significado, apresentando variadas formas que o item pode tomar, somadas às relacionadas no Aurélio, tais como *albarca*, *alparca*, *alparcata*, *alpargata*, *alpergata*, *alpargate*, *alpercata*, *alpercate*, *alpergata*, *apragata*, *paragata*, *pargata*, *pracata*, *pragata*. Em Viotti (1956, p. 37), constatamos *alpracata* como corrutela de *alpercata*, *paracata* referente à *alparcata* ou *alparca*, e também *pracata* (p. 309-310).

O item *come-quieto*, além de significar alguém discreto que não alardeia suas conquistas principalmente amorosas, nos dois dicionários, apenas em

Houaiss (2009) figura como calçado de lona, tênis, alpargata. Sobre o termo em questão, Aguilera e Doiron (2013) explanam o que segue:

[...] Observe-se que o teor da segunda definição – o indivíduo conquistador e reservado – em analogia à *alpargata*, deve-se ao fato de que o calçado de lona, por ser constituído de material leve, permite que a pessoa se locomova sem estardalhaço, que vá para lá e para cá de mansinho, sem apregoar sua presença, exatamente como nesse comentário do Informante B (ponto 54), arrolado nas notas do ALPR: “nói chamava (a)qui *come-quieto*, podia andá que num fazia barulho, né” (AGUILERA; DOIRON, 2013, p. 82-83).

O termo *sapatilha* foi dado como resposta por ser semelhante ao calçado em questão. No Aurélio (2010) encontramos definido como “sapato de bailarinos, leve e flexível, com ponta reforçada e, algumas vezes, com fitas que se entrelaçam à volta do tornozelo; sapato flexível, macio e de sola fina, de uso variado; do lusitano tênis”. Houaiss (2009) o especifica como “sapato próprio para bailarinos” e “sapato flexível e macio, de sola fina, geralmente usado em casa”.

Conga, no dicionário Aurélio (2010), consta como marca registrada e retratado como calçado fechado, de tecido, com sola de borracha. Houaiss (2009) apresenta a palavra, provinda de africanismo, como dança popular de Cuba, música cubana, tipo de tambor, não a relaciona ao tipo de calçado em estudo.

A forma *come-calado* está registrada apenas em Houaiss (2002) com as acepções de certa variedade de feijão e pessoa dissimulada ou discreta que tira partido de situações, às vezes imoralmente, sem fazer alarde.

Por último, verificamos nas obras lexicográficas que *rasteirinha* não está descrita como um tipo de calçado e sim como uma espécie de planta.

Em estudo que trata das variantes lexicais para *alpargata*, Aguilera e Doiron (2013, p. 70) aduzem que o calçado foi introduzido “junto com os árabes na Península Ibérica, a partir de 711 d.C. e chegou ao Brasil pelas mãos dos colonizadores portugueses, no século XVI”.

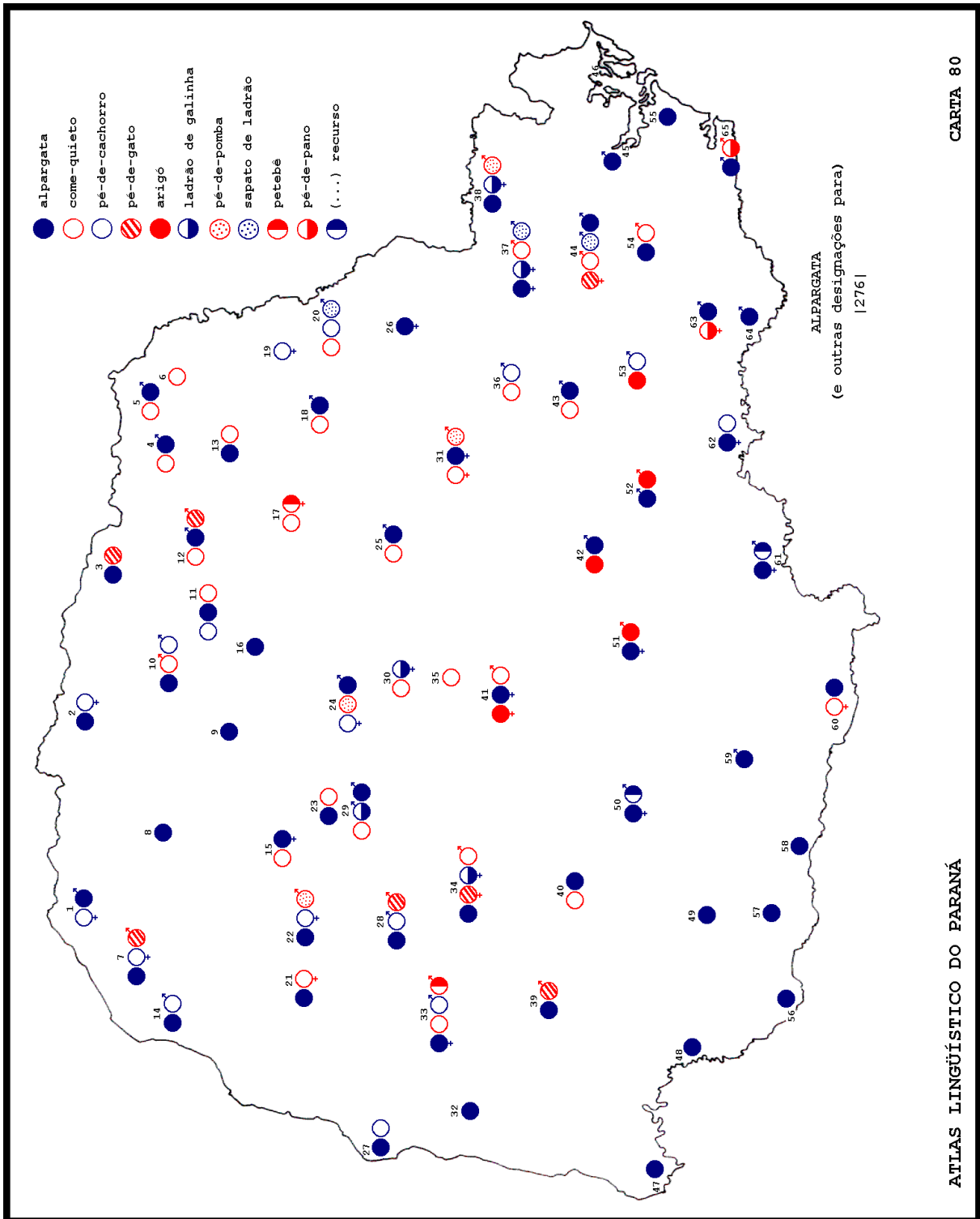
Contribuindo, ainda, com a história das alpargatas no Brasil, as autoras acrescentam:

[...] Da maneira como foi apresentada a questão, os elementos fizeram lembrar aos informantes o modelo de calçado comercializado pela fábrica de produtos têxteis, a São Paulo Alpargatas Company, que, no início do século XX, se chamava Alpargatas Roda, Lonas e Encerados. Fundada na capital paulista em 1907, por um imigrante escocês, em parceria com um grupo inglês, a fábrica era produtora de lona, tecido forte e grosso feito de algodão, juta ou outra fibra similar. Da lona teciam-se encerados utilizados nos terreiros para a secagem dos grãos de café – principal baluarte da economia brasileira no início do século – e uma alpargata rústica, concebida especificamente para os trabalhadores desse setor agrícola. Segundo o que se propagava na época, o calçado, macio e de matéria-prima natural, era perfeito porque não amassava os grãos de café durante a colheita nem quando expostos à secagem. O nome fantasia do calçado – Alpargatas Roda – sofreu, portanto, um processo metonímico, ou seja, o emprego de uma palavra com o significado de outra em vista de uma relação de causalidade ou de implicação mútua entre o que elas representam, estendendo-se, genericamente, a todos os outros calçados que possuíam mais ou menos o mesmo formato, pouco importando a marca ou a finalidade, se adquirida para o trabalho ou lazer. [...] (AGUILERA; DOIRON, 2013, p. 77-78).

Salientamos que o calçado que era feito com sola de corda ou barbante, com a modernização da indústria, passou a ser produzido com sola de borracha também. Com a pesquisa das autoras notamos “o apreço que as alpargatas conquistaram junto à população, brasileira, tanto é que, constantemente, profissionais da moda revisitam o calçado e apresentam alpargatas estilizadas, confortáveis e sempre atuais” (AGUILERA; DOIRON, 2013, p. 95).

Com a Carta 80 do ALPR confirmamos variantes levantadas em nossos inquéritos. Podemos observar na carta a distribuição diatópica e diassexual das variantes *alpargata*, *come-quieto*, *pé-de-cachorro*, *pé-de-gato*, *arigó*, *ladrão de galinha*, *pé-de-pomba*, *sapato de ladrão*, *petebê*, *pé-de-pano* e (...) recurso pelas localidades do Paraná:

Figura 9 - Carta 80 do ALPR com a distribuição diatópica e diasssexual das variantes para alpargata



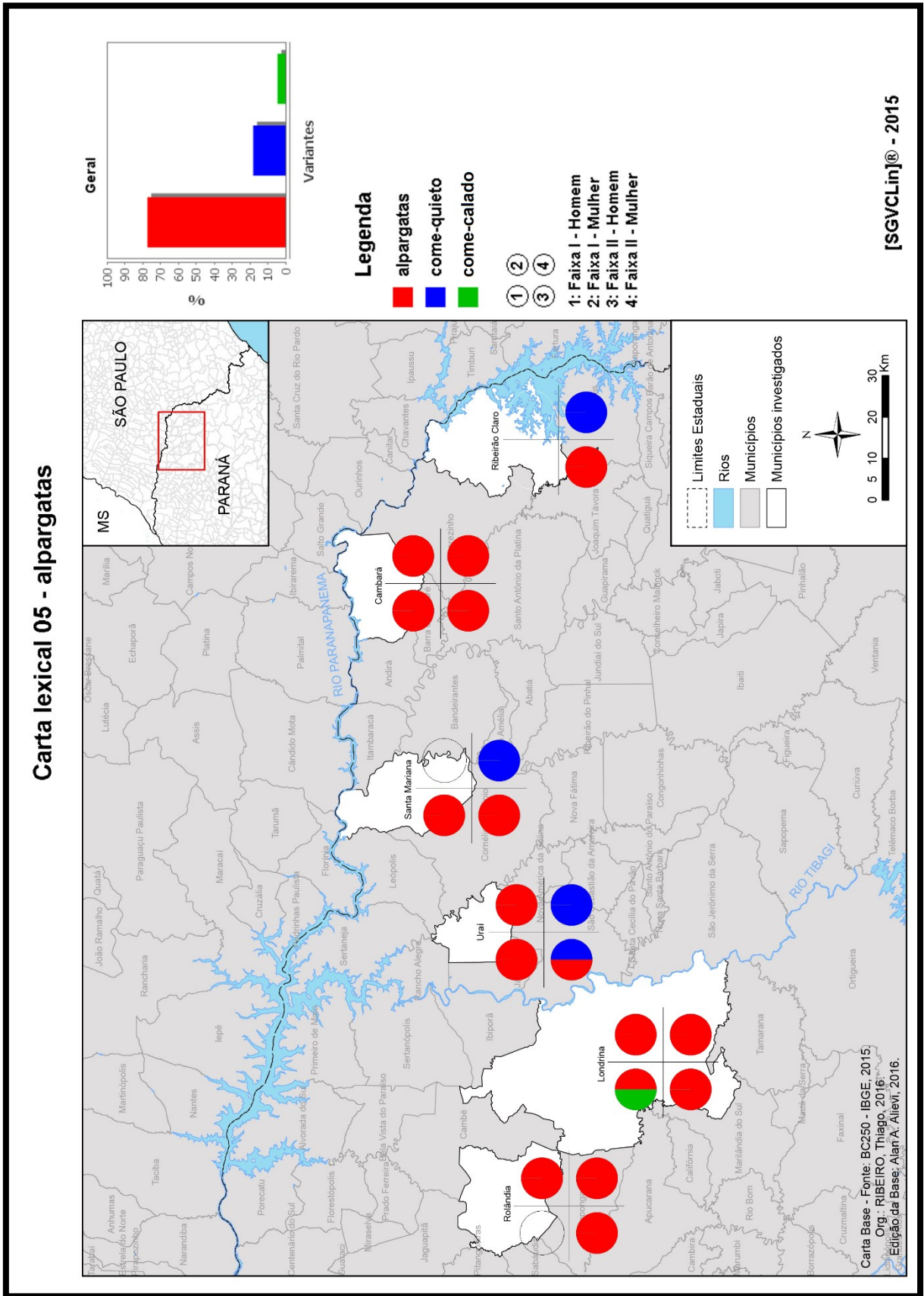
Fonte: Atlas Linguístico do Paraná (1994)

Nas matrizes dos dados utilizados na análise dialetométrica do ALPR II (2007, p. 204), verificamos o registro de *alpargatas*, *pé-de-cachorro*, *come-quieto*, *pé-de-gato*, *arigó*, *ladrão de galinhas*, *sapato de ladrão*, *sete vidas*, *rouba galinhas*, *petebê*, *esparrama bosta*, *pão doce*, *conga*, *pé-de-pomba*, *pé-de-anjo*, *último recurso*, *seca-poça* e *pé-de-pano*.

Lembramos que dos 24 informantes seis deram mais de uma resposta, resultando em 30 respostas nos seis pontos investigados.

Com esses dados elaboramos uma carta linguística ilustrando as designações colhidas e destacamos, em cada localidade, as variantes dadas como resposta por sexo e por idade. Para tanto, desconsideramos as primeiras respostas fornecidas pelos informantes MII1(*sapatilha*), HI2 (*conga*), HI4 (*não sabe*), as respostas de MI1 (*sapatilha*) e HI6 (*sapatilha*), e as duas respostas da MI3 (*conga* e *rasteirinha*), por não se referirem ao calçado em questão; e registramos a abstenção de HI1, resultando em quatro não-respostas.

Figura 10 - Carta lingüística para a questão 41 – alpergatas



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Demonstrando a produtividade das variantes obtidas nas localidades, constatamos que a forma *alpargatas* é a variante mais frequente nas localidades investigadas, com maior destaque em Cambará e Londrina; a designação *come-quieto* figurou em três pontos sendo mais empregada em Uraí; e executado *hapax legomena* o nome *come-calado* em Londrina.

Quadro 18 – Respostas dadas à questão 41 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
ALPARGATAS	01	-	02	02	02	-	02	01	02	02	01	02	17
COME-QUIETO	-	01	-	-	-	01	01	01	-	-	-	-	04
SAPATILHA	-	02	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	03
CONGA	-	-	01	-	-	01	-	-	-	-	-	-	02
NÃO SABE	01	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	02
COME-CALADO	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01
RASTEIRINHA	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
	02	03	03	02	02	03	04	02	03	02	02	02	30
	05		05		05		06		05		04		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 30 respostas, 16 correspondem à fala dos homens e 14 à das mulheres.

Na fala masculina, registramos *alpargatas*, *come-quieto* e *come-calado*, essa última somente informada por um informante homem. Na fala das mulheres registramos as duas primeiras formas.

Conferindo a produtividade das variantes por sexo, salientamos que a variante *alpargatas* foi mais frequente na fala dos homens, *come-calado* foi registrada apenas na fala masculina, e a forma *come-quieto* foi mais usada na fala feminina.

Quadro 19 – Respostas dadas à questão 41 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
ALPARGATAS	-	01	02	02	01	01	02	01	02	02	01	02	17
COME-QUIETO	-	01	-	-	-	01	-	02	-	-	-	-	04
SAPATILHA	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	03
CONGA	-	-	01	-	01	-	-	-	-	-	-	-	02
NÃO SABE	01	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	02
COME-CALADO	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01
RASTEIRINHA	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
	02	03	03	02	03	02	03	03	03	02	02	02	30
	05		05		05		06		05		04		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 30 ocorrências, 16 ocorreram entre os informantes da faixa etária I (de 30 a 50 anos de idade), enquanto que as pessoas da faixa etária II (de 60 a 80 anos) registraram 14 respostas.

Com os informantes da faixa etária I, registramos as variantes *alpargatas* e *come-calado*, essa última somente informada por eles. Na fala do segundo grupo etário, verificamos as formas *alpargatas* e *come-quieto*, esse último item obtido apenas nesse grupo.

Cotejando a produtividade das designações por faixa etária, inferimos que a variante *alpargatas* teve destaque na fala das pessoas da faixa II, assim também ocorrendo com *come-quieto*, produzida somente nesse grupo.

Reunindo os dados e especificando a ocorrência das variantes obtidas conforme a localidade, sexo, faixa etária e origem familiar do informante (quadro p. 49), verificamos que *alpargatas* foi produzido pelos informantes HII1, HI2, MI2, HII2, MII2, HI3, HII3, HI4, MI4, HII4, HI5, MI5, HII5, MII5, MI6, HII6, MII6 com influência de mineiros e nordestinos; a variante *come-quieto* foi informada por MII1, MII3, HII4, MII4 com maior influxo paulista; e a designação *come-calado* na fala do informante HI5 de origem nordestina.

5.6 QUESTÃO 42 – BRAGUILHA

A questão n.º 42, equivalente à 142 do QFF do ALiB, constante do campo semântico “HOMEM / Vestuário e calçados” com o enunciado: “Se o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a(o) _____?” (BRAGUILHA).

Para a questão registramos as respostas *zíper*, *braguilha*, *vista*, *botega*, *gaiola*, *abertura*, *botão* e *frente*, que distribuímos pelas localidades investigadas no quadro.

Quadro 20 – Respostas dadas à questão 42 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
ZÍPER	03	04	03	04	03	02	19
BRAGUILHA	-	-	02	02	04	02	10
VISTA	02	01	02	-	-	01	06
BOTEGA	-	02	-	-	-	-	02
GAIOLA	01	-	01	-	-	-	02
ABERTURA	-	-	-	-	-	01	01
BOTÃO	-	-	-	01	-	-	01
FRENTE	-	01	-	-	-	-	01
	06	08	08	07	07	06	42

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

A resposta mais frequente, *zíper*, proveniente do inglês *Zipper* (marca registrada) está relacionada a *fecho ecler*, conforme dicionário Aurélio (2010). Em Houaiss (2009), o item também está ligado a *fecho ecler* e explicado como “fecho de correr constituído de dois cadarços com dentes metálicos ou plásticos que se encaixam por ação de um cursor”.

Para *braguilha*, verificamos no Aurélio (2010) a definição “abertura dianteira de qualquer calça, calção, ceroula, etc.” e que no Paraná é chamada de *vista*. Apresenta, ainda, *braguilha* e *barriguilha* como variação fonética do item. Houaiss (2009) especifica o item da mesma forma e arrola variantes como *barriguilha*, *bragueta* e *carcela*.

O termo *vista* não está catalogado nos dicionários pesquisados com o sentido pretendido, apenas constatamos no Aurélio (2010) a associação ao nome *braguilha* no Paraná.

A lexia *botega* não figura nos dicionários utilizados. Conforme consta do Wikcionário (2017), provém do *talian*, uma variante brasileira da língua vêneta (falada no norte da Itália), com o significado de *braguilha* ou *abertura das calças*.

Gaiola, não está registrada nos dicionários, uma vez que tal item é usado no popular, em analogia à casinha de arame ou ripas finas onde se aprisionam pequenos pássaros, nesse caso equiparados ao pênis dos homens, também chamado de passarinho. Por isso, ao invés de “fecha o zíper”, podem dizer “fecha a gaiola para o passarinho não escapar”.

Quanto à *abertura*, do latim *apertura*, tanto no dicionário Aurélio (2010) quanto no Houaiss (2009) está disposto que é a parte de certas peças de vestuário por onde se abrem e se abotoam.

O item *botão*, do francês antigo *boton* hoje *bouton* (broto, gema etc.), está tratado no Aurélio (2010) como “pequena peça, quase sempre arredondada, que se usa para fechar o vestuário, fazendo-a entrar numa casa ou presilha, e também como ornato”. Houaiss (2009) detalha que a pequena peça “em geral discoide, com a face achatada ou abaulada, que, fixada com linha pelos seus orifícios ou por um pé furado, serve para unir partes diferentes de uma peça de vestuário, entrando numa abertura dita *casa* ou *alça*”.

Encontramos a resposta *frente* nos dicionários com vários significados, dentre eles o mais cabível à pesquisa é “parte anterior de qualquer coisa; lado dianteiro; face”, ou seja, não levantamos a acepção específica para a questão analisada.

Em 2009, Aguilera publicou seu estudo a respeito da *braguilha*, cuja produtividade por região transcrevemos:

Observando-se a produtividade por região, e considerando-se as demais variantes lexicais, a região Norte apresentou o maior número de respostas com *braguilha* ou variantes fonéticas (94%) enquanto a região Sul apresentou o menor número (40%), registrando lexias diferentes, como *zíper*, *fecho* e *vista*, além de *bragueta*, que, embora proceda da mesma base etimológica *braca* > *braga*, da qual também se originou *braguilha*, distingue-se desta pelo sufixo diminutivo de origem diversa. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram respectivamente, em valores aproximados, os seguintes índices: 71%, 88% e 84% (AGUILERA, 2009, p. 286).

A autora revela informações curiosas expostas na Wikipedia, com a definição de *braguilha* como “uma peça de vestuário masculino que se usava nos séculos XV e XVI para cobrir os órgãos genitais”. Versa ainda que o nome se aplica “a abertura a frente das calças, calções, ou cuecas que se costuma fechar com fecho eclair ou com botões, e que permite ao seu portador retirar o pênis para fora na ocasião de urinar” (AGUILERA, 2009, p. 290).

Na busca pela unidade lexical *braguilha* em dicionários de português, espanhol e francês, a pesquisadora constata que o nome “a. deriva de braga(s), forma antiga e originalmente peça do vestuário masculino calça(s); b. procede da forma latina *braca-ae* + *-icula* (-ilha); c. significa abertura daquela peça de roupa masculina”. A forma *bragueta*, proveniente do castelhano, bem produtiva em Porto Alegre - RS, justifica-se pelo contato com os países hispano-americanos que fazem fronteira com o Estado (AGUILERA, 2009, p. 290).

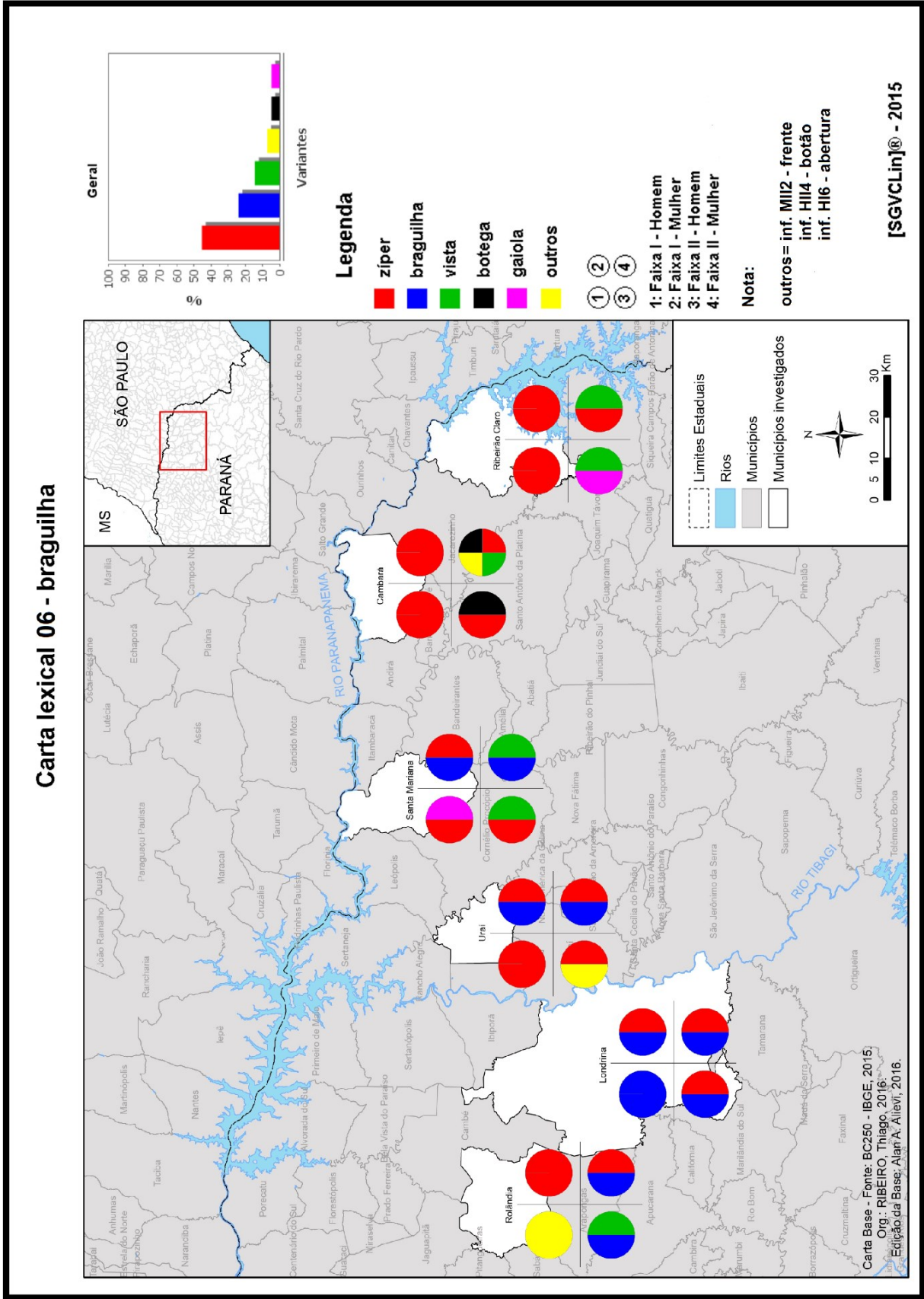
No âmbito das respostas informadas por 200 falantes nas 25 capitais brasileiras, a autora conclui que a pesquisa revelou um processo de variação em curso com designações como *zíper*, *vista*, *fecho* e *fecho eclair* para o item em estudo. E, ainda, que o desconhecimento de um nome específico ou existência de uma denominação regional que o informante julga inadequada corroboram o alto índice de abstenção ou não-resposta para a questão. Por fim, declara que a forma padrão *braguilha* e a mais popular *barguia* não têm destaque na fala dos informantes urbanos, porém, a forma intermediária *braguilha* figura na maioria das capitais, exceto nas do Sul (AGUILERA, 2009, p. 295-296).

Contrastando as respostas obtidas com os dados do ALiB, levantamos, nas localidades investigadas no interior do Paraná, nomes tais como: *braguilha*, *zíper*, *vista*, *botão*, *botega*, e suas variantes fonéticas.

Considerando que dos 24 informantes 16 deram mais de uma resposta, obtivemos 42 ocorrências lexicais nos seis pontos investigados.

Com essas informações produzimos a carta linguística de nº 06, ilustrando a distribuição diatópica, dissexual e diageracional dos nomes dados como resposta. Para tanto, tratamos como *outros* as designações *frente*, *botão* e *abertura* por ocorrerem uma vez.

Figura 11 - Carta linguística para a questão 42 – braguilha



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Quanto à produtividade das designações levantadas pelos pontos investigados, constatamos que *zíper* é a forma mais conhecida, aparecendo em todas as localidades; *braguilha* e *vista* ocorrem em quatro pontos investigados; *gaiola* figurou em Ribeirão Claro e Santa Mariana; *botega* respondida em Cambará; *abertura*, *botão* e *frente* em apenas uma localidade cada.

Quadro 21 – Respostas dadas à questão 42 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
ZÍPER	01	02	02	02	02	01	02	02	01	02	-	02	19
BRAGUILHA	-	-	-	-	-	02	-	02	02	02	01	01	10
VISTA	01	01	-	01	01	01	-	-	-	-	01	-	06
BOTECA	-	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	02
GAIOLA	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	02
ABERTURA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
BOTÃO	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	01
FRENTE	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
	03	03	03	05	04	04	03	04	03	04	03	03	
	06		08		08		07		07		06		42

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 42 respostas, 19 correspondem à fala dos homens e 23 à das mulheres, portanto, as mulheres foram mais produtivas.

Entre os homens registramos *zíper*, *vista*, *braguilha*, *botega*, *gaiola*, *botão* e *abertura* (*outros*), esses três últimos somente informados por eles. Na fala das mulheres registramos *zíper*, *vista*, *braguilha*, *botega* e *frente* (*outros*), essa última apenas empregada por elas.

Conferindo a produtividade das variantes obtidas para a questão por sexo, contemplamos os nomes *zíper* e *braguilha* mais frequentes na fala feminina; *vista* e *botega* figuram de igual forma na fala de ambos os sexos; *gaiola*, *abertura*, *botão* emitidos somente pelos homens; e *frente* como forma exclusiva na fala das mulheres.

Quadro 22 – Respostas dadas à questão 42 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
ZÍPER	02	01	02	02	02	01	02	02	01	02	01	01	19
BRAGUILHA	-	-	-	-	01	01	01	01	02	02	-	02	10
VISTA	-	02	-	01	-	02	-	-	-	-	-	01	06
BOTEGA	-	-	-	02	-	-	-	-	-	-	-	-	02
GAIOLA	-	01	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	02
ABERTURA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
BOTÃO	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
FRENTE	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
	02	04	02	06	04	04	03	04	03	04	02	04	42
	06		08		08		07		07		06		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 42 ocorrências, 16 constam de falantes da faixa etária I (de 30 a 50 anos de idade), enquanto os da faixa etária II (de 60 a 80 anos) registraram 26 respostas. Desta forma, contabilizamos maior produtividade por parte dos informantes da segunda faixa etária.

Com os informantes da faixa I foram realizadas as designações *zíper*, *braguilha*, *gaiola* e *abertura*, essa última somente efetuada por esse grupo. Na fala do segundo grupo etário registramos *zíper*, *braguilha*, *gaiola*, *vista*, *botega*, *botão* e *frente* como *outros*, com exceção dos três primeiros nomes, todos foram informados somente por eles.

Cotejando a produtividade das designações fornecidas para a questão por faixa etária, depreendemos do cômputo total das formas obtidas que *zíper* foi mais frequente na faixa I; *braguilha* e *vista* se destacam na faixa II; *gaiola* figurou de igual forma em ambas as faixas; *abertura* foi executada apenas pelo primeiro grupo; *botega*, *botão* e *frente*, registradas somente no segundo grupo etário.

Especificando a ocorrência das variantes coletadas para questão conforme a localidade, sexo, faixa etária e origem familiar do informante (perfil nas p. 48-49), verificamos que a designação *zíper* foi emitida pelos informantes HI1, MI1, MII1, HI2, MI2, HII2, MII2, HI3, MI3, HII3, HI4, MI4, HII4, MII4, MI5, HII5, MII5, MI6, MII6 com maior influência mineira; detectamos *braguilha* nas respostas de MI3, MII3, MI4, MII4, HI5, MI5, HII5, MII5, HII6, MII6, prevalecendo origem nordestina; a forma

vista foi produzida na fala de HII1, MII1, MII2, HII3, MII3, HII6, cuja maioria possui origem paulista; a designação *gaiola* foi usada por HII1 com mãe paranaense e pai italiano, e por HI3 de família paulista; *botega* proferido por HII2 e MII2 de origem paulista (termo proveniente do talian); *abertura* efetuada pelo HI6 de mãe mineira e pai italiano; *botão* HII4 filho de japoneses; e *frente* executada pela MII2 de mãe paulista e pai italiano.

5.7 QUESTÃO 44 – PIRUÁ

A questão n.º 44 do questionário não tem correspondente no ALiB ou ALPR, portanto é uma questão nova, que inserimos no campo semântico “TERRA / Agricultura, instrumentos agrícolas, alimentação, etc.” Possui o seguinte enunciado: “Como se chama o grão de milho que não estourou quando estava preparando a pipoca?” (PIRUÁ).

Registramos em resposta à questão: *piruá, marinheiro, borrão, pururuca, cansa queixo, grãozinho e carocinho que não conseguiu arrebentar*, distribuídas no quadro.

Quadro 23 – Respostas dadas à questão 44 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
PIRUÁ	01	01	02	03	02	02	11
NÃO SABE	02	01	-	01	-	-	04
NÃO LEMBRA	-	01	-	01	01	01	04
MARINHEIRO	-	01	02	-	-	-	03
BORRÃO	01	-	-	-	-	-	01
PURURUCA	-	-	-	-	01	-	01
CANSA QUEIXO	-	-	-	-	01	-	01
GRÃOZINHO	-	-	-	-	-	01	01
CAROCINHO QUE NÃO CONSEGUIU ARREBENTAR	-	-	-	-	-	01	01
	04	04	04	05	05	05	27

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Para abordarmos o *piruá* é necessário falar da pipoca, um prato feito a partir de uma variedade especial de milho, o milho-pipoca, que estoura quando aquecido. O alimento popular no mundo inteiro contém alta quantidade de proteína, além de sais minerais importantes para a nutrição, como ferro e cálcio¹⁷, considerado até saudável e emagrecedor. Sobre a pipoca, Câmara Cascudo (2001, p. 519) informa que era “conhecida entre os índios por *popoka*, no tupi quer dizer a pele estalando, ou arrebetando, o milho torrado”.

Entretanto, muitos não dão nome para o grão que não estourou (nosso referente buscado). Mais conhecido como *piruá*, lexia usada inclusive por Rubem Alves em *A pipoca*¹⁸, recebe outros nomes como verificamos na pesquisa.

O referente *piruá* vem do tupi-guarani “pi + roã”¹⁹. Amadeu Amaral (1981, p. 58) traz que “das línguas autóctones, ou, melhor, do tupi, recebeu o dialeto grande quantidade de termos”. Fazendo constar *pipóca* e *piruá* na lista de “nomes de utensílios, aparelhos, objetos de uso, alimentos, etc” com influência indígena (AMARAL, 1981, p. 61).

Assim, encontramos *piruá* no glossário do dialeto caipira, definido como “bago de milho pipoca que não estalou” (AMARAL, 1981, p. 167). Em Ferreira (2009, p. 1570), “[do tupi = ‘empola’] grão de milho que não rebenta ao ser feita a pipoca; mururu”. Em Houaiss (2009, p. 1501) consta *piruá*, no sentido de cangulo, peixe-porco, de origem etimológica tupi *piru’a* ‘empola, bolha’.

A lexia *marinheiro*, não tem acepção que se encaixa para nossa questão, porém, em conversa com o Inf. 3 de Santa Mariana, pudemos entender o porquê de usar tal palavra para o milho que não estourou. A lexia remete ao nome que se dá, pela cultura popular local, aos grãos de arroz e de feijão que não servem para serem cozidos, aqueles estragados que são descartados quando se escolhe o alimento antes do preparo. Entendemos que, por analogia, usam *marinheiro* para se referirem, também, ao milho que não serviu para virar pipoca.

Desta forma, verificamos no glossário do dialeto caipira que “marinhêro” é o “grão de arroz com casca ou com película, que escapou ao ‘beneficiamento’” (AMARAL, 1981, p. 152). No Aurélio (2009, p. 1282), dentre várias

¹⁷ *Qual a origem da pipoca?* Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-e-a-origem-da-pipoca>. Acesso em: 14 jun. 2016.

¹⁸ ALVES, Rubem. *A pipoca*. Disponível em: http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca_imp.asp. Acesso em: 14 jun. 2016.

¹⁹ Piruá. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/piru%C3%A>. Acesso em: 14 jun. 2016.

acepções, “grão de cereal que não foi beneficiado ao passar pelas máquinas”. Houaiss (2009, p. 1248), dentre várias definições para *marinheiro* aponta que é o “grão de cereal, esp. de arroz, que, por falha no beneficiamento, conservou a casca ou a película”.

Quanto à variante *borrão*, dita pelo Inf. 3 de Ribeirão Claro, localizamos em Ferreira (2009, p. 319), como “mancha de tinta; borratão, borrada; rascunho, minuta; esboço, debuxo; ação indecorosa, desdouro”. Assim, inferimos que *borrão* pode estar utilizado como “o que era pra ser e não foi”, na acepção do *esboço*. Em Houaiss (2009, p. 316), além do sentido exposto no Aurélio, aparece como “algo que macula a honra, a reputação de alguém” e “indivíduo covarde, medroso”.

O Inf. 1 de Londrina respondeu *pururuca* e *cansa queixo*. Em Ferreira (2009, p. 1662) e em Houaiss (2009, 1580), consta *pururuca* como variedade de milho de grão pequeno e duro, usado para alimentar cavalos de corrida.

Rubem Alves, escritor nascido em Boa Esperança-MG, emprega a variante em um de seus textos:

Eu não quero ser piruá, nem pururuca (na minha terra é assim que a gente chama o milho de pipoca que não estoura), quero ser flor branca macia e se por acaso ainda resta em mim algum pedaço da dura casca que não estoura, estou despejando essa parte que não me pertence mais, a partir de HOJE toda casaca dura pode procurar outro lugar para se encostar (rsrs). Toda mudança é sempre bem vinda (ALVES, *online*).

Não encontramos a segunda forma nos dicionários utilizados, porém, Amaral (1981, p. 172), esclarece que *pururuca* se refere “a coisas de comer, leves, secas e quebradiças”, justificando ficar de “queixo cansado” ao comer o piruá / *pururuca*.

Por sua vez, Viotti, em seu *Dicionário da gíria brasileira* (1956, p. 347), apresenta a acepção de “milho pipoca, também chamado pororoca” para a variante *pururuca*.

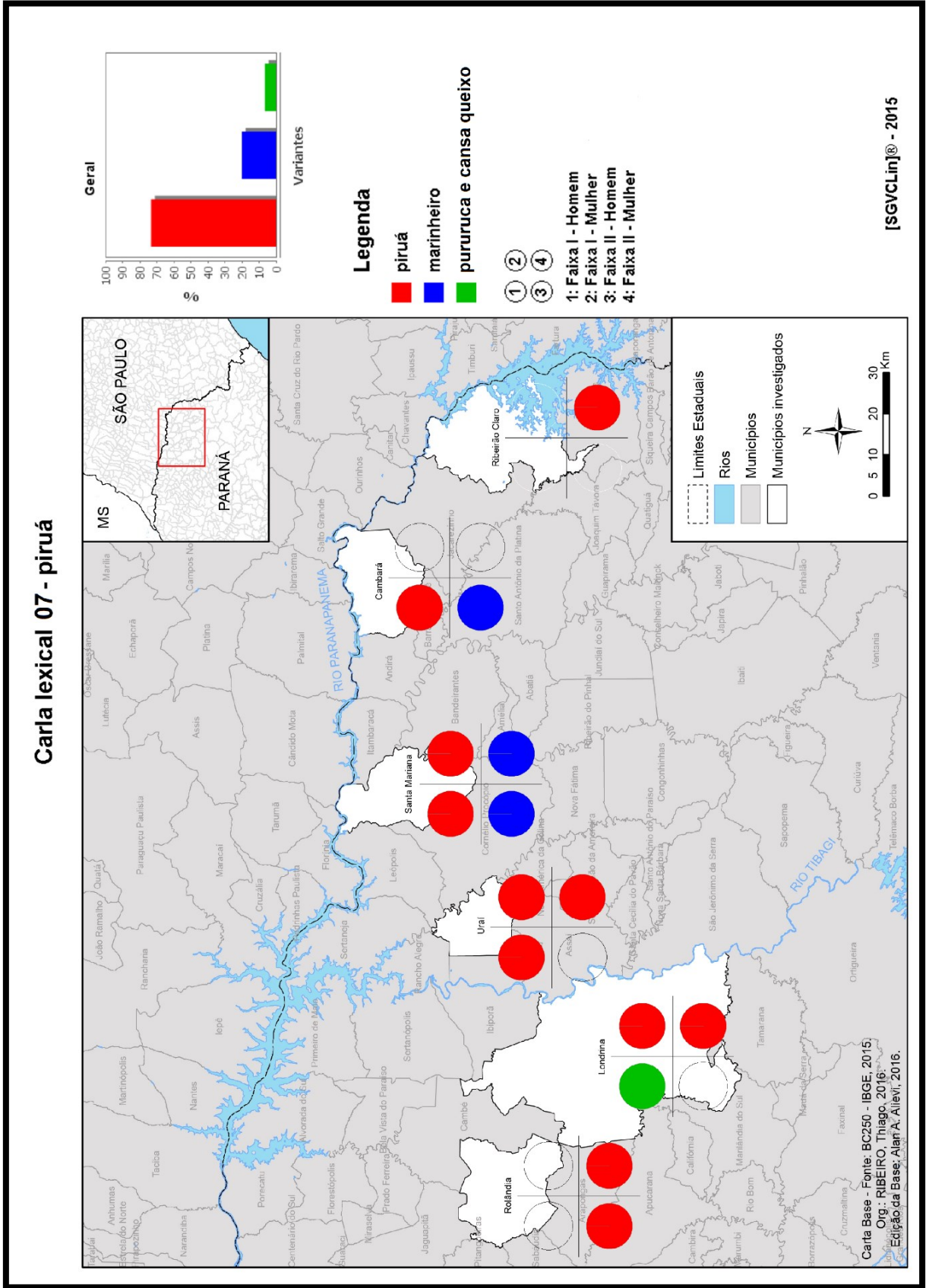
As abstenções ou não-respostas podem ser justificadas pelo fato de estas pessoas não terem o costume de estourar ou comer pipoca, ou apenas por não se referirem ao piruá nominando-o.

Assim, a Inf. 2 de Rolândia, não conhecendo uma forma específica, forneceu-nos o modo como chama o milho de pipoca que não estourou, *grãozinho* e *carocinho que não conseguiu arrebentar*. Formas diminutivas de grão e caroço, encontradas no Aurélio (2009), como “semente de cereais e de algumas outras plantas” (p. 1000) e “semente de vários frutos, como p. ex., a do algodão e a da uva, caracterizada pela dureza do envoltório” (p. 410), respectivamente. E em Houaiss (2009), como “fruto ou semente das gramíneas (como a cevada, o trigo, o milho etc.)” (p. 986) e “qualquer semente de vários outros tipos de frutos com casca (testa) endurecida, como, p. ex. a do algodão, da laranja e da melancia” (p. 408).

Lembramos que dos 24 informantes três deram mais de uma resposta, resultando em 27 ocorrências nos seis pontos investigados.

Assim, por meio desses dados levantados, elaboramos carta linguística nº 07 com destaque para as designações dadas como resposta em cada localidade por sexo e faixa etária. Para tanto, desconsideramos as respostas fornecidas pelos informantes HII1 (*borrão*), a primeira resposta do HI4 (*não lembra*) e as duas respostas da MI6 (*grãozinho* e *carocinho que não conseguiu arrebentar*), por não as entendermos como variantes do referente em estudo; além das abstenções registradas de HI1, MI1, MI2, MII2, HII4, HII5, HI6, resultando em nove não-respostas.

Figura 12 - Carta lingüística para questão 44 – piruá



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Ao verificar a produtividade das designações obtidas nas localidades investigadas, observamos que a variante mais frequente nas localidades é *piruá*, a mais difundida em nossa rede de pontos, seguida de *marinheiro*, em Cambará e Santa Mariana, e figurando como *hapax legomena*, *pururuca* e *cansa queixo* em Londrina.

Quadro 24 – Respostas dadas à questão 44 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
PIRUÁ	-	01	01	-	01	01	01	02	-	02	01	01	11
NÃO SABE	01	01	-	01	-	-	01	-	-	-	-	-	04
NÃO LEMBRA	-	-	-	01	-	-	01	-	01	-	01	-	04
MARINHEIRO	-	-	01	-	01	01	-	-	-	-	-	-	03
BORRÃO	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
PURURUCA	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01
CANSA QUEIXO	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01
GRÃOZINHO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
CAROCINHO QUE NÃO CONSEGUIU ARREBENTAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
	02	02	02	02	02	02	03	02	03	02	02	03	27
	04		04		04		05		05		05		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 27 ocorrências, 14 correspondem à fala dos homens e 13 à das mulheres.

Na fala tanto dos homens como das mulheres registramos os nomes *piruá* e *marinheiro*, já *pururuca* e *cansa queixo* constam somente da fala de um informante homem.

Contabilizando os dados levantados com relação ao sexo, verificamos que a variante *piruá* foi mais emitida pelas mulheres, porém a forma *marinheiro* foi mais produzida pelos homens. Os registros *pururuca* e *cansa queixo* apenas figuraram na fala masculina.

Quadro 25 – Respostas dadas à questão 42 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS	
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia			
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II		
PIRUÁ	-	01	01	-	02	-	02	01	01	01	01	-	02	11
NÃO SABE	02	-	-	01	-	-	-	01	-	-	-	-	-	04
NÃO LEMBRA	-	-	01	-	-	-	01	-	-	01	01	-	-	04
MARINHEIRO	-	-	-	01	-	02	-	-	-	-	-	-	-	03
BORRÃO	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
PURURUCA	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
CANSA QUEIXO	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
GRÃOZINHO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
CAROCINHO QUE NÃO CONSEGUIU ARREBENTAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
	02	02	02	02	02	02	03	02	03	02	03	02	02	27
	04		04		04		05		05		05			

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 27 ocorrências, 15 foram proferidas pelos falantes da faixa etária I (de 30 a 50 anos de idade), enquanto as pessoas da faixa etária II (de 60 a 80 anos) registraram 12 respostas.

Nos dados do grupo da faixa I, obtivemos os nomes *piruá*, *pururuca* e *cansa queixo* (dois últimos produzidos somente por este grupo). Na fala da faixa II registramos *piruá* e *marinheiro*, esse último informado apenas por este grupo.

Conferindo a produtividade das variantes respondidas para a questão por faixa etária, destacamos que a variante *piruá* foi mais produzida pelas pessoas da faixa I, porém a forma *marinheiro* foi empregada apenas pela faixa II. Os registros *pururuca* e *cansa queixo* foram proferidos por informante primeiro grupo.

Especificando a ocorrência das variantes obtidas conforme a localidade, sexo, faixa etária e origem familiar do informante, chegamos ao entendimento de que a variante *piruá* figurou na fala dos informantes MII no ponto 1, HI no ponto 2, HI e MI no ponto 3, HI, MI e MII do ponto 4, MI e MII do ponto 5, e HII e MII do ponto 6, de onde inferimos que seu uso provém de influência da maioria mineira; maior influência paulista na produção da variante *marinheiro*, empregada

pelos informantes HII2, HII3 e MII3; com influência nordestina temos as designações *pururuca* e *cansa queixo*, efetuadas pelo informante HI5.

5.8 QUESTÃO 53 – PACHOLA

Incluimos a questão n.º 53 no campo semântico “HOMEM / Agricultura, instrumentos agrícolas, alimentação, etc.”, com o seguinte enunciado: “Como se chama a comida que tem como ingrediente principal o frango, junto com arroz e cheiro verde? Diz-se que no final dos anos 70 e início dos 80 era feita com frango roubado.” (PACHOLA).

Obtivemos em resposta à questão: *galinhada*, *canja*, *arroz com frango*, *frangada*, *pachola*, *gororoba*, *pirão*, *arroz temperado*, *frango ao molho*, *arroz-de-carreteiro*, como distribuído no quadro abaixo.

Quadro 26 – Respostas dadas à questão 53 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
GALINHADA	-	01	01	01	04	-	07
CANJA	01	01	01	-	-	01	04
ARROZ COM FRANGO	01	-	-	01	-	-	02
FRANGADA	-	-	-	01	-	01	02
NÃO SABE	-	-	01	01	-	-	02
NÃO LEMBRA	-	01	-	-	-	-	01
PACHOLA	01	-	-	-	-	-	01
GOROROBA	01	-	-	-	-	-	01
PIRÃO	-	01	-	-	-	-	01
ARROZ TEMPERADO	-	-	01	-	-	-	01
FRANGO AO MOLHO	-	-	-	-	-	01	01
ARROZ-DE-CARRETEIRO	-	-	-	-	-	01	01
	04	04	04	04	04	04	24

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Segundo consta no dicionário Aurélio (2010), *galinhada* é “prato típico de Minas Gerais, feito com arroz, frango, tomate, cebola, pimentão e linguiça” e “prato típico de Goiás que leva, além de frango e arroz, açafrão, guariroba e pequi”. Para Houaiss (2009), além da palavra designar quantidade de galinhas, na culinária nomeia iguaria preparada com arroz, frango desfiado, cenoura, ervilha.

O item *canja*, dentre outras acepções, está descrito no Aurélio (2010) como caldo de galinha com arroz. No Houaiss (2009), está assentado como sopa de arroz cozido em caldo de galinha, a que se podem acrescentar temperos verdes (coentro, salsa etc.) e pedaços de frango e cenoura. O termo originado do malaiala *kanji*, arroz com água, encontra-se figurado em *A vida íntima das palavras* com o texto:

Na culinária, foi-lhe acrescentada, no mais das vezes, a galinha, donde certas expressões muito usuais. De certas torcidas já foi ouvido nos estádios este refrão: “é canja, é canja de galinha, arranja outro time pra jogar na nossa linha”. Os versos indicavam também um tempo em que o ataque era mais competente que a defesa. Com uma linha formada por Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagallo, quase toda partida era uma verdadeira canja e a defesa quase não tinha problemas porque a bola raramente estava com o ataque adversário (SILVA, 2002, p. 89).

Pachola, a resposta pretendida com a questão, não está catalogada nos dicionários como um prato culinário e sim como substantivo e adjetivo, de acordo com o Aurélio (2010): indivíduo pedante, cheio de si, orgulhoso, vaidoso, pretensiosamente apurado no trajar. No Houaiss (2009) está retratada como indivíduo bom, simples, ingênuo, para quem tudo está bem; bonachão; indivíduo preguiçoso, vadio; mandrião; indivíduo gracejador, brincalhão; gozador, farsola; indivíduo mulherengo; que ou o que se veste com elegância pretensiosa e duvidosa. Na obra de Viotti (1956, p. 303), a forma *pachola* está associada a alguém bem falante, bem trajado, presumido, com *pacholice*.

Quanto à *gororoba*, consta de Aurélio (2010) e de Houaiss (2009) como refeição, comida malfeita e/ou de má qualidade, sinônimo de mistura, confusão, desordem. Segundo Silva (2002, p. 227), é uma gíria para comida de péssima qualidade, “talvez tenha havido mistura de alguma substância com goro, que é como se denomina o ovo choco, impróprio à alimentação” (SILVA, 2002, p.

227). Para Viotti (1956, p. 218), o termo é proveniente de gíria marítima e militar e está relacionado à comida, boia.

A forma *pirão*, originária do tupi, é apresentada no Aurélio (2010) como “papa grossa, feita de farinha de mandioca escaldada; em Angola, caldo de peixe temperado com óleo de palma e acompanhado de farinha de mandioca; em Cabo Verde, farinha de mandioca”. Houaiss (2009) arrola *pirão* como “papa de farinha de mandioca feita ger. com caldo temperado provindo de uma cocção de legumes e/ou carnes (peixe, ave ou animais de carne vermelha)” e “qualquer alimento farináceo, apresentado em forma de pasta grossa”. Em Viotti (1956, p. 333), temos: papa de farinha cozida e servida como alimento; pirões como as principais refeições; ir aos pirões como expressão que significa fazer uma das refeições.

A resposta *arroz-de-carreteiro* está pormenorizada no Aurélio (2010) como “prato típico da cozinha do Sul, feito de arroz ao qual se adiciona carne-seca ou carne de sol desfiada ou picada, às vezes paio e linguiça em pedaços, refogados em bastante gordura, com alho, cebola, tomate e cheiro-verde”. Por sua vez, Houaiss (2002) detalha como “prato feito de arroz cozido ao qual se junta um refogado preparado com charque ou carne-de-sol picada ou desfiada, eventualmente paio e linguiça em pedaços, e temperos”.

Os nomes *arroz com frango*, *frangada*, *arroz temperado* e *frango ao molho* não constam das obras lexicográficas pesquisadas.

Em estudo desenvolvido a respeito da *pachola*, prato típico da cidade de Jacarezinho, discorreremos sobre as comidas típicas de nosso Estado:

A culinária do Paraná não possui apenas um prato que o identifique, como o pão de queijo em Minas Gerais ou o churrasco no Rio Grande do Sul. O prato com maior destaque na gastronomia paranaense é o barreado, que era preparado por índios carijós, também fabricantes da panela de barro, e acabou se tornando típico da culinária do estado, principalmente no litoral. Outros pratos que representam nosso Estado são os tropeiros, arroz de carreteiro e feijão tropeiro; o pinhão que pode vir assado, no frango com polenta, como bolinho de pinhão, conserva de pinhão etc.; e o churrasco de chão como boi no rolete e carneiro no buraco²⁰ (RIBEIRO, 2016, p. 236).

²⁰ Mais informações sobre comidas típicas do Paraná. Disponível em: <http://www.falaturista.com.br/blog/comidas-tipicas-do-parana/>. Acesso em: 01 nov. 2016.

A idealizadora do projeto que estipula a pachola como prato típico oficial da cidade de Jacarezinho, Marymar de Lima Peixoto (Meire), relata que a comida composta por frango, arroz e cheiro verde, em fins dos anos 70 e início dos 80, era feita com frango roubado, geralmente nas próprias casas dos amigos, e que cada dia era na casa de uma pessoa diferente (BATISTA, 2014).

O Deputado Stephanes Junior em defesa do projeto na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná apregoa:

O prato faz parte da culinária do município e foi concebido no final dos anos 50, quando estudantes se reuniram, no período da Semana Santa, depois de retornarem dos estudos da Capital. Como na Sexta-Feira Santa os bares e restaurantes estavam fechados, resolveram se reunir para cozinhar e conversar. Saíam então a procura das aves, já que em todas as casas do interior existe um galinheiro no quintal. O prato improvisado ganhou o nome depois que um dos participantes elogiou a comida com a frase “eita Pachola boa”! Passados todos esses anos o prato ficou famoso e é saboreado entre todas as famílias jacarezinhenses, passando a fazer parte da cultura local (BATISTA, 2014).

Reproduzimos excerto do conto *O guarda-noturno*, escrito por Jayme de Azevedo Lima, para contextualizar a comida em questão:

Não havia um quadro de marginalidade ou crime organizado na cidade. As pessoas de bem e os jovens se reuniam nas sextas-feiras para organizar as chamadas "pacholas"; ou seja, furtava-se a galinha do vizinho, através de técnicas avançadas de ataques aos galinheiros, e na casa de algum deles se deliciavam com arroz e galinha temperada na cachaça. O supremo golpe de mão era ter o dono do galinheiro como convidado. No restante da noite, serestas e conversa fiada (LIMA, 2009, p.17).

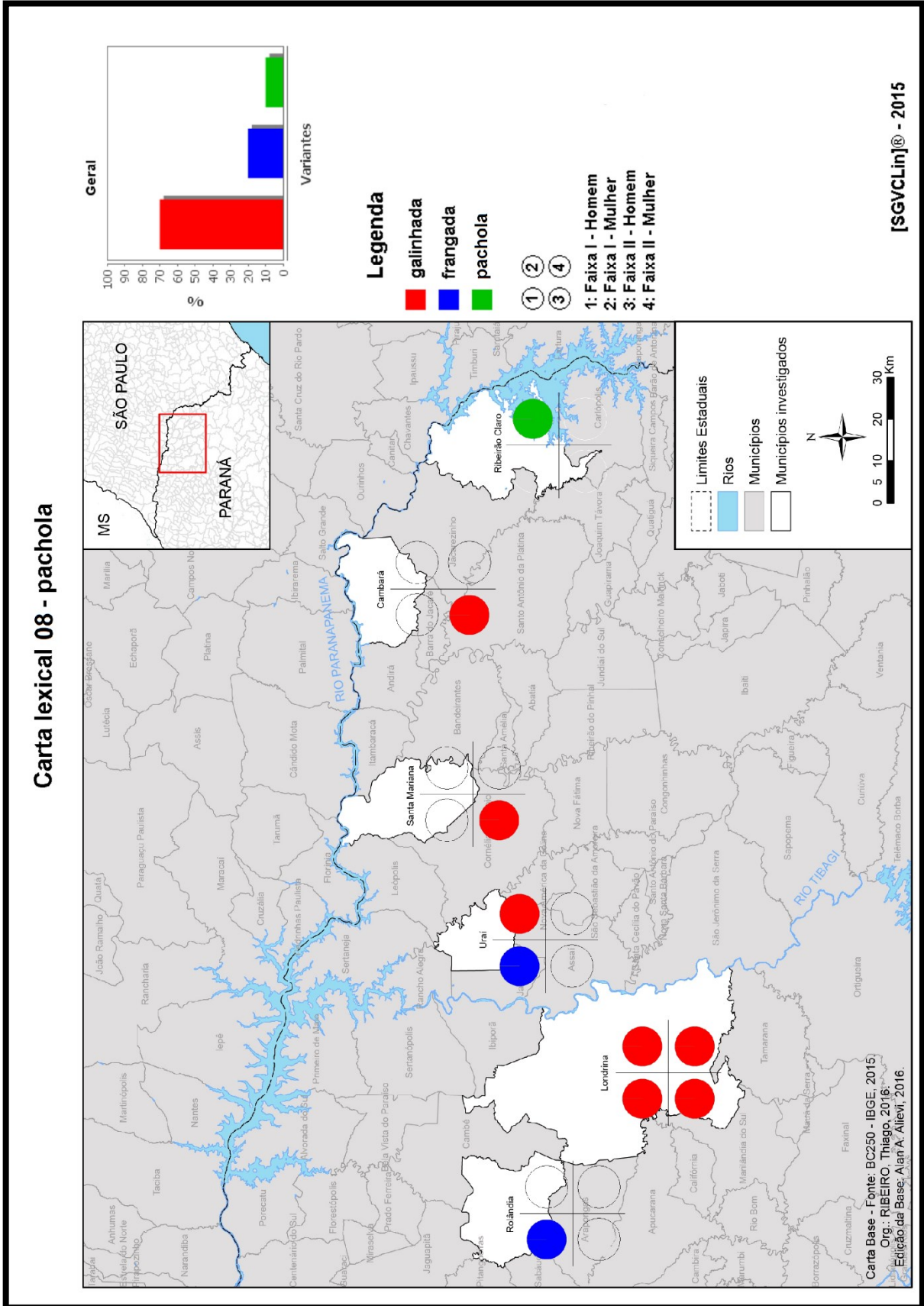
Com a pesquisa descobrimos, também, as pacholas mexicanas, muito diferentes das jacarezinhenses, revelando-se como um bolinho de carne moída, previamente temperado com chili, pimenta, cominho, alho, azeite e frito na hora de servir. E observamos que, no universo de 24 pessoas entrevistadas em seis cidades do norte paranaense, a pachola não é conhecida, a não ser por uma informante de Ribeirão Claro, da primeira faixa etária, com parentes em Jacarezinho, sendo, assim, mais difundida apenas no município de Jacarezinho. Porém, ao expor o trabalho em um evento no Centro de Letras, Comunicação e Artes da UENP, *Campus Jacarezinho*, uma aluna-participante declarou que tal prato

é mais um objeto de disputa com a cidade de Santo Antonio da Platina-PR, município que fica a 22 km aproximadamente de Jacarezinho (RIBEIRO, 2016).

Ressaltamos que da elicitación feita com os 24 informantes resultaram 24 respostas nas seis localidades investigadas.

Com esses dados elaboramos a carta linguística nº 08, ilustrando as designações colhidas e destacamos, em cada localidade, as variantes dadas como resposta por sexo e por idade. Para tanto, desconsideramos as primeiras respostas fornecidas pelos informantes HI1, HII1, MII1, HI2, MI2, MI3, MII3, MII4, MI6, HII6, MII6, por não condizerem com o prato em discussão; e registramos as abstenções de MII2, HI3, HII4, resultando em 14 não-respostas.

Figura 13 - Carta linguística para questão 53 – pachola



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Verificando a produtividade das designações, constatamos que *galinhada* foi o nome mais frequente, usado em quatro das localidades investigadas, com destaque em Londrina; a designação *frangada* figurou em dois pontos, Uraí e Rolândia; e *hapax legomena* o nome *pachola* em Ribeirão Claro.

Quadro 27 – Respostas dadas à questão 53 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
GALINHADA	-	-	01	-	01	-	-	01	02	02	-	-	07
CANJA	-	01	-	01	-	01	-	-	-	-	-	01	04
ARROZ COM FRANGO	01	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	02
FRANGADA	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01	-	02
NÃO SABE	-	-	-	-	01	-	01	-	-	-	-	-	02
NÃO LEMBRA	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
PACHOLA	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
GOROROBA	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
PIRÃO	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
ARROZ TEMPERADO	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
FRANGO AO MOLHO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
ARROZ-DE-CARRETEIRO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	
	04		04		04		04		04		04		24

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 24 respostas, 12 correspondem à fala dos homens e 12 à das mulheres.

Na fala dos homens temos as variantes *galinhada* e *frangada*, essa última somente informada por eles. Na fala das mulheres registramos *galinhada* e *pachola*, essa última apenas empregada por uma informante.

Conferindo a produtividade das variantes por sexo, a variante *galinhada* foi, portanto, mais frequente na fala dos homens, *frangada* foi registrada apenas na fala masculina, e a forma *pachola* informada somente na fala feminina.

Quadro 28 – Respostas questão 53 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
GALINHADA	-	-	-	01	-	01	01	-	02	02	-	-	07
CANJA	-	01	01	-	01	-	-	-	-	-	-	01	04
ARROZ COM FRANGO	01	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	02
FRANGADA	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01	-	02
NÃO SABE	-	-	-	-	01	-	-	01	-	-	-	-	02
NÃO LEMBRA	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01
PACHOLA	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
GOROROBA	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
PIRÃO	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
ARROZ TEMPERADO	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
FRANGO AO MOLHO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
ARROZ-DE-CARRETEIRO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	
	04		04		04		04		04		04		24

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 24 ocorrências, 12 foram proferidas por pessoas da faixa etária I (de 30 a 50 anos de idade), enquanto que as pessoas da faixa etária II (de 60 a 80 anos) registraram 12 respostas.

Com os informantes da faixa etária I obtivemos os nomes *galinhada*, *frangada* e *pachola*, esses dois últimos somente informados por eles. Na fala do segundo grupo etário registramos a forma *galinhada*, obtida apenas nesse grupo.

Cotejando a produtividade das designações por faixa etária, depreendemos que o nome *galinhada* teve destaque na fala das pessoas das duas faixas etárias, enquanto *frangada* e *pachola* foram produzidos somente no grupo I.

Especificando a ocorrência das variantes obtidas conforme a localidade, sexo, faixa etária e origem familiar do informante (conforme perfil nas páginas 48-49), verificamos que a designação *galinhada* foi emitida pelas informantes HII2, HII3, MI4, HI5, MI5, HII5, MII5, cuja maioria possui origem

nordestina; o nome *frangada* foi usado pelos informantes HI4 e HI6 de famílias mineiras; o termo *pachola* foi informado por MI1 de origem paranaense.

5.9 QUESTÃO 59 – CAMBALHOTA

Com equivalentes nas questões n.º 155 do QSL do ALiB e n.º 310 do ALPR, a questão n.º 59 do questionário, do campo semântico “HOMEM / Brinquedos e jogos infantis”, possui o seguinte enunciado: “Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?” (CAMBALHOTA).

Levantamos para a questão as respostas *piroleta*, *cambalhota*, *cambota*, *plantar-bananeira*, *bunda-canastra* e *ponta-cabeça*, distribuídas no quadro abaixo.

Quadro 29 – Respostas dadas à questão 59 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
PIROLETA	-	02	02	01	-	04	09
CAMBALHOTA	02	-	-	-	04	-	06
CAMBOTA	01	-	-	02	-	-	03
PLANTAR-BANANEIRA	01	02	-	-	-	-	03
NÃO-SABE	-	-	01	01	-	-	02
BUNDA-CANASTRA	-	-	-	-	-	01	01
PONTA-CABEÇA	-	-	01	-	-	-	01
PIRUETA	01	-	-	-	-	-	01
	05	04	04	04	04	05	26

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

A variante mais frequente, *piroleta*, não está catalogada nas obras lexicográficas Aurélio (2010) e Houaiss (2009).

O item lexical *cambalhota* nos dicionários é usado para nomear o movimento ou exercício que se faz girando o corpo sobre a cabeça e voltando à

posição normal; o nome também se refere a qualquer salto acrobático, qualquer movimento em que algo gira ou rodopia sobre si mesmo, reviravolta.

A forma *cambota* também consta das duas obras, associada à *cambalhota*, movimento ou exercício, reviravolta, assim como em Viotti (1956, p. 95).

A expressão *plantar-bananeira*, no dicionário Aurélio (2010), está elencada no verbete *bananeira*, definida como “ficar de cabeça para baixo, com o corpo apoiado nas mãos e as pernas para cima”. No Houaiss (2009), está exposta também no item *bananeira*, no sentido de “postar-se com a cabeça para baixo e os pés levantados”.

A resposta *bunda-canastra* não foi localizada nos dicionários, entretanto, destacamos em Viotti (1956, p. 83) que a forma “bumba-canastra alude à queda de pernas pro ar”.

Ponta-cabeça figura nos dicionários pesquisados como “de cabeça para baixo e pernas para o ar”.

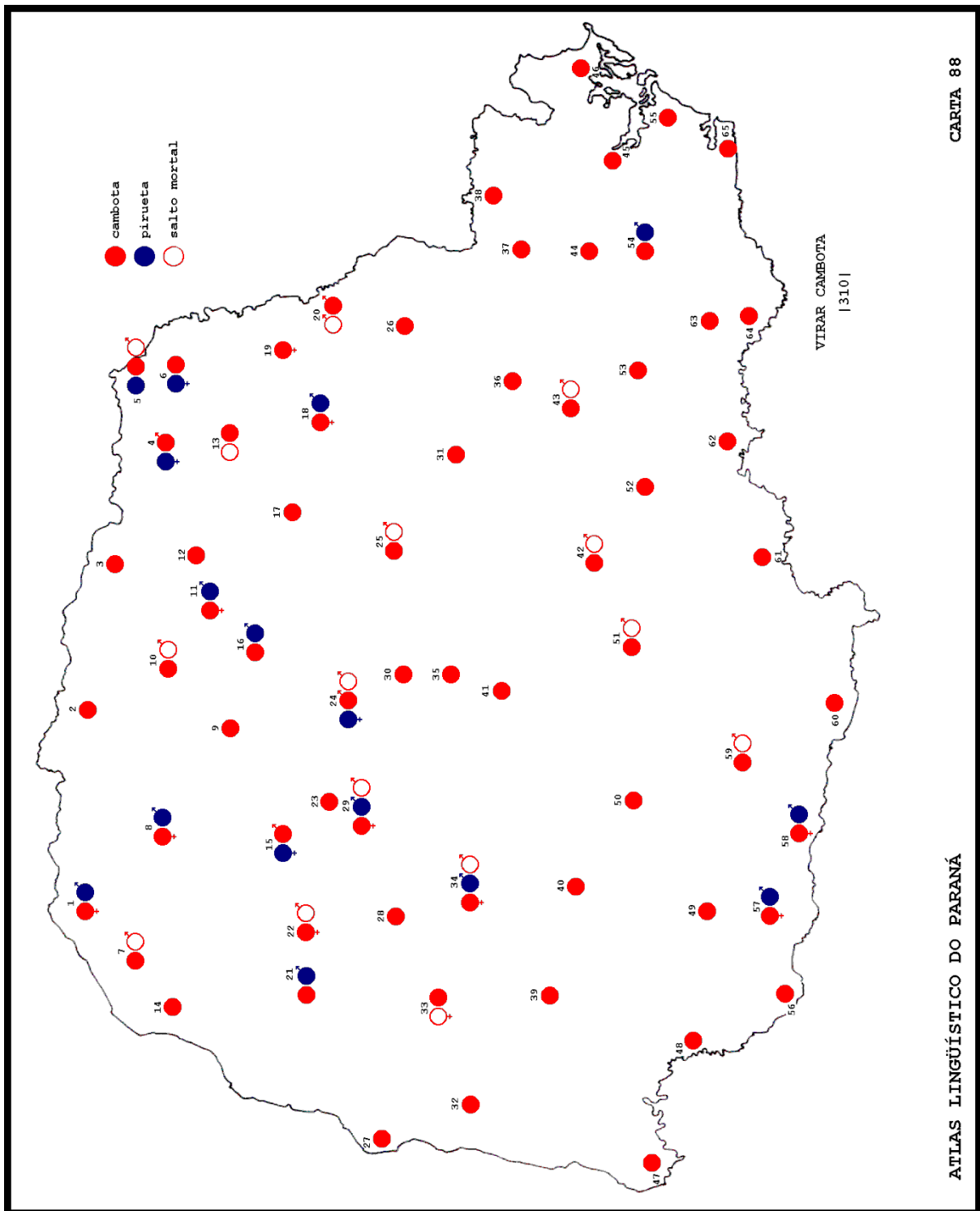
Quanto à *pirueta*, do francês *pirouette*, os dicionários a descrevem como rodopio sobre um pé, pulo, salto, cabriola.

Em publicação organizada pela equipe ALiB de Salvador (UFBA), a unidade lexical *cambalhota*, cuja carta consta em cinco atlas publicados, ocasiona variantes como “*maria-escambota, maria-escambona, cambota, carambota, canastra, bunda canastra, cangapé, cambriola* etc. (cf. APFB, carta nº 109; ALS, carta nº 113; ALPB, cartas nº 102 e 103; EALMG, cartas nº 27, 28 e 29 e ALPR, carta nº 88)” (CARDOSO *et al*, 2013, p.43).

Pela perspectiva de Isquierdo e Figueiredo (2015, p. 219), “a *cambalhota* é uma dessas brincadeiras que vem atravessando os séculos, resistindo aos processos de modernização contemporâneos”. Em seu estudo, as autoras inventariam designações como *cambalhota, cambota, pirueta, salto-mortal, bananeira, perereca* e *carambola* por 21 localidades do interior da região Centro-Oeste brasileira (ISQUERDO; FIGUEIREDO, 2015, p. 222).

Confirmando a existência das variantes levantadas em nossos inquéritos, trazemos a Carta 88 do ALPR com a distribuição diatópica e diassexual das variantes *cambota, pirueta* e *salto mortal*:

Figura 14 – Carta 88 do ALPR com a distribuição diatópica e diasssexual das variantes para virar cambota



Fonte: Atlas Lingüístico do Paraná (1994)

No ALPR II (2007, p. 209), localizamos nas matrizes dos dados utilizados na análise dialetométrica a informação de que foram registrados *cambalhota*, *pirueta*, *salto mortal*, *virar baliza*, *ponta-cabeça* e *carretê* ao longo das 65 localidades do Estado.

Em consulta ao banco de dados do ALiB, levantamos para a lexia em questão, nas 16 localidades investigadas no interior do Paraná, a ocorrência dos nomes: *cambalhota*, *piroleta*, *cambota*, *salto mortal*, *pirueta*, *dragão*, e suas variantes fonéticas.

Ressaltamos que das entrevistas realizadas com os 24 informantes resultaram em 26 respostas pela rede de pontos estabelecida.

Com esses dados elaboramos a carta linguística nº 09, ilustrando a distribuição diatópica, diasssexual e diageracional das designações. Para tanto, desconsideramos a primeira resposta fornecida pelo informante HI1 (*plantar bananeira*), e respostas do HI2 (*bananeira*), MII2 (*plantar bananeira*), MII3 (*ponta-cabeça*); tratamos como *outros* as designações *pirueta* e *bunda canastra* por terem ocorrido apenas uma vez; e registramos as abstenções de MI3, HII4, resultando em cinco não-respostas.

Quanto à produtividade das designações para a brincadeira em questão, observamos *piroleta* como a forma mais usada, sendo executada em quatro localidades; as designações *cambalhota* e *cambota*, aparecem em dois pontos; *pirueta* foi respondida em Ribeirão Claro e *bunda canastra* foi efetuada em Rolândia.

Quadro 30 – Respostas dadas à questão 59 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
PIROLETA	-	-	01	01	02	-	-	01	-	-	02	02	09
CAMBALHOTA	01	01	-	-	-	-	-	-	02	02	-	-	06
CAMBOTA	01	-	-	-	-	-	01	01	-	-	-	-	03
PLANTAR-BANANEIRA	01	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	03
NÃO-SABE	-	-	-	-	-	01	01	-	-	-	-	-	02
BUNDA-CANASTRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
PONTA-CABEÇA	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
PIRUETA	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
	03	02	02	02	02	02	02	02	02	02	03	02	26
	05		04		04		04		04		05		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 26 ocorrências lexicais, 14 correspondem à fala dos homens e 12 à das mulheres. Portanto, configurando maior contribuição masculina.

Tanto na fala dos homens como na fala das mulheres obtivemos as designações *piroleta*, *cambalhota* e *cambota*, entretanto, *pirueta* (*outros*) só consta na fala feminina e *bunda canastra* (*outros*) emitida apenas por um homem.

Conferindo a produtividade das variantes respondidas para a questão por sexo, destacamos que a unidade lexical *piroleta* é mais frequente na fala dos homens, enquanto *cambalhota* figura de igual maneira na fala de ambos os sexos; *cambota* foi produzida mais na fala masculina; *bunda canastra* ocorre somente no grupo masculino e *pirueta* somente no feminino.

Quadro 31 – Respostas dadas à questão 59 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
PIROLETA	-	-	01	01	01	01	01	-	-	-	02	02	09
CAMBALHOTA	02	-	-	-	-	-	-	-	02	02	-	-	06
CAMBOTA	-	01	-	-	-	-	01	01	-	-	-	-	03
PLANTAR-BANANEIRA	01	-	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	03
NÃO-SABE	-	-	-	-	01	-	-	01	-	-	-	-	02
BUNDA-CANASTRA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01
PONTA-CABEÇA	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
PIRUETA	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
	03	02	02	02	02	02	02	02	02	02	02	03	
	05		04		04		04		04		05		26

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 26 ocorrências, 13 correspondem à fala do grupo etário I (de 30 a 50 anos de idade) e 13 para o grupo etário II (de 60 a 80 anos).

Com os dois grupos etários angariamos os nomes *piroleta*, *cambalhota* e *cambota*, porém, as formas *pirueta* e *bunda canastra* (outros) foram emitidas apenas pelos informantes do segundo grupo.

Cotejando a produtividade das designações fornecidas para a questão por faixa etária, depreendemos que *piroleta* e *cambalhota* tiveram destaque na faixa I, enquanto *cambota* sobressaiu na fala da faixa II, e *pirueta* e *bunda canastra* (outros) foram registradas apenas pela segunda faixa etária.

Correlacionando os dados coletados para a questão com o perfil do informante (p. 48-49), constatamos que item *piroleta* foi registrado com os informantes MI2, HII2, HI3, HII3, MI4, HI6, MI6, HII6, MII6 de maioria paulista e mineira; o nome *cambalhota* foi produzido pelos informantes HI1, MI1, HI5, MI5, HII5, MII5 com origem na maior parte nordestina; a forma *cambota* na resposta de HII1, HI4, MII4, prevalecendo influência mineira; *pirueta* foi executada pela informante MII1, filha de mãe paulista e pai paranaense; e a designação *bunda canastra*, emitida pelo informante HII6 com influência nordestina.

5.10 QUESTÃO 64 – SEMÁFORO

A questão n.º 64 do questionário equivale à 194 do QSL do ALiB e está agrupada no campo semântico “HOMEM / Vida urbana”, com o enunciado: “Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?” (SINALEIRO / SEMÁFORO / SINAL).

Registramos em resposta à questão as variantes lexicais: *sinaleiro*, *semáforo*, *farol* e *sinal*, que distribuímos no quadro.

Quadro 32 – Respostas dadas à questão 64 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
SINALEIRO	02	-	02	03	03	04	14
SEMÁFORO	01	01	03	02	03	01	11
FAROL	03	04	01	01	01	02	12
SINAL	-	-	-	-	01	01	02
	06	05	06	06	08	08	39

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Sinaleiro, a lexia mais frequente, consta do dicionário Aurélio (2010) como “aquele que nas estações de estrada de ferro faz sinal aos trens para avisar de que a linha se acha desimpedida”, sendo remetida a *sinaleira*. No Houaiss (2009), *sinaleiro* “diz-se de ou indivíduo encarregado da sinalização nos diferentes meios de transportes”; mesmo que *semáforo* e *sinaleira*.

No que tange a *sinaleira*, Ferreira (2010) a vislumbra como “aparelho instalado nas ruas ou cruzamentos para dar, manual ou automaticamente, sinais luminosos reguladores do trânsito” e relaciona sinônimos como *sinaleiro*, *sinal*, *semáforo*, *sinal luminoso*, *sinal de tráfego* e *farol*. Do mesmo modo, Houaiss (2009) faz alusão às formas *semáforo*, *farol*, *sinal* e *sinaleiro*.

Para *semáforo*, do francês *sémaphore*, composto a partir dos vocábulos gregos *sêma, atos* (sinal, caráter distintivo, marca) e *phorós, ós, ón* (que leva, carrega, transporta), Aurélio (2010) descreve “poste de sinalização ferroviária ou rodoviária que orienta o tráfego por meio de mudança de cor das luzes”. Houaiss (2009) o pormenoriza como “aparelho de sinalização urbana, rodoviária ou

ferroviária que orienta o tráfego por meio de lanternas, luzes, bandeiras e/ou hastes móveis etc.”; referente a *senal de trânsito*, *senal luminoso* e *sinaleira*.

Quanto a *farol*, termo proveniente do espanhol, verificamos nos dicionários, dentre outras acepções, tratar-se de “construção junto ao mar, geralmente em forma de torre, dotada de um foco luminoso na parte superior para orientar navios durante a noite” e “lanterna de automóveis”. Os autores enumeram sinônimos como *senal de trânsito*, *sinaleira* e *semáforo*.

A variante *senal*, dentre várias acepções trazidas pelo verbete nos dicionários, encontra-se relacionada à *sinaleira* no Aurélio (2010) e apresenta a expressão *senal aberto* como “ordem de prosseguir, que o sinal luminoso indica nas vias de tráfego, acendendo uma lâmpada verde; sinal verde”. O item se refere a *semáforo*, aparelho de sinalização urbana, *senal luminoso*, no Houaiss (2009), associando expressões como *senal verde* mesmo que *senal aberto*, pois a luz verde dos semáforos indica permissão para avançar; *senal de trânsito* como símbolo que regula a circulação de veículos; *senal vermelho* ou *senal fechado*, pois a luz vermelha dos semáforos indica proibição para avançar; *avançar o sinal* com o sentido de não atender à luz vermelha do semáforo.

Em pesquisa que realizamos sobre as variantes lexicais para *semáforo*, averiguamos que o aparato é um sinal de trânsito, na categoria sinal luminoso, que desempenha a função de controlar o fluxo de pedestre, de veículos e de veículos e pedestres ao mesmo tempo, com duas ou três cores, geralmente, vermelha, amarela e verde. A instalação do primeiro semáforo com as três cores e quatro faces data de outubro de 1920, projetado pelo inspetor de polícia William L. Potts, no cruzamento da Avenida Woodward com a Rua Fort, em Detroit, Michigan, EUA (RIBEIRO, 2014, p. 1850).

A partir de dados coletados pela equipe do ALiB com 153 informantes distribuídos por 39 localidades, pontos linguísticos estabelecidos pelo interior dos Estados que compõem a região Sul do país, verificamos que dentre as variantes levantadas para o aparelho de trânsito (*semáforo*, *sinaleiro*, *sinaleira*, *farol* e *senal*) predomina a variante *semáforo* em Santa Catarina, *sinaleiro* no Paraná e *sinaleira* no Rio Grande do Sul.

Do emprego das variantes levantadas com a pesquisa, chegamos ao seguinte entendimento:

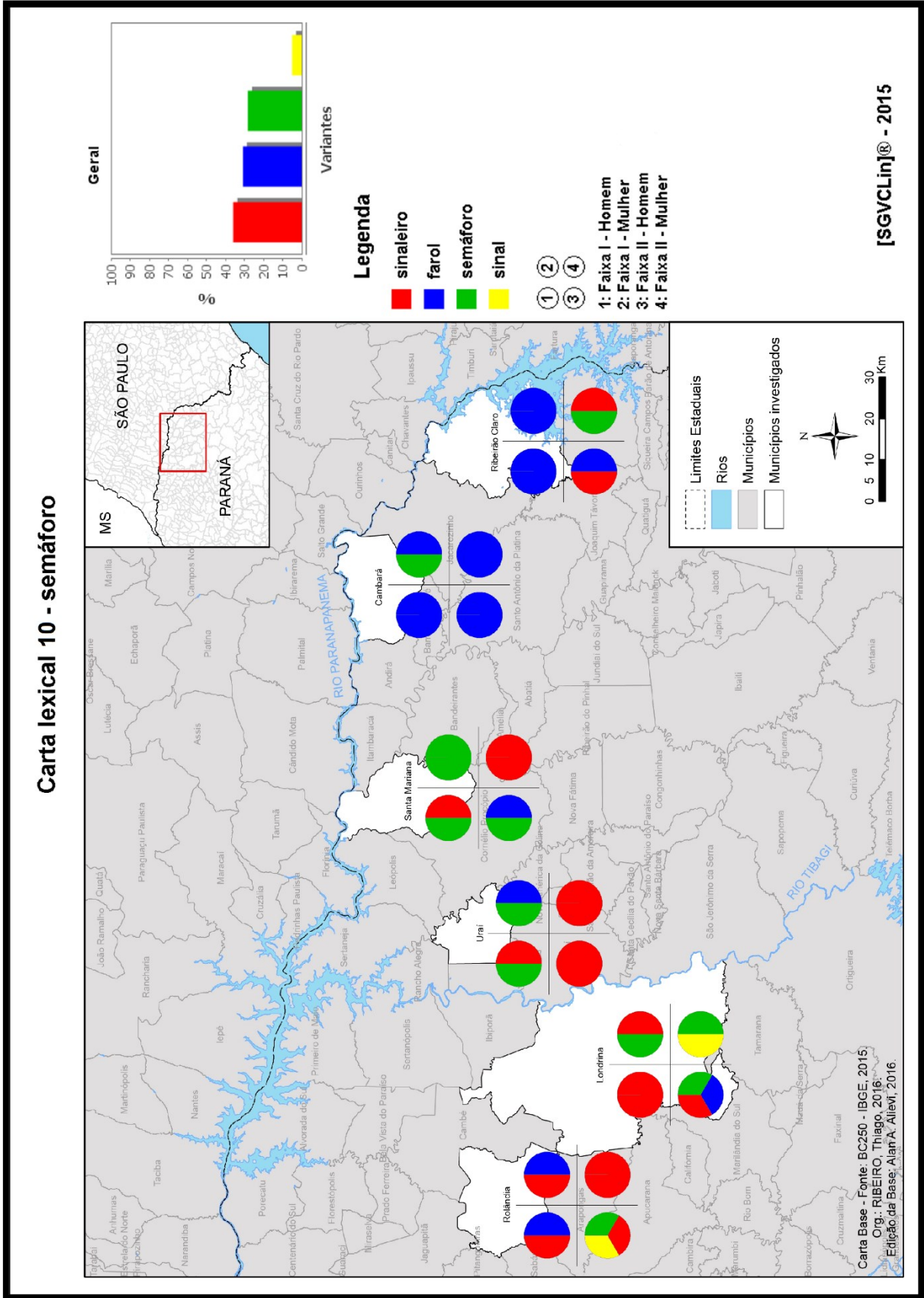
Os dados acerca da inserção de *semáforo* demonstram a utilização do nome técnico para o aparato em toda a área inquirida, devido ao elevado número de motoristas, que para obtenção da Carteira Nacional de Habilitação – CNH precisam passar pelas Autoescolas para serem aprovados nos testes, estudam as apostilas e apreendem o termo como lá especificado. E *sinaleiro* (PR) e *sinaleira* (RS e SC), representando a preferência pelo sufixo *-eiro(a)* acompanhando o substantivo *senal*, sufixo frequentemente usado para designar aparelhos com determinada função, no caso a de controlar o fluxo de veículos e pedestres (RIBEIRO, 2014, p. 1858).

Confirmando os dados levantados, em consulta ao banco de dados do ALiB, verificamos para a lexia em questão a ocorrência das seguintes variantes: *semáforo*, *sinaleiro*, *farol*, *senal*, *sinaleira*, e suas variantes fonéticas.

Considerando que dos 24 informantes 13 deram mais de uma resposta, obtivemos 39 ocorrências lexicais nos seis pontos investigados.

Com essas informações produzimos a carta linguística nº 10, destacando, em cada localidade, as variantes dadas como resposta por sexo e faixa etária.

Figura 16 - Carta linguística para questão 64 – semáforo



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Verificando a produtividade das variantes respondidas para a questão por localidade, observamos que o item lexical *sinaleiro* ocorre nas cinco localidades, sendo forma hegemônica em Rolândia; *semáforo* é a forma produzida em toda a rede de pontos, mais frequente em Santa Mariana e Londrina; o item *farol* acontece na fala dos informantes de todos os pontos linguísticos, com maior destaque em Cambará; e *sinal* figura em Londrina e Rolândia com uma ocorrência em cada cidade.

Quadro 33 – Respostas dadas à questão 64 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
SINALEIRO	01	01	-	-	01	01	02	01	02	01	02	02	14
SEMÁFORO	-	01	-	01	02	01	01	01	01	02	01	-	11
FAROL	02	01	02	02	01	-	-	01	01	-	01	01	12
SINAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01	-	02
	03	03	02	03	04	02	03	03	04	04	05	03	39
	06		05		06		06		08		08		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 39 ocorrências, 21 correspondem à fala dos homens e 18 à das mulheres. Portanto, configurando maior contribuição masculina.

Tanto na fala dos homens como na fala das mulheres obtivemos quatro variantes: *sinaleiro*, *semáforo*, *farol* e *sinal*.

Conferindo a produtividade das variantes respondidas para a questão por sexo, destacamos que a unidade lexical *sinaleiro* é mais frequente na fala dos homens, enquanto *semáforo* aparece mais na fala das mulheres; *farol* foi produzida mais na fala masculina; e *sinal* ocorre igualmente na fala de ambos os sexos.

Podemos inferir que os homens foram mais produtivos, proferindo mais respostas para a questão em estudo.

Quadro 34 – Respostas dadas à questão 64 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
SINALEIRO	-	02	-	-	01	01	01	02	02	01	02	02	14
SEMÁFORO	-	01	01	-	02	01	02	-	01	02	-	01	11
FAROL	02	01	02	02	-	01	01	-	-	01	02	-	12
SINAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01	02
	02	04	03	02	03	03	04	02	03	05	04	04	39
	06		05		06		06		08		08		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 39 ocorrências, 19 correspondem à fala do grupo etário I (de 30 a 50 anos de idade) e 20 para o grupo etário II (de 60 a 80 anos).

Com o grupo da faixa etária I obtivemos três variantes: *sinaleiro*, *semáforo* e *farol*. Na fala do grupo da faixa etária II registramos: as já citadas e *sinal*, essa última informada somente por eles.

Cotejando a produtividade das designações fornecidas para a questão por faixa etária, depreendemos que *sinaleiro* foi a forma mais produtiva no segundo grupo etário; *semáforo* e *farol* tiveram mais destaque na fala das pessoas da faixa I; e a variante *sinal* foi registrada apenas pela segunda faixa etária.

Correlacionando a ocorrência das variantes coletadas com a localidade, sexo, faixa etária e origem familiar do informante (p. 49), constatamos que a variante *sinaleiro* foi registrada na fala dos informantes HII1, MII1, HI3, MII3, HI4, HII4, MII4, HI5, MI5, HII5, HI6, MI6, HII6, MII6 de maioria paulista, mineira e nordestina; a forma *semáforo*, proferida por MII1, MI2, HI3, MI3, HII3, HI4, MI4, MI5, HII5, MII5, HII6 com origem na maior parte mineira; o nome *farol* foi executado pelos informantes HI1, MI1, HII1, HI2, MI2, HII2, MII2, HII3, MI4, HII5, HI6, MI6 com maior influência paranaense e mineira; e a designação *sinal*, emitida pelos informantes MII5 e HII6 com influência nordestina.

5.11 QUESTÃO 70 – INTERRUPTOR DE LUZ

A questão n.º 70 do questionário, equivalente à 175 do QSL do ALiB, está alocada no campo semântico “HOMEM / Utilidades domésticas e outros”, e possui o seguinte enunciado: “Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?” (INTERRUPTOR DE LUZ).

Para essa questão registramos *interruptor* e *tomada* como respostas, distribuídas pelas localidades no quadro.

Quadro 35 – Respostas dadas à questão 70 por localidade

VARIANTES	LOCALIDADES						OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro	Cambará	Santa Mariana	Uraí	Londrina	Rolândia	
INTERRUPTOR	01	04	03	02	04	-	14
TOMADA	04	02	01	02	01	04	14
	05	06	04	04	05	04	28

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Para *interruptor*, do latim *interrúptor, óris* (que quebra a continuidade, interrompedor), Aurélio (2010) registra como “dispositivo que pode interromper ou restabelecer a continuidade num circuito elétrico, ou numa parte dele”. Houaiss (2009) considera o item como “dispositivo pelo qual se interrompe (de forma reversível) a passagem de um sinal em um circuito elétrico ou eletrônico”.

Dentre outras acepções, *tomada* está caracterizada como “ramificação duma instalação elétrica para ligar qualquer aparelho elétrico (ventilador, lâmpada, ferro de passar, etc.)” e “peça que permite a conexão de um circuito a um circuito de alimentação” no Aurélio (2010). Houaiss (2009) trata a peça como “dispositivo que serve de intermediário entre uma fonte de energia elétrica e um equipamento alimentado por esta energia”.

Em estudo geossociolinguístico realizado por Aguilera e Silva (2012) com as respostas dos informantes do ALiB inquiridos pelas capitais brasileiras acerca da questão n.º 175, ficou demonstrado “que a etimologia popular é bastante produtiva, seja recorrendo a metáforas, metonímias, onomatopeias, seja buscando

em outras línguas um nome que se adapte ao novo objeto inserido na vida cotidiana de cada um” (AGUILERA; SILVA, 2012, p. 315).

Como o objeto passou a figurar nas residências com o advento da lâmpada elétrica, Aguilera (2016) informa:

Há pouco mais de 130 anos a invenção da lâmpada elétrica incandescente, dispositivo elétrico que transforma energia elétrica em energia luminosa e energia térmica, criada pelo norte-americano Thomas Edison, no final do século XIX, revolucionou a vida do homem moderno (AGUILERA, 2016, p. 107).

Com relação aos nomes criados para o dispositivo que aciona a lâmpada, a autora destaca que os mais conhecidos são *interruptor* e *tomada*:

O primeiro, inicialmente em formato oblongo acoplado à lâmpada por meio de dois fios elétricos encapados de plástico e torcidos; a segunda, fixada à parede para permitir a condução da energia para aparelhos elétricos, como o rádio, o ventilador, a geladeira, e, mais tarde, à televisão, ao forno elétrico, ao computador e muitos outros mais (AGUILERA, 2016, p. 108).

Com a pesquisa, Aguilera e Silva (2012) verificam as formas mais frequentes *interruptor* e *tomada*. Com índices mais baixos registram *apagador*, *acendedor* (denominações a partir da função do novo objeto), *chave*, *botão*, *pera* (da extensão do significado de uma palavra existente no léxico, mas de outra área semântica), *bocal*, *soquete*, *disjuntor*, *espelho* (da extensão da função de outro objeto da área da energia elétrica e que lhe é contíguo), *suíte*, *starque* (do empréstimo do inglês, respectivamente, *switch*, interruptor em inglês, e provavelmente *start*, iniciar, ligar um aparelho) e *crique* (*clique*, de recurso onomatopaico) (AGUILERA; SILVA, 2012, p. 306-307).

Aguilera (2016), por sua vez, analisando respostas dos 188 informantes de 44 localidades da rede de pontos do ALiB na Região Sul do Brasil, elenca as formas obtidas da mais frequente para a *hapax legomena*: *tomada*, *interruptor*, *chave/chave de luz*, *tecla/teclinha*, *plugue*, *tique-taque*, *acendedor*, *clique*, *botão/botão de luz*, *pleque-pleque*, *apaga-luz*, *apagador*, *enchufe*, *pera* e *espelho* (AGUILERA, 2016, p. 109).

O estudo da pesquisadora registrou 15 variantes para *interruptor* na Região Sul e revelou a ocorrência de *tomada* nos três estados, maior frequência de

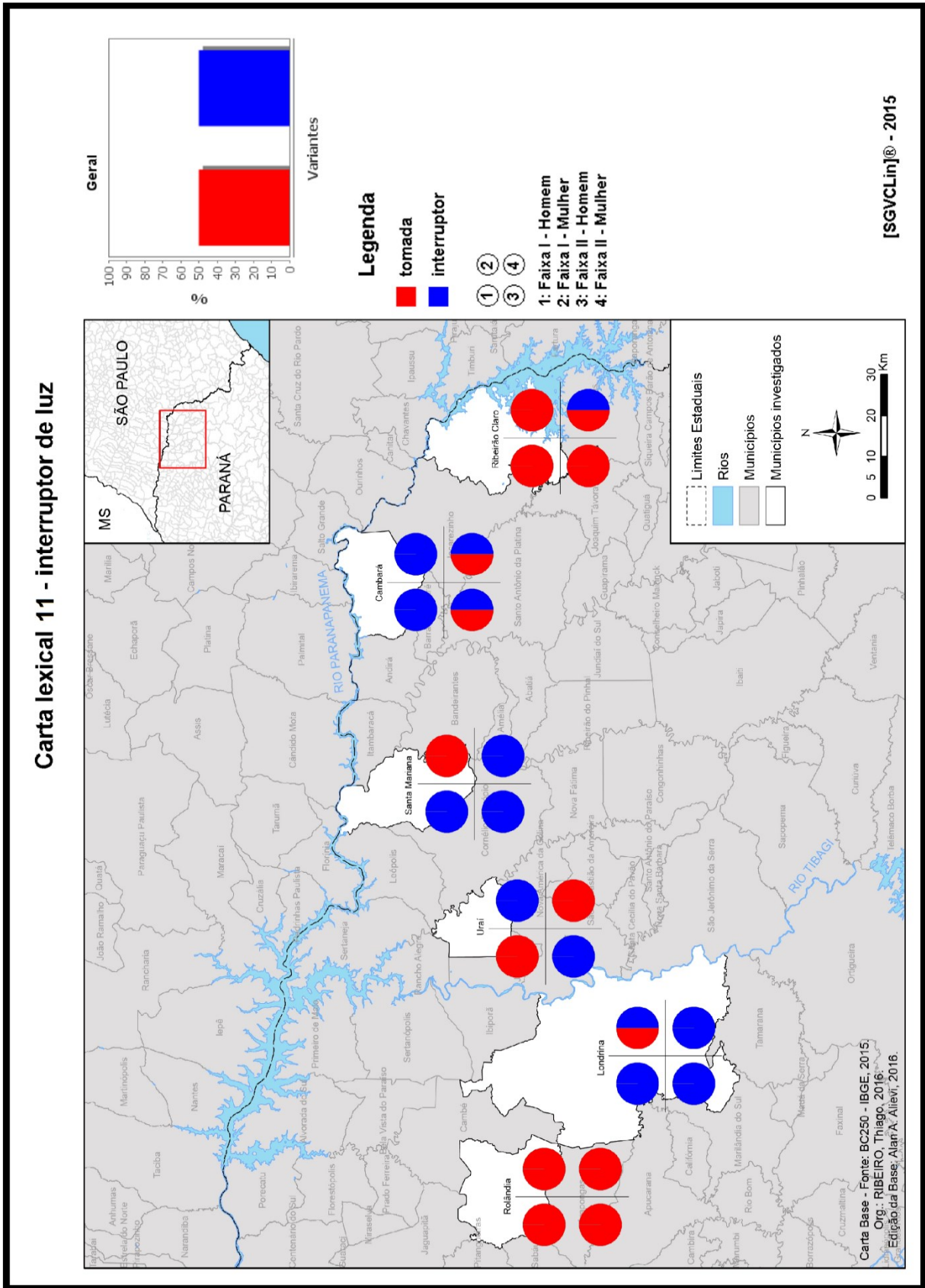
interruptor no Paraná; quase equivalência de *interruptor* e *tomada* em Santa Catarina e *chave/chave de luz* como a forma mais produtiva no Rio Grande do Sul (AGUILERA, 2016, p. 119).

Em consulta ao banco de dados do ALiB, levantamos para o item em análise, a ocorrência das seguintes formas: *tomada*, *interruptor*, *acendedor*, *tic-tac*, *chave de luz*, *apagador*, *foco*, *pléque-pléque*, *chave*, e suas variantes fonéticas.

Considerando que dos 24 informantes deste trabalho quatro deram mais de uma resposta, obtivemos 28 ocorrências lexicais nos seis pontos investigados.

Com esses dados, elaboramos a carta linguística n.º 11 com a distribuição diatópica, diassexual e diageracional das variantes coletadas.

Figura 17 - Carta lingüística para questão 70 – interruptor de luz



Fonte: banco de dados constituído pelo autor

No que tange à produtividade das variantes por localidade, verificamos *interruptor* na fala dos quatro informantes de Cambará e de Londrina, enquanto *tomada* teve destaque em Ribeirão Claro e Rolândia. Em Santa Mariana registramos a prevalência da forma *interruptor*. Em Uraí, *interruptor* e *tomada* são formas concorrentes.

Quadro 36 – Respostas dadas à questão 70 por sexo

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
INTERRUPTOR	-	01	02	02	02	01	01	01	02	02	-	-	14
TOMADA	02	02	01	01	-	01	01	01	-	01	02	02	14
	02	03	03	03	02	02	02	02	02	03	02	02	28
	05		06		04		04		05		04		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 28 ocorrências, 13 foram produzidas por homens e 15 foram proferidas por mulheres.

Quantificando os dados levantados com relação ao sexo, verificamos que homens e mulheres informaram o termo *interruptor* para o dispositivo em questão em igual número, mas a forma *tomada* foi mais produzida entre as mulheres.

Quadro 37 – Respostas dadas à questão 70 por faixa etária

VARIANTES	LOCALIDADES												OCORRÊNCIAS
	Ribeirão Claro		Cambará		Santa Mariana		Uraí		Londrina		Rolândia		
	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	I	II	
INTERRUPTOR	-	01	02	02	01	02	01	01	02	02	-	-	14
TOMADA	02	02	-	02	01	-	01	01	01	-	02	02	14
	02	03	02	04	02	02	02	02	03	02	02	02	28
	05		06		04		04		05		04		

Fonte: banco de dados constituído pelo autor

Das 28 ocorrências, 13 foram proferidas pelos informantes da faixa etária I (de 30 a 50 anos de idade), enquanto que os da faixa etária II (de 60 a 80 anos) registraram 15 respostas.

Conferindo a produtividade das designações fornecidas por faixa etária, inferimos que a variante *tomada* foi produzida em igualdade pelas pessoas da faixa I e da faixa II, porém a forma *interruptor* foi mais produzida pela faixa II.

Com os dados levantados, podemos especificar a ocorrência das variantes estudadas conforme o perfil dos informantes apresentado nas páginas 48-49, que permite constatar que o uso da designação *interruptor* na fala dos informantes MII1, HI2, MI2, HII2, MII2, HI3, HII3, MII3, MI4, HII4, HI5, MI5, HII5, MII5, resulta marcado por maior influência paulista e mineira; o nome *tomada* foi usado pelos informantes HI1, MI1, HII1, MII1, HII2, MII2, MI3, HI4, MII4, MI5, HI6, MI6, HII6, MII6, cuja maioria possui origem paranaense e mineira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem pratica o português popular não ‘fala errado’ – apenas opera com a variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Quem pratica o português culto não ‘fala certo’, de novo apenas se serve da variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Falar errado é não se fazer entender em seu meio, como bem lembrava o professor Antenor Nascentes, ou é usar uma variedade inadequada ao meio em que o falante se encontra (CASTILHO, 2010, p.205).

Em elicitación feita com 24 informantes distribuídos por uma rede de pontos formada por seis cidades que compõem a *Rota do Café* (Ribeirão Claro, Cambará, Santa Mariana, Uraí, Londrina, Rolândia), obtivemos itens lexicais que, correlacionados à localidade, sexo e faixa etária, resultaram no panorama geossociolinguístico exposto.

Do exame dos dados do *corpus*, resultado de análises diatópica, diassexual e diageracional, apresentamos para cada referente a variantes mais frequente, em que localidade mais figurou, que sexo mais proferiu, que faixa etária fez maior uso, procedência dos informantes que mais responderam a variante, e quais questões receberam mais abstenções ou não-respostas.

Para a questão 08 - *banana dupla*, conferimos a variante *felipe*, com destaque em Rolândia, mais falada pelos homens, pela faixa II, com influência paulista e mineira.

Para a questão 24 - *libélula*, registramos o nome *lava-bunda*, mais frequente em Santa Mariana, usada mais pelos homens, pela faixa II, com procedência mineira, e oito não-respostas.

Para a questão 36 - *peessoa sovina*, destacamos a designação *pão-duro*, com maior frequência em Uraí, enfatizada na fala masculina, faixa I, origem mineira.

Para a questão 38 - *cueca*, ressaltamos o destaque para a forma padrão *cueca* por todos os pontos linguísticos estabelecidos, na fala de ambos os sexos, na fala de ambas as faixas etárias, com maior influência mineira.

Para a questão 41 - *alpargatas*, observamos maior produtividade para o nome *alpargatas*, com destaque em Cambará e Londrina, na fala do grupo masculino, na faixa II, com influência mineira e nordestina, e quatro não-respostas.

Para a questão 42 - *braguilha*, constatamos maior frequência do nome *zíper*, mais usado em Cambará e Uraí, destacado na fala das mulheres, na faixa I, com maior influência mineira.

Para a questão 44 - *piruá*, registramos a denominação *piruá* como a mais usada, figurando mais vezes em Uraí, na fala feminina, do primeiro grupo etário, com influência mineira, e dez não-respostas.

Para a questão 53 - *pachola*, relacionamos a designação *galinhada* que mais foi emitida em Londrina, constando em maior parte na fala dos homens, em ambas as faixas etárias, com influência nordestina, e apresentando 14 não-respostas.

Para a questão 59 - *cambalhota*, aferimos a maior frequência do nome *piroleta*, forma hegemônica em Rolândia, mais frequente na fala masculina, na faixa I, com influência paulista e mineira, e cinco não-respostas.

Para a questão 64 - semáforo, cotejamos a variante *sinaleiro* como a mais empregada, principalmente em Rolândia, na fala masculina, mais produzida pelo segundo grupo etário, com influência paulista, mineira e nordestina.

Para a questão 70 - interruptor de luz, delineamos que as lexias *interruptor* e *tomada* ocorreram com a mesma frequência, a primeira figurando mais em Cambará e Londrina e a segunda em Ribeirão Claro e Rolândia. A forma *interruptor* foi proferida igualmente na fala masculina e feminina, enquanto *tomada* se destacou na fala feminina. *Interruptor* mais frequente na faixa I e *tomada*, na faixa I e II. *Interruptor* com influência paulista e mineira, e *tomada* com influência paranaense e mineira.

Observamos que a questão 53, referente ao prato típico de Jacarezinho, a *pachola*, foi a que angariou maior número de abstenções ou não-respostas, em grande parte por desconhecimento da existência de um nome específico para a comida, e não por dúvida ou esquecimento.

Retomando os objetivos, cumprimos com o objetivo geral da pesquisa realizando o inventário de parte da variação lexical estabelecida com a vinda dos colonizadores, assim como registramos a herança linguística e desenvolvemos estudos dos itens lexicais selecionados, procedendo à descrição e

análise de dados dos inquéritos *in loco*, propiciando aos estudiosos da língua portuguesa e aos pesquisadores de áreas afins aportes para o conhecimento da realidade linguística da região.

Com os dados apresentados, confirmamos a hipótese levantada de que os colonizadores da região deixaram marcas na linguagem como colaboração na cultura local. Corroborando o alegado, temos a procedência familiar dos informantes inquiridos, quais sejam, paranaense, paulista, mineira, nordestina, italiana e japonesa.

Por conseguinte, a presente pesquisa consiste em uma contribuição para a descrição da língua portuguesa falada na região Norte do Estado do Paraná, descrição da nossa realidade linguística, colaborando para que se confirme a heterogeneidade linguística no Paraná e no Brasil e que se registrem variantes antes que se percam no decurso do tempo.

Esperamos que esta dissertação, nas palavras de Mota & Cardoso (2009, p. 245), “vislumbre a contribuição efetiva para o conhecimento da diversidade e para o seu equacionamento ao ensino e ao respeito ao direito à diversidade de usos”.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, V. de A. *Atlas Linguístico do Paraná – Apresentação*. Londrina: Editora da UEL, 1996.

AGUILERA, V. de A. (Org.) *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998.

AGUILERA, V. de A. Sobre os inquéritos experimentais do Atlas Linguístico do Brasil: ainda discutindo os questionários. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, n. 3, p. 175-189, set. 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4492/4583>. Acesso em: 30 mai. 2015.

AGUILERA, V. de A. Braguilha ou barguia: eis a questão. In: COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M.; RIBEIRO, S. S. C. (Orgs.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 283-304. Disponível: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6578/1/Dos%20sons%20as%20palavras.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2017.

AGUILERA, V. de A. De onde vieram e por onde andam as nossas libélulas e jacintas? um estudo da etimologia popular com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB). *Estudos Linguísticos e Literários*, p. 291-309, vol. 41, 2010. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/issue/1094/10>. Acesso em: 18 fev. 2017.

AGUILERA, V. de A. Os nomes para o interruptor de luz na Região Sul do Brasil: signo arbitrário ou motivado? In: AGUILERA, V. de A.; DOIRON, M.P.B. (Orgs.). *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Cascavel: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016.

AGUILERA, V. de A.; ALTINO, F. C. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. *Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)*, vol. 56, nº 3, São Paulo, 2012. p. 871-889. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 set. 2014.

AGUILERA, V. de A.; DOIRON, M. P. B. Variantes Lexicais para Alpargatas no Paraná e na Região Nordeste do Brasil: um estudo etnolinguístico. *SIGNUM: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 16/2, p. 67-99, dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15409/14014>. Acesso em: 19 fev. 2017.

AGUILERA, V. de A.; FIGUEIREDO, M. B. T. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. *SIGNUM: Estud.Ling.*, Londrina, n.5, p.9-47, dez. 2002. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3536/2862>. Acesso em 18 mai. 2015.

AGUILERA, V. de A.; KAMI, J. G. da S. Para um Atlas Lingüístico do Brasil: a construção dos questionários. *Revista Estudos Lingüísticos XXXII*. Maio 2002. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci118.htm>. Acesso em: 30 mai. 2015.

AGUILERA, V. de A.; SILVA, H. C. da. Os dados lexicais do ALiB podem revelar que o velho permanece novo? *In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (Orgs.). Documento 3: projeto atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012.

ALEGRO, R. C.; GUSMÃO, A. B.; OLIVEIRA, C. B. de. Cronica da cultura do rami em Uraí: lembranças de trabalhadoree, 1960-1980. *Revista Confins [Online]*, n. 6. 28 jun. 2009. Disponível em: <http://confins.revues.org/5973>. Acesso em: 09 mai. 2017.

ALMANAQUE ABRIL. Ano 37. São Paulo: Editora Abril, 2011.

ALTINO, F. C. Atlas Linguístico do Paraná – Volume II. *In: II Encontro Científico do Curso de Letras – 2005. Anais [...]*. Disponível em: http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/012.html. Acesso em: 10 ago. 2015.

ALTINO, F. C. *Atlas Lingüístico do Paraná – II*. 2007. 223 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2 v. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls_000135551. Acesso em: 23 mai. 2015.

ALTINO, F. C. Estudos Dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 33-63, jul. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4176/4594>. Acesso em: 20 set. 2014.

ALVES, R. *A pipoca*. Disponível em: <http://aventurasdalilis.blogspot.com.br/2012/02/pipocas-da-vida.html>. Acesso em: 21 set. 2016.

ALVES, C. C. B.; BARROS, Z. de S. A variação semântico-lexical e Geolinguística no Português falado no Maranhão. *In: ARAGÃO, M. do S.S. de. (Org.). Estudos em Lexicologia, Texicografia, Terminologia e Terminografia*. Fortaleza: UFC/Mídia, 2009.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 4. ed. São Paulo: Hucitec/INL-MEC, 1981.

BAGNO, M. *O que é linguística?* Blog da Parábola Editorial, 22 jun. 2016. Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br/blog/entry/o-que-e-linguistica.html>. Acesso em: 24 ago. 2016.

BARBOSA-DOIRON, M. P. Ocorrências Lexicais para Redemoinho no Falar Paulista: Um Estudo Dialetológico. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 13/2, p. 113-130, dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4787/6969>. Acesso em: 28 fev. 2014.

BASSI, A.; MARGOTTI, F. W. Um Estudo Geolinguístico nas Capitais Brasileiras das

Variantes Lexicais para a Brincadeira Infantil Amarelinha. *In*: ALTINO, F. C. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

BATISTA, D. F. *Meire luta para "Pachola" ser reconhecida como prato típico jacarezinhense*. abr. 2014. Disponível em: <http://projac.com.br/noticias/meire-luta-para-pachola-ser-reconhecida-como-prato-tipico-jacarezinhense.html>. Acesso em: 01 nov. 2016.

BIDERMAN, M. T.C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 4, p. 81-96, dezembro de 1987. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/17049/11065>. Acesso em: 20 jul. 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. O português brasileiro. *In*: BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Seria Lula analfabeto, como afirma Caetano?* Disponível em: http://www.stellabortoni.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=200:seria-lula-analfabeto-como-afirma-caetano&catid=45:blog&Itemid=1. Acesso em: 10 set. 2016.

BOTEGA. *In*: WIKCIONÁRIO, o dicionário livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/w/index.php?title=botega&oldid=2309589>. Acesso em: 29 abr. 2017.

BUSSE, S. Atlas Linguístico-etnográfico da região Oeste do Paraná – o ALERO: um estudo do movimento das línguas e dos dialetos no espaço e no tempo. *In*: CELSUL 2008. GT – Estudos Geolinguísticos no Brasil, p. 01-17. *Anais [...]*. Disponível em: http://www.celsul.org.br/Encontros/08/atlas_linguistico_etnografico.pdf. Acesso em: 20 set. 2014.

CARDOSO, J. A.; WESTPHALEN, C. M. *Atlas Histórico do Paraná*. 2 ed. ver. eamp. Curitiba: Livraria do Chain, 1986.

CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M; et al (Orgs.). *DOCUMENTOS 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, S. A. M. O papel social de um atlas linguístico. *In*: MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (Orgs.). *Documento 5: projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015.

CASCUDO, L. da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10 ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTILHO, A. T. de. Para uma sintaxe da repetição - língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura*, n° 23, p. 293-330, 1997. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/viewFile/114270/112162>. Acesso em: 18 fev. 2017.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTRO, C. D. *O vocabulário da cultura do café*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios de Linguagem*, v. 4, n° 2, p. 173-194, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618/6863>. Acesso em: 26 ago. 2016.

COELHO, I. L. *et al. Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 27 set. 2015.

COELHO, I. L. *et al. Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: *El hombre y su lenguaje*. Trad. Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987, p. 79-117.

CUBA, M. A.; ISQUERDO, A. N. Léxico e história social: um estudo da variante lexical neve no Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 145-162, jul. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4453/4599>. Acesso em: 10 jun. 2015.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDES, T. G. Língua e Poder: A Língua como instrumento ou estratégia política nos Países de Língua Portuguesa. *Revista geo-paisagem* (on line). Ano 9, n° 17, 2010, Jan/Jun de 2010. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/L%C3%ADngua.htm>. Acesso em: 16 jan. 2017.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. FERREIRA, M. B.; ANJOS, Margarida dos. (Coord.). 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, J. C. V. *Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FIORAVANTI, C. Ora pois, uma língua bem brasileira. *Revista Pesquisa Fapesp*. ed. 230. abr. 2015. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois->

uma-lingua-bem-brasileira/. Acesso em: 06 mai. 2015.

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo sexo/gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M.K.; SEVERO, C. G (orgs). *Mulheres, linguagem e poder*: estudos de gênero na sociolinguística brasileira [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher, 2015. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580391213/completo.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades. Paraná. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=41&search=parana>. Acesso em: 22 ago. 2016.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. Cadernos Municipais. Disponível em: http://www.ipardes.pr.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=30. Acesso em: 28 set. 2016.

ISQUERDO, A. N. A vitalidade do cuitelo na Região Sul do Brasil: um estudo com base em dados de atlas rurais e urbanos de diferentes domínios. In: ALTINO, F. C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística*: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012.

ISQUERDO, A. N.; CARVALHO, P. M. de O. Léxico e ambiente rural: um estudo de designações para “trabalhador de enxada em roça alheia” no centro-oeste do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (Orgs.). *Documento 3*: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012.

ISQUERDO, A. N.; FIGUEIREDO, C. R de S. A cambalhota no Centro-Oeste brasileiro: o que os dados do projeto ALiB revelam. In: MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (Orgs.). *Documento 5*: projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas. Salvador: Quarteto, 2015.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, J. de A. O guarda-noturno. *Revista de Literatura da ADVOCEF* (Associação Nacional dos Advogados da Caixa Econômica Federal). dez. 2009. Disponível em: <http://www.advocef.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-de-Literatura-1-vfinal-7.12.09.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2016.

LUCCHESI, D.; ARAÚJO, S. *A Teoria da Variação Linguística*. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em: 26 ago. 2016.

MACHADO, D. Sensações e riquezas do Paraná. *Revista Living Vectra*, Londrina, ed. 18, p. 60-76, dez. 2016. Disponível em: <https://www.magtab.com/reader/living-vectra/16929>. Acesso em: 10 jan. 2017.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? *In: ILARI, Rodolfo. Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARINS, L. G. F. O léxico rural no Brasil Central: designações para “bruaca”. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, 43 (1): p. 545-560, jan-abr 2014. Disponível em: <http://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/458/340>. Acesso em: 02 jul. 2015.

MATTOS E SILVA, R. V. Português brasileiro: raízes e trajetórias (Para a construção de uma história). *In: Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. O Português Brasileiro. *In: História da Língua Portuguesa em linha*. História da Língua Portuguesa do Brasil. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/hlpbrasil/index.html>. Acesso em: 13 jan. 2017.

MATTOSO CAMARA JR, J.. Língua e Cultura. *Revista Letras*, [S.I.], v. 4, dez. 1955. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046/13227>. Acesso em: 11 jul. 2017.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. A construção de um Atlas Linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 237-256, jul. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4243/4603>. Acesso em 12 out. 2016.

OLIVEIRA, D. P. de. A variação lingüística no Brasil. *In: GUAVIRA LETRAS*, Revista do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Letras do campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Volume 1, número 5, junho de 2007. p. 06-13. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/129/108>. Acesso em 15 fev. 2017.

PINTO, V. M. R.; RIBEIRO, T. L. Variedades linguísticas nos anúncios publicitários: análise e estudo. *In: I Congresso Internacional da Linguística Aplicada Crítica [livro eletrônico]: linguagem, ação e transformação / organizadores: Simone Reis e Alex Alves Egido. Anais [...]. Londrina: UEL, 2016*. Disponível em: [http://www.uel.br/projetos/ical/pages/arquivos/ANAIS/PRATICA\(S\)/VARIEDADES%20LINGUISTICAS%20NOS%20ANUNCIOS%20PUBLICITARIOS%20ANALISE%20E%20ESTUDO.pdf](http://www.uel.br/projetos/ical/pages/arquivos/ANAIS/PRATICA(S)/VARIEDADES%20LINGUISTICAS%20NOS%20ANUNCIOS%20PUBLICITARIOS%20ANALISE%20E%20ESTUDO.pdf). Acesso em: 15 fev. 2017.

POZZOBON, Irineu. *A epopéia do café no Paraná*. Londrina: Grafmarke, 2006.

PRIORI, A. *et al.* A cafeicultura no Paraná. *In: PRIORI, A., et al. (orgs.). História do Paraná: séculos XIX e XX [online]*. Maringá: Eduem, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-08.pdf>. Acesso em: 27 set. 2016.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALiB. Metodologia. Rede de pontos. Região Sul. Disponível em: <http://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-sul.jpg>. Acesso em: 10 mai. 2014.

RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. Diz-Me de que Palavras Gostas, Dir-Te-Ei Quem És: um estudo de unidades lexicais referentes à banana. In: ALTINO, F. C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

RAZKY, A. A Dimensão Sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15659/14016>. Acesso em: 20 set. 2014.

RAZKY, A; COSTA, E. O da; GUEDES, R. J. da C. Variação dos itens lexicais aguardente e bodega nas capitais brasileiras. In: MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (Orgs.). *Documento 5: projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015.

RAZKY, A. *et al.* Variação de Pessoa Sovina nos Dados do Atlas Geossociolinguístico do Pará. In: ALTINO, F. C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

RIBEIRO, T. L. Variantes lexicais para semáforo: uma análise geolinguística nos Estados que compõem a região Sul do Brasil. In: III CIELLI da UEM. *Anais [...]*. 2014, p. 1848-1859. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B0BzcWVyuWkVVKlBdklwQ1dTWXc/view>. Acesso em: 20 jan. 2017.

RIBEIRO, T. L. O caso da pachola - um estudo geossociolinguístico na Rota do Café. In: I SIMVALE da UENP. *Anais [...]*. Ano 1, n.1, Out. 2016, p. 230-243. Disponível em: <https://sites.google.com/a/uenp.edu.br/simvale/anais>. Acesso em: 25 fev. 2017.

RODRIGUES, R. E. de S. B. *Para um glossário da fala popular rural paranaense*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000. Disponível em: http://ufpa.br/alipa/teses_mestrado/londrina/capaat~1.pdf http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/londrina/partei~1.pdf http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/londrina/parte2~1.pdf. Acesso em: 19 abr. 2015.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, v.13, nº 02, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388/13897>. Acesso em: 28 fev. 2014.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, 2015. 2 v. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000199003>. Acesso em: 14 out. 2016.

ROMANO, V. P; AGUILERA, V. de A. A distribuição diatópica das variantes para tangerina: um estudo geo-sociolinguístico. In: ISQUERDO, A. N.; ALTINO, F. C.; AGUILERA, V.A. (Org.). *Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando*

jovens pesquisadores. Londrina: Ed. da UEL, 2009. p.148-157.

ROTA DO CAFÉ – NORTE DO PARANÁ. Projeto de Turismo Norte Paranaense – SEBRAE/PR. Disponível em: <http://www.rotadocafe.tur.br/index.php>. Acesso em: 17 ago. 2014.

SAPIR, E. *A linguagem*: introdução ao estudo da fala. Tradução de J. Mattoso Câmara Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SILVA, D. da. *A vida íntima das palavras*: origens e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: Arx, 2002.

SILVA, E. C. da. *Dicionário da Gíria Brasileira*. Rio de Janeiro: Block, 1973.

SILVA NETO, S. da. *Língua, cultura e civilização*: estudos da filosofia portuguesa. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

SIQUEIRA, D.; OSORIO, R. O conceito de rural. In: GIARRACA, Norma (Org.): *Una nueva ruralidad en américa latina?* Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100929012130/5osorio.pdf>. Acesso em: 06 set. 2016.

SOFTWARE PARA GERAÇÃO E VISUALIZAÇÃO DE CARTAS LINGUÍSTICAS - [GVCLin]. Versão 1.1. SEABRA, R. D.; ROMANO, V. P.; OLIVEIRA, N., 2014. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso. © 2014-2015.

STECA, L. C.; FLORES, M. D. *História do Paraná*: do século XVI à década de 1950. Londrina: Ed. UEL, 2002.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1999.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos em Rivera. *New Wege der Romanischen Geolinguistic*: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie. (Heidelberg/Mainz 21-24, 10.1991) Kiel: Westensee-Verl, 1998.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.). *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

VIOTTI, M. *Novo Dicionário da Gíria Brasileira*. São Paulo: Bentivegna, 1956.

YIDA, V. Resultados do Estudo sobre o Campo Semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil – ALiB: um estudo lexical nas capitais. In: ALTINO, F. C. (org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística*: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário para verificação do léxico na *Rota do Café*²¹

Narrativa de experiência pessoal (origem familiar, trabalho no meio rural).

I – TERRA**Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc.**

1. Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura? (CÓRREGO / RIACHO) 1 QSL ALiB 3 ALPR



Fonte: reflitasempre.blogspot.com.br

2. ... o tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um rio pequeno? (PINGUELA) 2 QSL ALiB 7 ALPR



Fonte: g1.globo.com

²¹ Convenções: reticências (...), no início da pergunta, significam: “Como se chama?”; sugestões de gestos/attitudes que possam facilitar o entendimento da pergunta pelo informante; entre colchetes, figura(m) outra(s) possibilidade(s) de formulação da pergunta, caso o informante não tenha compreendido a formulação anterior; em letra maiúscula entre parênteses é o item lexical buscado; os números e siglas à frente das lexias, dizem respeito à respectiva questão no *Atlas Linguístico do Brasil-ALiB* e *Atlas Linguístico do Paraná-ALPR*.

3. De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso? Existe alguma historia que o senhor (a) possa me contar sobre isso? (ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO) 31 QSL ALiB 29 ALPR



Fonte: astronomiareal.blogspot.com.br

4. ... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves? (REDEMOINHO DO VENTO) 7 QSL ALiB 41 ALPR



Fonte: g1.globo.com

5. De dia, quando a terra fica escura, dizem que é porque a lua tapou o sol. Isso acontece muito pouco. Como se chama isso? (ECLIPSE DO SOL, DA LUA) 33 ALPR



Fonte: totalsolareclipse2016-annular.rhcloud.com

Flora: árvores, frutos, etc.

6. Quais as variedades de banana que o(a) senhor(a) conhece? 77 ALPR

7. ... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer? (PENCA) 42 QSL ALiB 79 ALPR



Fonte: plantasmedicinalis-mm.blogspot.com.br

8. Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas? (BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS) 43 QSL ALiB 81 ALPR



Fonte: <http://liperama.blogspot.com.br/>

9. ... a ponta roxa no cacho da banana? (PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO) 44 QSL ALiB 80 ALPR



Fonte: olhares.sapo.pt

10. Quais variedades de café o(a) senhor(a) conhece? 289 ALPR
11. O que se plantava entre os pés de café?
12. Quais variedades de arroz o(a) senhor(a) conhece? 277 ALPR
13. Quais espécies de milho o(a) senhor(a) conhece? 282 ALPR
14. Quais variedades de feijão o(a) senhor(a) conhece? 293 ALPR

Plantas medicinais

15. ... aquela sementinha que serve pra gente fazer chá e pra botar em bolo de fubá? (ERVA-DOCE) 88 ALPR



Fonte: florafiora.com.br

16. ... a planta (erva) muito usada como calmante? [chá com sua folha] É usada com outra finalidade? Tem outra que serve para isso? (ERVA-CIDREIRA) 89 ALPR



Fonte: remedio-caseiro.com

17. ... a planta (erva) muito usada em culinária, que melhora o hálito, combate a dores de garganta e seu chá é indicado para criança assustada? (HORTELÃ) 92 ALPR



Fonte: sauedica.com.br

18. ... a planta cheirosa cultivada como ornamental, aromatizante e que espanta “mau olhado”? (ARRUDA) 98 ALPR



Fonte: recriarcomvoce.com.br

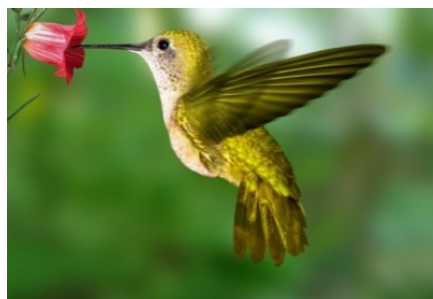
Fauna: aves, pássaros, animais, etc.

19. ... aquela ave preta, que parece uma galinha, que come carniça? Conhece por outro nome? (URUBU) 64 QSL ALiB 104 ALPR



Fonte: focadoemvoce.com

20. ... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar? (COLIBRI / BEIJA FLOR) 65 QSL ALiB 107 ALPR



Fonte: atendanarocha.com

21. Quais espécies de galinha o(a) senhor(a) conhece? 112 ALPR

22. ... o inseto cascudo, preto, que fica voando perto da luz? (BESOURO) 136 ALPR



Fonte: pixabay.com

23. ... o inseto saltador, com pernas e asas longas, que vivem em bandos, altamente prejudicial à agricultura? (GAFANHOTO / LOUVA-A-DEUS) 142 ALPR



Fonte: cdplanetaterra.wordpress.com

24. ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água? (LIBÉLULA) 85 QSL ALiB



Fonte: contosdetodomundo.blogspot.com.br

II – HOMEM

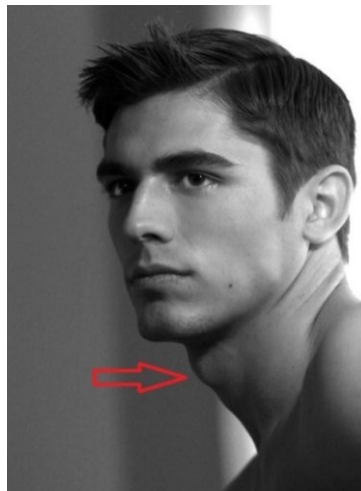
Partes do corpo, funções, doenças, comportamento social, ciclos da vida, etc.

25. ... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta? (DENTES DO SISO / DO JUÍZO) 98 QSL ALiB 171 ALPR



Fonte: drcuozzo.com

26. ... esse caroço no pescoço do homem? Apontar. (POMO DE ADÃO / GOGÓ) 105 QSL ALiB 182 ALPR



Fonte: diariodebiologia.com

27. ... esta parte que cobre o olho? Apontar. (PÁLPEBRAS / CAPELA DOS OLHOS) 89 QSL ALiB 185 ALPR



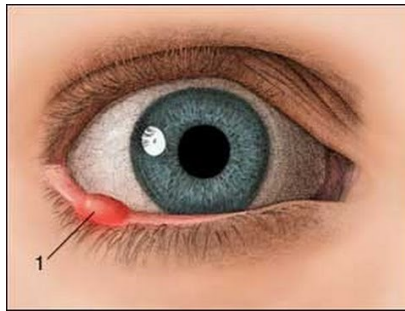
Fonte: drfredericovasconcelos.com.br

28. ... aquela sujeirinha amarela que fica no canto dos olhos? (REMELA) 190 ALPR



Fonte: static.tuasaude.com

29. ... a bolinha vermelha que nasce nas pálpebras e que incha e dói muito? (TERÇOL / VIÚVA) 94 QSL ALiB 191 ALPR



Fonte: i.ytimg.com

30. ... um pequeno tumor na pele, causado por bactérias, que se apresenta sob a forma de um carnicão no centro da área inflamada? Depois de alguns dias aquilo aumenta e dói muito. Tem que apertar para tirar aquilo que tem dentro. (FURÚNCULO) 255 ALPR



Fonte: claudiopaguiar.blogspot.com.br

31. ... uma espécie de calo ou verruga de cor amarelada e com um ponto preto no meio que aparece na planta do pé, na palma da mão ou entre os dedos, que costuma causar dores e incômodos? (OLHO DE PEIXE)



Fonte: doctorfeet.com.br

32. ... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo? (MELECA / TATU) 102 QSL ALiB



Fonte: robolaranja.com.br

33. ... aquela secreção que escorre das narinas? (CATARRO / MUCO NASAL)



Fonte: diariodebiologia.com

34. ... a pessoa que só enxerga com um olho? (CEGO DE UM OLHO) 91 QSL ALiB 195 ALPR



Fonte: pt-br.kickbuttowski.wikia.com

35. Criança pequeninha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino? (MENINO / GURI / PIÁ) 132 QSL ALiB



Fonte: folha.uol.com.br

36. ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? (PESSOA SOVINA) 138 QSL ALiB



Fonte: blogbarretos.com.br

37. Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? (BÊBADO) 144 QSL ALiB



Fonte: teatrocrisiao.net

38. Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício? (DOIDO) 138 QFF ALiB



Fonte: phrasemix.com

Vestuário e calçados

39. ... a peça que os homens usam por baixo das calças? (CUECA) 189 QSL ALiB 265 ALPR



Fonte: metropolitanafm.uol.com.br

40. ... a peça do vestuário feminino que serve para segurar os seios? (SUTIÃ) 188 QSL ALiB 219 ALPR



Fonte: triumph.com

41. ... aquele calçado feito em brim ou lona, com solado de corda ou borracha? Conhece por outro nome? (ALPARGATAS) 276 ALPR



Fonte: pretaebranca.com

42. Se o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a(o) _____? (BRAGUILHA) 142 QFF ALiB



Fonte: glamurama.uol.com.br

Agricultura, instrumentos agrícolas, alimentação, etc.

43. ... o alimento típico da culinária italiana feito à base de água, fubá e sal? (POLENTA)



Fonte: jimbozine.com.br

44. ... o grão de milho que não estourou quando estava preparando a pipoca? (PIRUÁ)



Fonte: blogs.universal.org

45. ... omilho quebrado que se dá a pequenas aves e pássaros? (QUIRERA)



Fonte: nacaodospassaros.com

46. ... a espiga de milho ainda nova, em formação? (BONECA)



Fonte: blogdoronilson.com

47. ... aquilo que a gente faz com milho verde ralado e que é cozido, embrulhado na palha de milho? (PAMONHA) 287 ALPR



Fonte: zebutina.com.br

48. Para que servia a palha do milho? Tinha outra função?

49. ... uma papa cremosa feita com milho verde ralado, sem o leite e cozida com açúcar? Qual o nome do doce que sai daí? (CURAU) 180 QSL ALiB 288 ALPR



Fonte: panelinhaboa.com.br

50. ... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela com amendoim? Como se prepara? (MUNGUNZÁ / CANJICA) 181 QSL ALiB



Fonte: receitasdevovo.com.br

51. ... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar? (AGUARDENTE) 182 QSL ALiB



Fonte: qnint.s bq.org.br

52. ... o líquido extraído da cana-de-açúcar quando a gente mói? (CALDO DE CANA / GARAPA) 84 ALPR



Fonte: fyeahbrasil.tumblr.com

53. ... a comida que tem como ingrediente principal o frango, junto com arroz e cheiro verde? Diz-se que no final dos anos 70 e início dos 80 era feita com frango roubado. (PACHOLA)



Fonte: projac.com.br

54. ... o lugar que serve de depósito para produtos agrícolas? (PAIOL)



Fonte: olhares.sapo.pt

55. ... o lugar onde se põe o café para secar? Com o que mexiam o café? (TERREIRO / RASTELO)



Fonte: pocosdecaldas.mg.gov.br

Brinquedos e jogos infantis

56. ... o brinquedo feito de uma forquilha, duas tiras de borracha e um pedacinho de couro (mímica), que as crianças usam para matar passarinho? (ESTILINGUE / SETRA / BODOQUE) 157 QSL ALiB 306 ALPR



Fonte: poetajessecosta.blogspot.com.br

57. ... brinquedo que consiste numa bola com um furo, ligada por um cordão a um bastonete côncavo numa das extremidades e pontudo na outra, onde ela deve respectivamente ser aparada ou se encaixar, depois de atirada para o ar? (BILBOQUÊ)



Fonte: elo7.com.br

58. ... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha? (PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA) 158 QSL ALiB 309 ALPR



Fonte: novaziodaonda.wordpress.com

59. ... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? Mímica. (CAMBALHOTA) 155 QSL ALiB 310 ALPR



Fonte: criacaoadois.wordpress.com

60. ... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? (CABRA-CEGA) 161 QSL ALiB 311 ALPR



Fonte: jogostradicionais.net

61. ... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? (ESCONDE-ESCONDE) 160 QSL ALiB 312 ALPR



Fonte: obrasileirinho.com.br

62. ... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só? (AMARELINHA) 167 QSL ALiB 313 ALPR



Fonte: curtamais.com.br

Crenças, lendas e superstições

63. De quais lendas ou entes sobrenaturais o(a) senhor(a) já ouviu falar?

Vida urbana

64. Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? (SINALEIRO / SEMÁFORO / SINAL) 194 QSL ALiB



Fonte: pardalvirgem.blogspot.com.br

65. ... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade? (LOMBADA / QUEBRA-MOLAS) 195 QSL ALiB



Fonte: genilson santos.wordpress.com

66. ... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade? (LOTE / TERRENO / DATA) 199 QSL ALiB



Fonte: nexasar.com.br

Utilidades domésticas e outros

67. Para acender um cigarro, se usa fósforo ou ____? (ISQUEIRO / BINGA) 173
QSL ALiB



Fonte: kino.com.br

68. ... o pequeno recipiente de barro usado para armazenar água? (MORINGA)



Fonte: tokstok.com.br

69. ... uma pequena lâmpada que fornece luz de pouca intensidade, composta de um reservatório para líquido combustível (azeite, querosene etc.) no qual se mergulha um pavio que traspassa uma pequena rodela de madeira e se acende na outra extremidade? (LAMPARINA)



Fonte: mensagemsegifsdteka.com.br

70. ... o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada? (INTERRUPTOR DE LUZ) 175 QSL ALiB



Fonte: blog.iguanafix.com.br

71. ... o resto do cigarro que se joga fora? (TOCO DE CIGARRO) 146 QSL ALiB



Fonte: cemaurer87.blogspot.com.br

72. Quando está escuro é porque faltou o quê? (LUZ) 9 QFF ALiB



Fonte: irmasdoregional.blogspot.com.br

73. Na escola, em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são umas das outras? (COMPANHEIRO) 100 QFF ALiB



Fonte: blogmaisacao.wordpress.com

74. Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____? (QUESTÃO) 102 QFF ALiB

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS RETIRADAS DA INTERNET

AGUARDENTE. Disponível em: <http://qnint.s bq.org.br/novo/index.php?hash=tema.23>. Acesso em 27 mar. 2016.

ALPARGATAS. Disponível em: <http://pretaebranca.com/?reqp=1&reqr=nzcdYaEvLaE5pv5jLabho2H=>. Acesso em: 27 mar. 2016.

AMARELINHA. Disponível em: <https://www.curtamais.com.br/goiania/especiais/conteudo/10-brincadeiras-antigas-que-as-criancas-de-hoje-precisam-aprender/2015-11-21>. Acesso em: 27 mar. 2016.

ARRUDA. Disponível em: http://www.recriarcomvoce.com.br/blog_recriar/inseticida-caseiro-de-arruda/. Acesso em: 24 mar. 2016.

BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS. Disponível em: <http://liperama.blogspot.com.br/2006/05/gmeas.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

BÊBADO. Disponível em: http://teatrocristao.net/texto/o_bebado. Acesso em: 27 mar. 2016.

BESOURO. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/besouros-tropicais-marrom-vermelho-190162/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

BILBOQUÊ. Disponível em: <http://www.elo7.com.br/bilboque/dp/54EF70?selectedWebCode=D44DB8>. Acesso em: 27 mar. 2016.

BONECA. Disponível em: <http://www.blogdoronilson.com/2012/07/imagem-do-dia-boneca-de-milho.html>. Acesso em 27 mar. 2016.

BRAGUILHA. Disponível em: <http://glamurama.uol.com.br/fly-away-11425/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

CABRA-CEGA. Disponível em: <http://jogostradicionais.net/cabra-cega/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

CALDO DE CANA / GARAPA. Disponível em: <http://fyeahbrasil.tumblr.com/post/24814843504/nordestebrasileiro-garapacaldo-de-cana>. Acesso em 27 mar. 2016.

CAMBALHOTA. Disponível em: <https://criacaoadois.wordpress.com/2011/10/17/crianca-a-alma-do-negocio/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

CATARRO / MUCO NASAL. Disponível em: <http://diariodebiologia.com/2009/06/o-que-e-o-catarro-e-como-ele-se-forma/>. Acesso em: 26 mar. 2016.

CEGO DE UM OLHO. Disponível em: http://pt-br.kickbuttowski.wikia.com/wiki/Jackson_Caolho. Acesso em: 26 mar. 2016.

COLIBRI / BEIJA FLOR. Disponível em: <http://www.atendanarocha.com/2013/02/a-parabola-do-beija-flor.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

COMPANHEIRO. Disponível em: <https://blogmaisacao.wordpress.com/2012/07/18/dia-do-amigo-companheiro-de-todas-as-horas/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

CÓRREGO / RIACHO. Disponível em: <http://reflitasempre.blogspot.com.br/2012/03/o-riacho.html>. Acesso em: 23 mar. 2016

CUECA. Disponível em: <http://metropolitanafm.uol.com.br/novidades/life-style/dia-dos-pais-confira-o-que-dar-e-o-que-nao-dar-para-o-seu-pai/attachment/cueca-slip2/>. Acesso em: 26 mar. 2016.

CURAU. Disponível em: <http://panelinhaboa.com.br/receita-de-curau-de-milho-verde-tradicional/>. Acesso em 27 mar. 2016.

DENTES DO SISO / DO JUÍZO. Disponível em: <http://www.drcuozzo.com/dentes-inclusos/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

DOIDO. Disponível em: <http://www.phrasemix.com/answers/what-does-it-mean-for-something-to-be-crazy>. Acesso em: 27 mar. 2016.

ECLIPSE DO SOL, DA LUA. Disponível em: <https://totalsolareclipse2016-annular.rhcloud.com/tags/eclipse-solar-em-2017>. Acesso em: 24 mar. 2016

ERVA-CIDREIRA. Disponível em: <http://www.remedio-caseiro.com/as-propriedades-da-erva-cidreira/>. Acesso em: 10 mai. 2016.

ERVA-DOCE. Disponível em: <https://www.florafiora.com.br/p/extrato-glicolico-de-erva-doce/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

ESCONDE-ESCONDE. Disponível em: <http://www.obrasileirinho.com.br/brincar-criancas/brincadeira-esconde-esconde/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

ESTILINGUE / SETRA / BODOQUE. Disponível em: <http://poetajessecosta.blogspot.com.br/2010/09/o-estilingue.html>. Acesso em: 27 mar. 2016.

ESTRELA CADENTE / METEORO / ZELAÇÃO. Disponível em: <http://astronomia.real.blogspot.com.br/2015/01/estrela-cadente.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

FURÚNCULO. Disponível em: <http://claudiopaguiar.blogspot.com.br/2015/04/o-que-e-furunculo.html?spref=pi>. Acesso em: 25 mar. 2016.

GAFANHOTO / LOUVA-A-DEUS. Disponível em: <https://cdplanetaterra.wordpress.com/2010/05/21/gafanhoto-inspira-microrrobos-voadores/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

HORTELÃ. Disponível em: <http://www.saudedica.com.br/hortela/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

INTERRUPTOR DE LUZ. Disponível em: <http://blog.iguanafix.com.br/como-consertar-um-interruptor>. Acesso em: 27 mar. 2016.

ISQUEIRO / BINGA. Disponível em: <http://www.kino.com.br/galerias2/quimica/page3.htm>. Acesso em: 27 mar. 2016.

LAMPARINA. Disponível em: <http://www.mensagensegifsdateka.com.br/2015/04/lamparinas.html>. Acesso em: 27 mar. 2016.

LIBÉLULA. Disponível em: http://contosdetodomundo.blogspot.com.br/2004/12/liblula_01.html. Acesso em: 24 mar. 2016.

LOMBADA / QUEBRA-MOLAS. Disponível em: <https://genilson santos.wordpress.com/2013/08/28/apos-acidente-fatal-prefeitura-faz-reparos-em-quebra-molas/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

LOTE / TERRENO / DATA. Disponível em: <http://www.nexxar.com.br/blog/dicas-para-se-comprar-um-terreno-ou-lote/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

LUZ. Disponível em: http://irmasdo regional.blogspot.com.br/2014_01_01_archive.html. Acesso em: 27 mar. 2016.

MELECA / TATU. Disponível em: <http://www.robolaranja.com.br/o-que-meleca-seu-nariz-tem-dizer-sobre-sua-saude/>. Acesso em: 26 mar. 2016

MENINO / GURI / PIÁ. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2013/11/1367664-cao-farejador-indica-que-joaquim-e-padrasto-caminharam-juntos-ate-corrego.shtml>. Acesso em: 26 mar. 2016.

MORINGA. Disponível em: <http://www.tokstok.com.br/vitrine/default.jsf?idPagina=1378>. Acesso em: 27 mar. 2016.

MUNGUNZÁ / CANJICA. Disponível em: <http://www.receitadevovo.com.br/receitas/canjica-com-amendoim-mineira>. Acesso em 27 mar. 2016.

OLHO DE PEIXE. Disponível em: <http://doctorfeet.com.br/tratamento-pes/tratamento-olho-peixe.php>. Acesso em: 25 mar. 2016.

PACHOLA. Disponível em: <http://projac.com.br/noticias/meire-luta-para-pachola-ser-reconhecida-como-prato-tipico-jacarezinhense.html>. Acesso em 27 mar. 2016.

PAIOL. Disponível em: http://olhares.sapo.pt/cena_rural_paiol_de_milho_foto_5005359.html. Acesso em: 27 mar. 2016.

PÁLPEBRAS / CAPELA DOS OLHOS. Disponível em: <http://drfredericovasconcelos.com.br/blog/cirurgia-das-palpebras-deixa-cicatriz/>. Acesso em: 25 mar. 2016.

PAMONHA. Disponível em: <http://zebutina.com.br/receita-de-pamonha-tradicional/>. Acesso em 27 mar. 2016.

PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA. Disponível em: <https://novaziodaonda.wordpress.com/2014/10/30/papagaios-de-papel/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO. Disponível em: <http://olhares.sapo.pt/umbigo-da-banana-foto4980903.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

PENCA. Disponível em: <http://plantasmedicinais-mm.blogspot.com.br/2014/07/beneficios-da-banana.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

PESSOA SOVINA. Disponível em: <http://www.blogbarretos.com.br/noticias//islamismo-a-avareza>. Acesso em: 27 mar. 2016.

PINGUELA. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2015/03/criancas-e-adultos-se-arriscam-em-pinguela-em-bairro-de-maria-da-fe-mg.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

PIRUÁ. Disponível em: <http://blogs.universal.org/bispomacedo/2013/03/27/pipoca-ou-pirua/>. Acesso em: 27 mar. 2016.

POLENTA. Disponível em: <http://jimbozine.com.br/cafe-com-drops/cozinhar-e-saber/farinha-de-milho-agua-sal-polenta/111>. Acesso em: 27 mar. 2016.

POMO DE ADÃO / GOGÓ. Disponível em: <http://diariodebiologia.com/2009/12/para-que-serve-o-pomo-de-adao-por-que-so-o-homem-tem/>. Acesso em: 25 mar. 2016.

QUIRERA. Disponível em: <http://www.nacaodospassaros.com/t3941-receita-farinhada>. Acesso em: 27 mar. 2013.

REDEMOINHO DO VENTO. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetinga-regiao/noticia/2013/01/internauta-registra-redemoinho-de-poeira-em-itapeva-sp.html>. Acesso em: 24 mar. 2016.

REMELA. Disponível em: <http://static.tuasaude.com/img/posts/2013/01/a0cdc15bff51893c58df56eb3857240f.jpeg>. Acesso em: 25 mar. 2016.

SINALEIRO / SEMÁFORO / SINAL. Disponível em: <http://pardalvirgem.blogspot.com.br/2009/01/histria-do-semforo.html>. Acesso em: 27 mar. 2016.

SUTIÃ. Disponível em: <http://www.triumph.com/br/pt/380.html#.Vvc6LfkrLIU>. Acesso em: 26 mar. 2016.

TERÇOL / VIÚVA. Disponível em: https://i.ytimg.com/vi/wtgDUHnfFQ8/hqde_fault.jpg. Acesso em: 25 mar. 2016.

TERREIRO. Disponível em: <http://www.pocosdecaldas.mg.gov.br/site/?p=14779>. Acesso em: 27 mar. 2016.

TOCO DE CIGARRO. Disponível em: <http://cemaurer87.blogspot.com.br/2014/11/projetos-rede-papel-bituca-o-que-e-rede.html>. Acesso em: 27 mar. 2016.

URUBU. Disponível em: <http://www.focadoemvoce.com/noticias/urubu-preto-o-carniceiro-da-caatinga/>. Acesso em: 24 mar. 2016.

APÊNDICE B
Ficha do informante²²

Projeto Variação Lexical na Rota do Café	
Ficha do Informante	
No. do ponto:	No. informante:
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE	
1. NOME:	
2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. M B. F
5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:	
7. ESTADO CIVIL: A. solteiro B. casado C. viúvo D. outro	
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NAO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10. DOMICILIOS E TEMPO DE PERMANENCIA FORA DA LOCALIDADE:	
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. especialização B. profissionalizante C. outros
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. sim B. não
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	
16. PROFISSÃO/OCUPAÇÃO:	
RENDA	
17. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar	
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	
18. ASSISTE TV? A. todos os dias B. às vezes C. nunca	19. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. novelas D. noticiários G. outro B. esportes E. pr. religioso C. pr. auditório F. filmes
20. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. rede gratuita B. parabólica C. tv por assinatura	21. OUVI RADIO? A. todos os dias D. parte do dia G. enquanto trabalha B. às vezes E. o dia inteiro C. nunca F. enquanto viaja
22. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. noticiário geral D. noticiário policial G. outro B. esportes E. música C. pr. religioso F. pr. c/ participação do ouvinte	23. LE JORNAL? A. todos os dias D. semanalmente B. às vezes E. raramente C. nunca

²² Ficha adaptada da ficha do informante do Projeto ALiB.

24. NOME DO JORNAL: A. local B. estadual C. nacional	25. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. editorial D. pr. cultural G. classificados B. esportes E. política H. outra C. variedades F. página policial
26. LÊ REVISTA? A. às vezes B. semanalmente C. mensalmente D. raramente E. nunca	
27. NOME/TIPO DE REVISTA:	

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	AS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
28. CINEMA	A.	B.	C.	D.
29. TEATRO	A.	B.	C.	D.
30. SHOWS	A.	B.	C.	D.
31. MAN. FOLCLÓRICAS	A.	B.	C.	D.
32. FUTEBOL	A.	B.	C.	D.
33. OUTROS ESPORTES	A.	B.	C.	D.
34. OUTROS	A.	B.	C.	D.
35. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

36. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico	
37. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. total B. grande C. média D. fraca	
38. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente	
39. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. sim B. não	
40. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):	
41. AMBIENTE DO INQUÉRITO:	
42. OBSERVAÇÕES:	
43. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:	44. DATA DA ENTREVISTA:
	45. DURAÇÃO:

APÊNDICE C

Ficha dos dados sobre a localidade²³

Projeto Variação Lexical na Rota do Café Dados sobre a localidade No. do ponto: Nome:	
1. NOME OFICIAL:	
2. NOME REGIONAL:	
3. NOMES ANTERIORES:	
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:	
a) Pelos próprios:	
b) Pelos habitantes de outras localidades:	
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL:	
a) Pelos próprios habitantes:	
b) Pelos habitantes de outras localidades:	
6. NÚMERO DE HABITANTES:	
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:	
8. INDUSTRIAS CASEIRAS:	
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):	
10. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)	
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):	

²³ Ficha adaptada da ficha “Dados sobre a localidade” do Projeto ALiB.

12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:
13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERISTICAS DEMOGRAFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTORICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):
16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

APÊNDICE D

Glossário da variação lexical na *Rota do Café*

I – TERRA

1. NATUREZA, FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS, ASTROS, TEMPO, ETC.

CÓRREGO – rio pequeno, de uns dois metros de largura.

ECLIPSE – quando a terra fica escura, de dia, dizem que é porque a lua tapou o sol.

ESTRELA CADENTE – quando uma estrela se desloca no céu e faz um risco de luz.

NAGAREBOSHI – ver estrela cadente.

PÉ-DE-VENTO – ver redemoinho.

PINGUELA – tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um rio pequeno.

PRANCHA – ver pinguela.

REDEMOINHO – vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves.

RIACHO – ver córrego.

RIBEIRÃO – ver córrego.

2. FLORA: ÁRVORES, FRUTOS, ETC.

ARROZ (VARIEDADES) – arroz agulhinha, arroz amarelão, arroz bico-preto, arroz branco, arroz cateto, arroz cica-9, arroz enche-tulha, arroz negro, arroz parboilizado, arroz pratão, arroz roxo, arroz vermelho.

BANANA (VARIEDADES) – banana-cinza, banana-da-terra, banana-d'água, banana-de-fritar, banana-de-são-tomé, banana-maçã, bananica, banana-ouro, banana-pão, banana-prata.

BICO – ver coração.

CAFÉ (VARIEDADES) – café bourbon, café catuaí, café caturra, café conilon, café icatú, café moca, café mundo novo, café ouro verde, café sumatra.

CORAÇÃO – nome dado à ponta roxa no cacho da banana.

CULTURA INTERCALAR NA LAVOURA DE CAFÉ – abóbora, abobrinha, algodão, almeirão, amendoim, arroz, batata, batata doce, cebola, feijão, girassol, mamona, mandioca, melancia, milho, pimenta, quiabo, serralha.

FEIJÃO (VARIEDADES) – feijão amarelo, feijão bico-de-ouro, feijão bolinha, feijão branco, feijão cara-suja, feijão carioca-pérola, feijão carioquinha, feijão carnaval, feijão catador, feijão chumbinho, feijão fava, feijão guandu, feijão jalo, feijão listrado, feijão lustroso, feijão mãezinha, feijão mulatinho, feijão oito-zi-nove, feijão paquinho-mineiro, feijão preto, feijão rajadinho, feijão rosinha, feijão roxinho, feijão-de-corda.

FELIPE – ver inconha.

GÊMEAS – ver inconha.

INCONHA – nome dado às bananas que nascem grudadas.

MILHO (VARIEDADES) – milho amarelo, milho anão, milho asteca, milho branco, milho caipira, milho catetinho, milho palha-roxa, milho pipoca, milho safrinha.

PALMA – ver penca.

PENCA – cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer.

UMBIGO – ver coração.

3. PLANTAS MEDICINAIS

ARRUDA – planta cheirosa cultivada como ornamental, aromatizante e que espanta “mau olhado”.

ERVA CIDREIRA – planta (erva) muito usada como calmante.

ERVA-DOCE – aquela sementinha que serve pra gente fazer chá e pra botar em bolo de fubá.

FUNCHO – ver erva-doce.

HORTELÃ – planta (erva) muito usada em culinária, que melhora o hálito, combate a dores de garganta e seu chá é indicado para criança assustada.

MELISSA – ver erva cidreira.

MENTA – ver hortelã.

4. FAUNA: AVES, PÁSSAROS, ANIMAIS, ETC.

AVE DE MAU AGOURO – ver urubu.

BATE-BUNDA – ver libélula.

BEIJA-FLOR – passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar.

BESOURINHO D'ÁGUA – ver libélula.

BESOURO – inseto cascudo, preto, que fica voando perto da luz.

BIZUNGA – ver beija-flor.

CAVALINHO DE DEUS – ver gafanhoto.

CORVO – ver urubu.

CUITELO – ver beija-flor.

ESPERANÇA – ver gafanhoto.

GAFANHOTO – inseto saltador, com pernas e asas longas, que vivem em bandos, altamente prejudicial à agricultura.

GALINHA (ESPÉCIES) – galinha branca, galinha caipira, galinha carijó, galinha chinesa, galinha de granja, galinha d'angola, galinha garnizé, galinha índia, galinha pescoço pelado, galinha peva, galinha preta, galinha rhodia, galinha sem rabo, galinha sura.

HELICÓPTERO – ver libélula.

LAVA-BUNDA – ver libélula.

LIBÉLULA – inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água.

LOUVA DEUS – ver gafanhoto.

MARIA-COMPRIDA – ver libélula.

MARIA-FINA – ver libélula.

PITO – ver libélula.

ROLA-BOSTA – ver besouro.

URUBU – ave preta, que parece uma galinha, que come carniça.

VIRA-BOSTA – ver besouro.

II – HOMEM

5. PARTES DO CORPO, FUNÇÕES, DOENÇAS, COMPORTAMENTO SOCIAL, CICLOS DA VIDA, ETC.

ALCOÓLATRA – ver bêbado.

AVARENTO – ver sovina.

BÊBADO – aquele que bebeu demais.

BEBERRÃO – ver bêbado.

BEBUM – ver bêbado.

CABEÇA DE PREGO – ver furúnculo.

CACA – ver meleca.

CACHACEIRO – ver bêbado.

CAOLHO – ver cego de um olho.

CAPELA DO OLHO – ver pálpebra.

CATARRO – ver ranho.

CATOTA – ver meleca.

CEGO DE UM OLHO – pessoa que só enxerga com um olho.

CHUMBADO – ver bêbado.

DENTE DO JUÍZO – últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta.

DENTE DO SISO – ver dente do juízo.

DESEQUILIBRADA – ver doida.

DOIDA – pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva e até precisa ser internada no hospício.

DOR D'OLHO – bolinha vermelha que nasce nas pálpebras e que incha e dói muito.

ECONÔMICO – ver sovina.

EMBRIAGADO – ver bêbado.

ESPINHA – ver furúnculo.

FURÚNCULO – pequeno tumor na pele, causado por bactérias, que se apresenta sob a forma de um carnicão no centro da área inflamada.

GAROTO – ver menino.

GOGÓ – caroço no pescoço do homem.

GURI – ver menino.

LOUCA – ver doida.

MALUCA – ver doida.

MAMADO – ver bêbado.

MÃO-DE-VACA – ver sovina.

MÃO-DURA – ver sovina.

MÃO-FECHADA – ver sovina.

MELECA – sujeirinha dura que se tira do nariz.

MENINO – criança de 5 a 10 anos do sexo masculino.

MESQUINHO – ver sovina.

MIJACÃO – ver olho de peixe.

MISERÁVEL – ver sovina.

MOLEQUE – ver menino.

MORRINHA – ver sovina.

MUNHECA – ver sovina.

MUQUIRANA – ver sovina.

MUXIBA – ver sovina.

OLHO DE PEIXE – espécie de calo ou verruga de cor amarelada e com um ponto preto no meio que aparece na planta do pé, na palma da mão ou entre os dedos, que costuma causar dores e incômodos.

PÁLPEBRA – parte que cobre o olho.

PÃO-DURO – ver sovina.

PAU D'ÁGUA – ver bêbado.

PIÁ – ver menino.

PINGAIADA – ver bêbado.

PINGUÇO – ver bêbado.

PIRADA – ver doida.

PIVETE – ver menino.

POLMÃO – ver furúnculo.

POMO DE ADÃO – ver gogó.

RANHO – secreção que escorre das narinas.

REMELA - sujeirinha amarela que fica no canto dos olhos.

RIDICO – ver sovina.

SEGURO – ver sovina.

SOVINA – pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar.

SURTADA – ver doida.

TATU – ver meleca.

TERÇOL – ver dor d’olho.

UNHA-DE-FOME – ver sovina.

VIUVINHA – ver dor d’olho.

ZAROLHO – ver cego de um olho.

6. VESTUÁRIO E CALÇADOS

ABERTURA – ver braguilha.

ALPARGATAS – calçado feito em brim ou lona, com solado de corda ou borracha.

BOTÃO – ver braguilha.

BOTEGA – ver braguilha.

BRAGUILHA – parte frontal de calças.

BUSTIÊ – ver sutiã.

CALÇÃO – ver cueca.

CEROULA – ver cueca.

COME-CALADO – ver alpargatas.

COME-QUIETO – ver alpargatas.

CUECA – peça que os homens usam por baixo das calças.

FRENTE – ver braguilha.

GAIOLA – ver braguilha.

SUNGA – ver cueca.

SUTIÃ – peça do vestuário feminino que serve para segurar os seios.

VISTA – ver braguilha.

ZÍPER – ver braguilha.

ZORBA – ver cueca.

7. AGRICULTURA, INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS, ALIMENTAÇÃO, ETC.

AGUARDENTE – bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.

ANGU – ver polenta.

BARRACÃO – ver paiol.

BONECA – espiga de milho ainda nova, em formação.

CACHAÇA – ver aguardente.

CALDO DE CANA – ver garapa.

CANJIBRINA – ver aguardente.

CANJICA – alimento feito com grãos de milho branco, coco, canela e amendoim.

CANJQUINHA – ver quirera.

CANSA-QUEIXO – ver piruá.

CURAU – papa cremosa feita com milho verde ralado, sem o leite e cozida com açúcar.

FRANGADA – ver pachola.

GALINHADA – ver pachola.

GALPÃO – ver paiol.

GARAPA – líquido extraído da cana-de-açúcar moída .

MARINHEIRO – ver piruá.

MINGAU – ver curau.

MUNGUNZÁ – ver canjica.

PACHOLA – comida que tem como ingrediente principal o frango, junto com arroz e cheiro verde. No final dos anos 70 e início dos 80 era feita com frango roubado.

PAIOL – lugar que serve de depósito para produtos agrícolas.

PALHA DO MILHO (USO) – acender fogo, alimento para gado, artesanato, assento e encosto para cadeira, cigarro, ninho de galinha, peteca, recheio de colchão, recheio de travesseiro.

PAMONHA – milho verde ralado, cozido e embrulhado na palha de milho.

PINGA – ver aguardente.

PIRUÁ – grão de milho que não estourou quando estava preparando a pipoca.

POLENTA – alimento típico da culinária italiana feito à base de água, fubá e sal.

PURURUCA – ver piruá.

QUIRERA – milho quebrado que se dá a pequenas aves e pássaros.

RASTELO – instrumento usado para espalhar café para secar.

RODO – ver rastelo.

SCHNAPS – ver aguardente.

TERREIRÃO – lugar onde se põe o café para secar.

TERREIRO – ver terreirão.

TULHA – ver paiol.

8. BRINQUEDOS E JOGOS INFANTIS

ACADEMIA – ver amarelinha.

AMARELINHA – a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só.

ATIRADEIRA – ver estilingue.

BILBOQUÊ – brinquedo que consiste numa bola com um furo, ligada por um cordão a um bastonete côncavo numa das extremidades e pontudo na outra, onde ela deve respectivamente ser aparada ou se encaixar, depois de atirada para o ar.

BODOQUE – ver estilingue.

BUNDA CANASTRA – ver cambalhota.

CABRA-CEGA – brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras.

CAMBALHOTA – brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado.

CAMBOTA – ver cambalhota.

ESCONDE-ESCONDE – brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras.

ESTILINGUE – brinquedo feito de uma forquilha, duas tiras de borracha e um pedacinho de couro (mímica), que as crianças usam para matar passarinho.

PANDORGA – ver pipa.

PAPAGAIO – ver pipa.

PIPA – brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha.

PIQUE-ESCONDE – ver esconde-esconde.

PIROLETA – ver cambalhota.

PIRUETA – ver cambalhota.

SETA – ver estilingue.

9. CRENÇAS, LENDAS E SUPERSTIÇÕES

LENDAS OU ENTES SOBRENATURAIS – mula sem cabeça, lobisomem, saci pererê, homem do saco, mãe do ouro, fantasma, alma penada.

10. VIDA URBANA

DATA – ver terreno.

FAROL – ver semáforo.

GUARDA-DEITADO – ver lombada.

LOMBADA – aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade.

LOTE – ver terreno.

QUEBRA-MOLAS – ver lombada.

SEMÁFORO – aparelho de sinalização instalado para orientar o tráfego em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela.

SINAL – ver semáforo.

SINALEIRO – ver semáforo.

TARTARUGA – ver lombada.

TERRENO – área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade.

11. UTILIDADES DOMÉSTICAS E OUTROS

AMIGO – ver companheiro.

BINGA – ver isqueiro.

BITUCA – resto do cigarro que se joga fora.

CANDEEIRO – ver lamparina.

CAUSA – ver questão.

COLEGA – ver companheiro.

COMPANHEIRO – pessoa que convive com outra na escola, em um time de futebol, no trabalho, etc.

DESAVENÇA – ver questão.

ENERGIA – ver luz.

INTERRUPTOR – objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada.

ISQUEIRO – dispositivo que produz chama, usado para acender cigarros.

JARRO – ver moringa.

LAMPARINA – pequena lâmpada que fornece luz de pouca intensidade, composta de um reservatório para líquido combustível (azeite, querosene etc.) no qual se mergulha um pavio que traspassa uma pequena rodela de madeira e se acende na outra extremidade.

LAMPIÃO – ver lamparina.

LUZ – propriedade de um sistema que lhe permite realizar trabalho.

MORINGA – pequeno recipiente de barro usado para armazenar água.

PARCEIRO – ver companheiro.

POTE – ver moringa.

QUESTÃO – problema ou conflito a ser resolvido.

SITUAÇÃO – ver questão.

TALHA – ver moringa.

TOMADA – ver interruptor.

ANEXOS

ANEXO A
Fotos do *Album do Paraná*²⁴



Fonte: Album do Paraná




Fonte: Album do Paraná

²⁴ Na entrevista realizada com Terezinha Maria Chiarotti da Silva (informante mulher da segunda faixa etária de Ribeirão Claro), tivemos acesso a um livro histórico intitulado *Album do Paraná*, com informações sobre as fazendas de café e seus proprietários em algumas cidades do Estado. Entretanto, segundo a detentora da obra, esse álbum foi produzido em pequeno número e por estar na família há muitas décadas encontra-se em péssimas condições. Motivo que nos impede o conhecimento do nome do autor, se foi confeccionado em editora e em que ano foi publicado.

"Fazenda Palmeira"

capacidade medica
ão reclamava. S.S.
usta Marques de
a, resultando des-
as: Zely, Celia e

DISTANTE 3 kilo-
metros, somente,
da cidade de Ri-
o Claro e situada em
aprazível a « Fazenda
Palmeira » está competen-
mente aparelhada para
um dos estabelecimentos
de maior credito,
além de se achar pro-
de boas estradas, dispõe
todo o material neces-
ao complexo serviço
lavoura, material que
manipulado por uma tur-
da operarios habéis e
prichosos. Nos seus 25
queiros de terra, levan-
-se 18.000 robustos pés
café cujas safras têm
simplesmente marávi-
sas. E' seu proprietario
sr. Aristides De Marchi,
natural de Mantova, Italia,
De Marchi e de D. Virginia



O SR. ARISTIDES DE MARCHI E SUA EXMA. FAMILIA

1878 e casado com D. Emilia Roncola De Marchi
tendo os seguintes filhos: Orlando, Orielde, Delmonte,
Lydia, Paride, Ober-
tano, Onelia e Ar-
mando.
E' o sr. Aristides
um cavalheiro assaz
philantropico,

Fonte: Album do Paraná

ALBUM DO PARANÁ

80 metros acima do mar, gosando por isso do
melhor clima de toda a região. A sua topographia
das mais encantadoras que o espirito humano
pode conhecer, pois, daquellas alterosas serranias,

A fazenda acha-se distante da cidade 14 kilome-
tros e com ella se communica por uma admiravel es-
trada de automoveis construida e conservada pelos
proprietarios que não se intimidam ante obstaculos



UMA DAS COLONIAS DE "BELLA AURORA"

Fonte: Album do Paraná



OS IRMÃOS BAGGIO: DOMINGOS, AMÉRICO, MARCOS E BELINO. A PAR DE UM FRONDOSO CAFFEEIRO QUE MEDE 35 PÉS DE ALTO POR 58 CMS. DE DIAMETRO

A firma é composta dos irmãos Marcos, Belino, Domingos e Americo, filhos do sr. Angelo Baggio, um ancião respeitavel, nascido na sempre gloriosa Italia e que apesar dos seus 76 annos de idade, é bem vigoroso ainda, conforme se deprehende do retrato que em nossas paginas reproduzimos com muito acatamento e admiração. O sr. Angelo, pelo escrupulo e elevada visão paterna com que constituiu e educou a sua numerosa próle; pelos exemplos de probidade e amor, impressos em todas as modalidades de trabalho e, principalmente, pela estima que consagra á patria adoptiva, que tudo lhe tem proporcionado — lar bendito de seus filhos, berço carinhoso de seus netos — desfructa, hoje, na decrepitude de uma existencia util, uma felicidade, das bem raras.

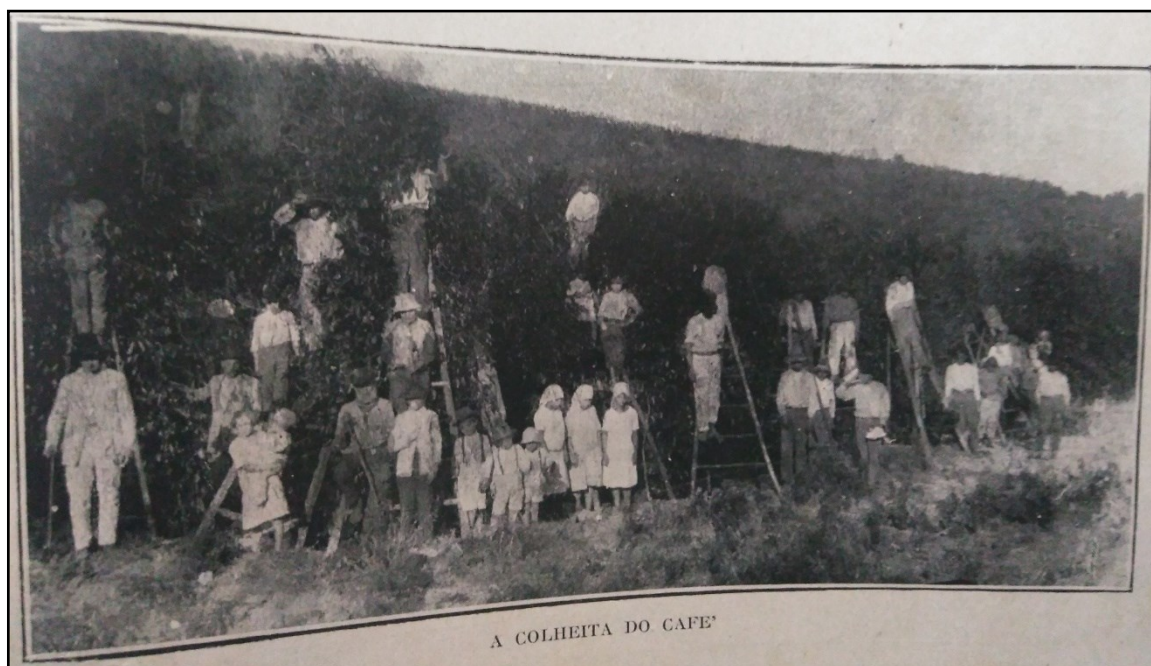
Dos quatro irmãos acima referidos os srs. Marcos, Belino e Domingos são naturaes de Vicenza, Italia, contando respectivamente 49, 40 e 36 annos de idade; o ultimo delles, o sr. Americo é porem, brasileiro nato, tendo nascido em Ribeirão Preto, Estado de S. Paulo, contando agora 30 annos de idade.

O sr. Marcos Baggio é casado com D. Luzia Ravanholo Baggio, tendo já os seguintes filhos: Angelina, João, José, Antonio, Theodolinda, Albertino, Eggeo, Oliva e Hermide.

O sr. Belino Baggio é casado com D. Eliza Risse Baggio, tendo os filhos seguintes: Angelo, Duzulina, Mercedes, Sulidéa, Helena, Mercedo, Sybigaldo, Mafalda e Iolanda.

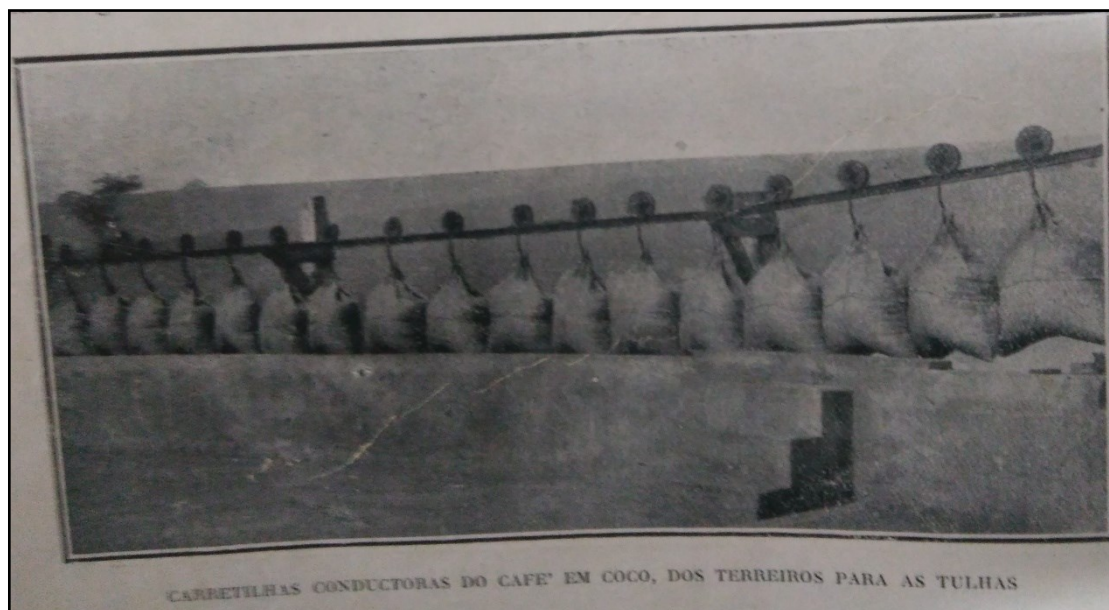
O sr. Domingos Baggio é casado com D. Palmyra Calegari, de cujo matrimonio tem os descendentes seguintes: Danilo, Odila, Waldemar e Nerino.

O sr. Americo Baggio é casado com D. Eliza Bassani, tendo já os seguintes filhinhos: Hercidio, Iracema, Hollem e Osman.



A COLHEITA DO CAFE'

Fonte: Album do Paraná



CARNETILHAS CONDUCTORAS DO CAFÉ EM COCO, DOS TERREIROS PARA AS TULHAS

Fonte: Album do Paraná

Francisco de Oliveira Carvalho



O Sr. Francisco de Oliveira Carvalho é natural da Província do Douro, Portugal, filho do Sr. José de Oliveira Carvalho e de D. Thereza de Jesus, tendo nascido em 1892.

É casado com a Exma. Sra. D. Maria Alves de Carvalho de cujo consorcio tem já os seguintes filhinhos: Noemia, Eulalia, Thereza, Alvaro e Arthur.

Ha 14 annos reside em Ribeirão Claro, concorrendo com o seu quinhão de responsabilidade para a grandeza agrícola do município que tem em S. S. um dos maiores lavradores de café.

Cidadão de elevada visão esthetica, a sua casa de moradia, sita á rua Major Leonel, conforme se vê no cliché anexo, é uma construcção elegante que beneficia distinctamente a cultura social do seu proprietario e recommenda o progresso da cidade de Ribeirão Claro.

Na politica vem o seu nome attrahindo desde muito as sympathias populares, como consequencia logica das suas virtudes excelsas, que, as melhores confianças, inspiram. Desempenha com muito brilho, ha 8 annos, o cargo de vereador municipal e nesse posto, as suas acções se têm revelado fecundas em tudo quanto fälla de perto aos interesses municipaes.

Fonte: Album do Paraná



Fonte: Album do Paraná

Fazenda Limeira

Esta fazenda é de propriedade do Sr. José Zuccolin.

Abrange uma área de terra calculada em 16 alqueires com uma plantação soberba de café num total de 14.500 pés, cuja produção tem excedido as expectativas do seu proprietário.

Está situada num local magnífico, a 509 metros acima do mar, dispondo de excelentes viaturas, automóveis, etc., além de gente habilitada para a movimentação do labor agrícola.

A fazenda é criteriosamente administrada pelo sr. Carlos Zuccolin, filho mais velho do proprietário e já esforçado agricultor.

O Sr. José Zuccolin é natural de Udine, Itália, tendo nascido em 19 de março de 1879 e é casado com D. Zelinda Bagoli de cujo consorcio tem a prole seguinte: Honesta, casada com o Sr. Primo Campana; Carlos, casado com D. Maria Malavaggio; Maria, casada com o Sr. João Pulmomari; Lucia, casada com o Sr. Pedro Malavaggio; Annita, casada com o Sr. José Palhari, Ideale e a senhorita Iessa.

A casa da fazenda, vendo-se os srs. José Zuccolim e Carlos Zuccolim, proprietário e administrador com suas exmas. familias.

Fonte: Album do Paraná

Fazenda Bom Gosto

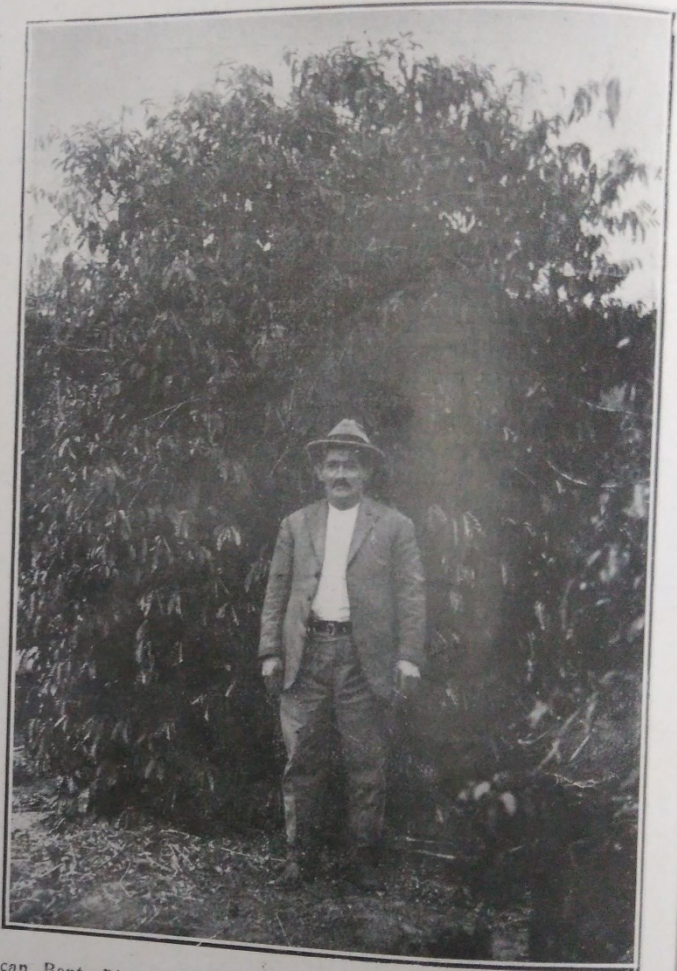
Encravada no perímetro da Fazenda Limeira, uma das mais prodigiosas zonas de cultura agrícola, a séde da "Fazenda Bom Gosto", nome característico e justificável, occupa a area de 105 alqueires de terra com 40.000 pés de café entre formados e nóvos.

Dotada de clima esplendido que faz a vegetação se desenvolver rapida e viril e ornada de magnificas paysagens que a potencialidade artistica difficilmente poderá imitar, a fazenda é um paraizo em miniatura, collocado no escriptorio predilecto do sertão. Dalli arrancaria um peregrino qualquer da arte a coroa de triumphos, bem merecida.

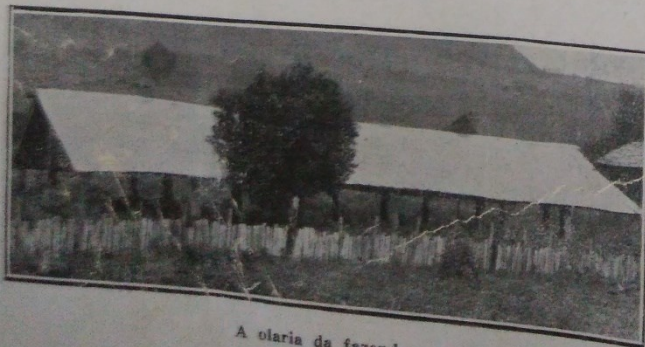
Alem da liberalidade da natureza, conseguiu seu esmerado proprietario adaptar-lhe os mais aperfeçoados machinismos da lavoura cafeeira e confortaveis meios de accomodação á grande colonia de operarios seus.

Annexa, funciona tambem uma Olaria com grande capacidade de producção, conforme evidenciam os nossos clichés.

E' seu proprietario o sr. Bento Pires de Souza, natural de Botucatu, Estado de S. Paulo, casado com D. Ambrosina Pereira da Silva e pae dos seguintes filhos: Sebastião, Benedicto e Vilarino.



O cap. Bento Pires de Souza, ante um cafeeiro gigante de sua fazenda.



A olaria da fazenda.

Não ha muito foi descoberto na mesma fazenda um minerio de grande futuro a ser explorado — uma pedra com indicios directos de um metal de alto valor.



“Pharmacia S. Luiz” do snr. Luiz Netto Caldeira

ESTABELECIMENTO de primeira ordem, instalado em 1922, á rua Dr. Xavier da Silva, nr. 60 em Ribeirão Claro, a pharmacia S. Luiz, graças á actividade e competencia professional de seu proprietario tem sabido grangear a sympathia collectiva da cidade. Desenvolvendo as suas funcções de reformador da saude alheia, as vezes em abalo sensivel, vem o sr. Caldeira adquirindo cubiçada fama como manipulador de productos chimicos, ao mesmo tempo que concorre para o engrandecimento da pharmacopéa nacional. Anexo á Drogaria funciona um excellente laboratorio dotado dos necessarios aparelhos de experencias e pesquisas.

O sr. Luiz Netto Caldeira é natural de S. Carlos do Pinhal, S. Paulo, filho do sr. João Evangelista Netto Caldeira, de saudosa memoria e de D. Maria do Carmo Mendes Caldeira, tendo nascido em

março de 1882. E' casado com D. Dulce da Silva Caldeira e tem quatro filhos que completam a felicidade do distincto casal. São elles: Edla, Lygia, José Carlos e Ely.



A "PHARMACIA S. LUIZ"



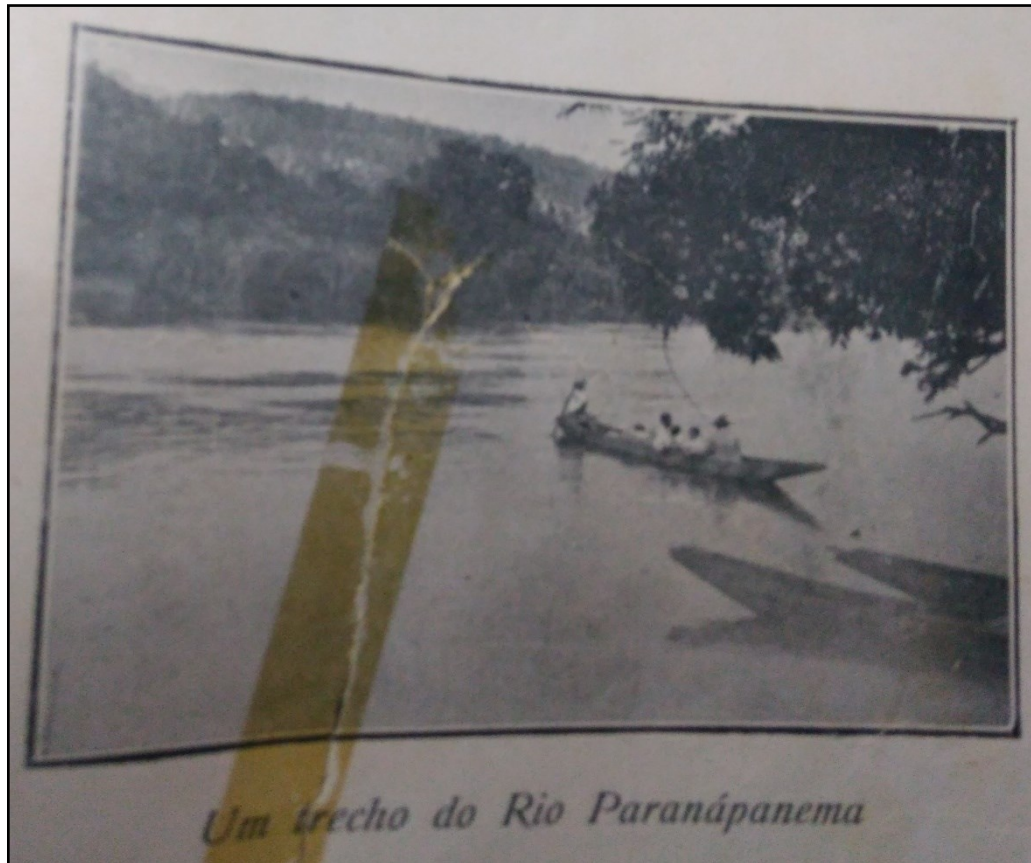
UM ASPECTO DA PHARMACIA S. LUIZ. VENDO-SE O SEU PROPRIETARIO SR. LUIZ NETTO CALDEIRA E OS SEUS FILHINHOS: JOSÉ CARLOS E ELY



Fonte: Album do Paraná



Fonte: Album do Paraná



Fonte: Album do Paraná

Fazenda Santa Eugenia dos Srs. Baptista Chiarotti & Filhos


 sr. Baptista Chiarotti  natural da provincia de Mantova, Italia, filho do sr. Vergilio Chiarotti e de D. Primitiva Mantovani, tendo nascido a 27 de maio de 1856. Casouse com D. Maria Campana, já falecida, tendo deste consorcio os filhos seguintes: Vergilio, Guilherme, Antonio, Primitiva, Lino, Ermide e Victorio.

A fazenda « Santa Eugenia » dista apenas 5 kilometros da cidade e muito vem se destacando, pelo espirito progres-




O CAFE' NO TERREIRO, SECCANDO PARA O BENEFICIO

Fonte: Album do Paraná

Album do Paraná


Felicio Minghini & Irmão



A séde da Fazenda

Os irmãos Minghini nasceram em Lucca, Itália, e são filhos do sr. João Minghini e D. Thereza Minghini. A fazenda "Santa Thereza" demora a 4 kilometros, apenas, de Ribeirão Claro, servida por bem conservada estrada de rodagem propria para automovel.

Vestem as suas terras feracissimas 70.000 pés de café, 60.000 já produzindo fartas mēsses, e 10.000 em formação. A safra deste anno era calculada em 10.000 arrobas, cujo producto é realmente admiravel em sua maioria constituindo os typos 3 e 4 cafés finissimos e estimados, que alcançam os mais altos preços, não só pela perfeição do beneficio, como pela consistencia, apparencia e aroma.



Os snrs. Felicio e Eugenio Minghini e suas exmas. familias.

Fonte: Album do Paraná

ANEXO B

Fotos da revista *Living Vectra*²⁵

A máquina de beneficiamento e ensacamento de café mais antiga da fazenda ainda opera

Fotógrafo: Fábio Pitrez

Fonte: *Living Vectra* (ed. 18, 2016)

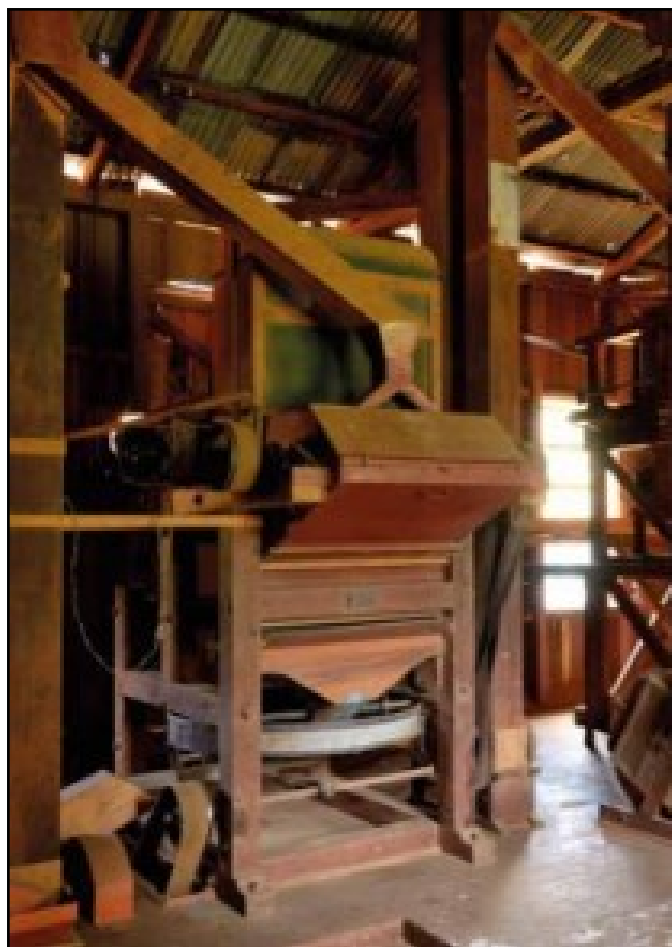
²⁵ *Living Vectra* é uma publicação periódica da Editora FAM para a Vectra Construtora, que na 18ª edição, publicada em dezembro de 2016, apresenta como matéria de capa “Rota do Café: cores, sabores e lembranças do nosso ouro verde”.



As casas dos colonos hoje acomodam cerca de trinta famílias na fazenda

Fotógrafo: Fábio Pitrez

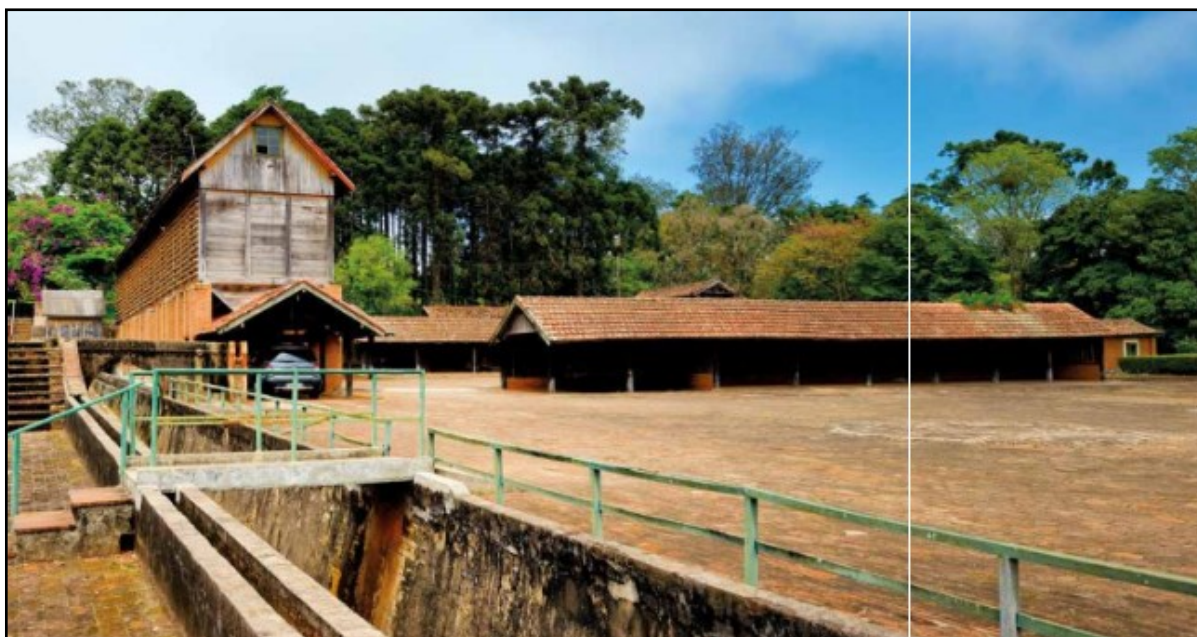
Fonte: *Living Vectra* (ed. 18, 2016)



Tulha secadeira de café

Fotógrafo: Fábio Pitrez

Fonte: *Living Vectra* (ed. 18, 2016)



Fotógrafo: Fábio Pitrez
Fonte: *Living Vectra* (ed. 18, 2016)



A primeira casa colonial da Fazenda Monte Bello segue preservada
Fotógrafo: Fábio Pitrez
Fonte: *Living Vectra* (ed. 18, 2016)



As araucárias, símbolo do Paraná, e uma charmosa capela
recebem os visitantes da Fazenda Platina

Fotógrafo: Fábio Pitrez

Fonte: *Living Vectra* (ed. 18, 2016)